This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 407436

811

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

ROTEIRO

DA

VIAGEM DE VASCO DA GAMA

Godofredo

ROTEIRO DA VIAGEM

DE

VASCO DA GAMA

EM MCCCCXCVII

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada de algumas observações principalmente philologicas

POR

A. HERCULANO E O BARÃO DO CASTELLO DE PAIVA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

MDCCCLXI

G
401
G18
R84
1861

515450-013

ADVERTENCIA DA SEGUNDA EDIÇÃO

A narrativa da viagem de Vasco da Gama no descubrimento da India, escripta por um dos que tiveram parte naquella expedição naval a mais celebre da historia moderna, é um dos ineditos de maior importancia publicados em Portugal neste seculo. A avidez com que foi procurada e lida a primeira edição, e a raridade dos exemplares della moveram-nos a reimprimir essa narrativa. Emprehendendo este trabalho procurámos expurgar dos defeitos da primeira edição tanto o texto como as notas, defeitos filhos da inexperiencia dos editores e da sua impaciencia em darem á luz, no meio de diffi-

culdades de mais de um genero, tão precioso monumento historico. Reproduzindo as anteriores notas, redigidas e ordenadas em melhor fórma, accrescentámos juncto ao texto varias outras, principalmente philologicas, que nos pareceram uteis para facilitar a intelligencia do mesmo texto.

Na transcripção deste para a primeira edição havia-se exaggerado o escrupulo da fidelidade, ultrapassando a meta do que exigem as regras da diplomatica. Esse excesso não servia senão de augmentar os embaraços da leitura de uma narrativa escripta rudemente, e onde a grammatica, e por consequencia a clareza da dicção são a cada momento preteridas. Assim substituimos o *j* usado no manuscripto e na primeira edição como *i*, porque estes dous signaes, que hoje representam duas letras diversas, eram naquella epocha duas fórmas arbitrarias da mesma letra, empregando-se não só o *j* como representando o som do *i*, mas tambem o *i* como representando o som do *j*. Do mesmo modo substituimos a numeração romana conforme se exprimia nos ultimos seculos da idade media, e ainda durante boa parte do seculo XVI, pelo for-

mulario correcto que o renascimento das letras, e o estudo dos monumentos lapidares latinos fizeram adoptar depois, e que os paleographos tem adoptado sem que reputem menos exactas e rigorosas as transcripções dos manuscriptos dos seculos medios. No resto conservámos com o mesmo escrupulo a translação fiel de tudo quanto dizia respeito á barbara orthographia do auctor que, pertencendo a uma classe menos culta, augmentava escrevendo os erros communs até entre os melhores escriptores da sua epocha.

Entendemos dever seguir na presente edição o systema, geralmente adoptado na publicação de antigos ineditos, supprindo as làcunas de letras ou syllabas omittidas no codice, mas imprimindo-as em italico. A importancia deste monumento que pertence á historia das nações modernas da Europa, e não unicamente a nós, torna-o necessario não só a naturaes, mas tambem a estrangeiros que hajam de tractar das navegações e descubrimentos dos seculos XV e XVI. Para estes essas lacunas seriam mais um embaraço accrescentado á intelligencia de um escripto já de si barbaro. Foi tambem e principal-

mente em attenção a elles, que indicámos em nota a verdadeira leitura de algumas palavras excessivamente deturpadas, e que buscámos designar a accentuação todas as vezes que da falta della podesse resultar erro ou confusão de sentido, querendo antes, nesta parte, peccar pòr excesso do que por omissão.

Fizemos no prologo e notas da primeira edição algumas suppressões e mudanças aconselhadas pela necessidade de rectificar opiniões menos exactas e de dar melhor ordem ás idéas. Tal foi a suppressão do que sobre a narrativa do bispo Osorio se dizia na nota final relativa a pag. 9. A conspiração contra Vasco da Gama, e a repressão dos conspiradores é particularisada por Gaspar Correia nas *Lendas da India,* sendo facil d'explicar o silencio de Castanheda, Barros e Goes pelo mal entendido receio de deslustrar os companheiros de Gama. Do mesmo modo julgámos conveniente incorporar no prologo o que se dizia n'uma nota final sobre as causas provaveis de se achar incompleto o Roteiro, e sobre as recompensas concedidas a Vasco da Gama por elrei D. Manuel. Era aqui o seu mais proprio logar. Reimprimindo em ap-

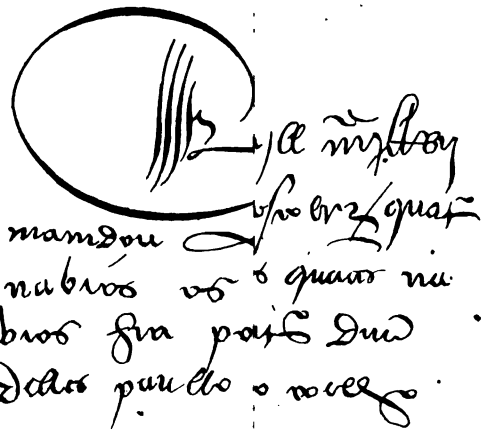
pendice um documento relativo a essas recompensas que fôra impresso incorrectamente na anterior edição, addicionámos-lhe outro não menos curioso para a biographia do descubridor do Oriente.

Alludimos acima ás *Lendas da India* de Gaspar Correia. A publicação deste livro emprehendida pela Academia veio, digamos assim, augmentar a valia do Roteiro da Viagem de Vasco da Gama. As Lendas, inferiores pela fórma ás Decadas de Barros, e até se quizerem á rude historia de Castanheda, são quanto á substancia muito superiores áquellas, e ainda á humilde, mas evidentemente sincera, narrativa de Castanheda. Á maior auctoridade de um homem que tinha intervindo em grande parte dos successos que narra, e que estivera collocado por muito tempo n'uma situação vantajosa para appreciar bem os acontecimentos da India, associa-se no livro de Correia á candura que transparece nos seus periodos singelos uma pontualidade e naturalidade em descrever os factos, que inspiram confiança no mais subido gráu. Em relação á viagem do descubrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa historia da India, as Len-

medalha, mais nitidamente representada no tomo IV da Historia Genealogica de Sousa, é revestida de grande interesse. Substituimos esse quadro por um retrato inedito d'elrei D. Manuel pintado n'uma das portadas dos livros chamados de Leitura Nova (1.º de Alemdouro) no archivo da Torre do Tombo. O primor das illuminuras dos primeiros volumes daquella vasta collecção, e dos quaes os de Alemdouro são os mais antigos, persuade que o retrato é altamente parecido. Pelo menos, temos a absoluta certeza de que é contemporaneo.

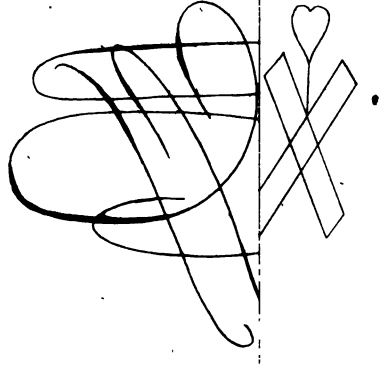
Os retratos tanto de D. Manuel, como de Vasco da Gama são acompanhados das respectivas assignaturas —*ho conde almirante* —*Rey*. O facsimile do manuscripto é o mesmo da primeira edição. Pelos motivos que no prologo della se deram ajunctou-se-lhe ahi a assignatura de Castanheda, mas como duvidosa. Nenhum motivo havia para isso. Todos os exemplares da Historia da India que temos visto tem a assignatura do auctor, que é indubitavelmente aquella. Que a copia existente do Roteiro seja da mão de Castanheda é o que seria difficil provar, ainda que se achasse alguma cousa escripta por elle mais ex-

tensa do que uma assignatura. O talhe do cursivo em que está escripto o codice é demasiado vulgar na primeira metade do seculo XVI, e não se poderia attribuir com segurança a nenhum determinado escriptor.

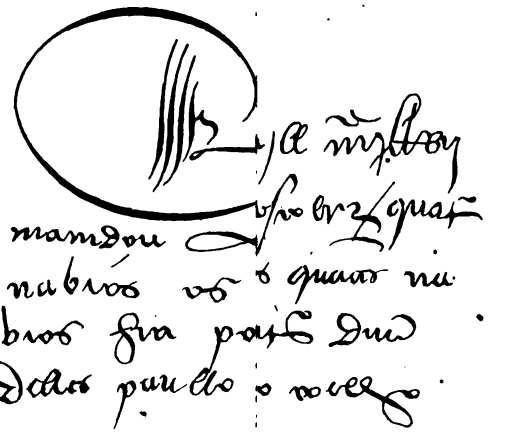


Assignatura de

a do papel do MS.

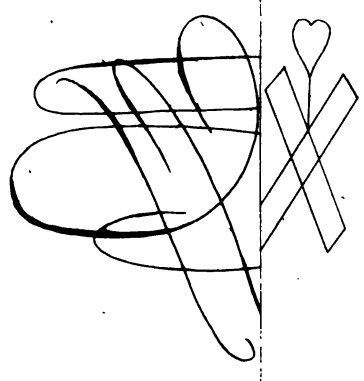


Lith. da Imp. Nacional



Assignatura de

a do papel do MS.



Lith. da Imp. Nacional.

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O descubrimento da India deu á historia portuguesa a sua mais bella pagina. A audacia dos que o tentaram e conseguiram através de innumeraveis riscos e padecimentos, se a compararmos com os meios que então offerecia a arte de navegar e com os terrores que defendiam esses mares ignotos, é a mais illustre prova da robustez dos antigos corações portugueses. As revoluções de tres seculos, no augmento e decadencia dos povos da Europa; o sceptro dos mares passando rapidamente de Veneza e Genova para Portugal, de Portugal para Hespanha, d'Hespanha para a Hollanda, da Hollanda para a In-

glaterra; e todos estes successos ligados com a conquista da India, tornam o seu descubrimento um facto europeu, um facto a que se vae prender a moderna historia de todos estes povos, que lhe deveram o seu engrandecimento e os seus males. Desde o Adriatico até o mar das Hebridas a palavra *India* soa como um grito de recordações dolorosas, de gloria e de remorsos. Com effeito, quantos crimes gerou esse Oriente tão cubiçado, e por quantas lagrimas se tem comprado os seus aromas, as suas especiarias, e o seu ouro! Que nação se pode gabar de haver senhoreado o Indostão sem o seu titulo de posse apparecer manchado de traições, de perjurios e de barbaridades! Portugal pagou com mais de dous seculos de opprobrio e de amargura oitenta annos de crimes, e a sua conta saldou-se perante Deus e os homens. As conquistas da Asia passaram a mãos estranhas, e a gloria desassombrada e pura é o que nos cumpre receber da herança de nossos maiores. Assim tudo o que servir para recordar as façanhas delles no Oriente será bom serviço da patria traze-lo a lume: nós cremos, portanto, ser uteis publicando o presente Roteiro.

O manuscripto que damos ao publico pertencia á collecção do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, e hoje existe na bibliotheca da cidade do Porto, para onde foi trazido com os demais manuscriptos daquella antiga e preciosa collecção.

Vê-se não ser autographo do que se lê a paginas 64 do manuscripto, onde diz: *ficou na ponta da pena ao auctor deste livro como estas armas são fectas*[1]. Esta intercalação é obviamente uma nota do copista que trasladou o original. Apesar de copia, o manuscripto, comtudo, mostra pelo talho e caracter da letra não ser posterior aos começos do seculo XVI, do que o leitor períto se póde certificar pela inspecção do fac-simile das primeiras linhas, que reproduzimos nesta publicação.

Acha-se o codice assignalado actualmente, segundo a numeração provisoria da bibliotheca portuense, com o numero 804. O formato é de folio; o papel de consistencia ordinaria e assás escuro de côr: nelle se distingue, alèm das usuaes marcas d'agua em direcção longitudinal, a devisa propria do fabricante, pelo modo que se vê na estampa a que nos temos referido.

[1] Pag. 87 desta segunda edição.

A côr da tinta, posto que um pouco desmaiada, está bem distincta ainda. Acha-se o codice, pelo uso que delle se tem feito, separado da folha de pergaminho (tirada d'algum livro de officios ecclesiasticos) em que fôra mal enquadernado; sendo precedido e seguido d'uma folha de papel em branco, de contextura e marca de mais moderno fabrico do que o do texto, distinguindo-se na que precede o manuscripto tres linhas de letra de talho mais recente, as quaes, apesar da diligencia com que se procuraram apagar, ainda é possivel lêr. Dizem estas:

Pertinet ad usum fratris Theotonii de Sancto G.... Canonici Regularis in Cenobio Scte Crucis.

Logo abaixo se lê

Dõ Theotonio;

e quasi no fim da pagina, em letra dos nossos dias, que nos parece da mão d'um dos bibliothecarios do referido mosteiro, o titulo

Descobrimento da India por D. Vasco da Gamma,

que se acha repetido na mesma letra na face da capa de pergaminho, e no alto da pagina em que começa o manuscripto.

Nenhum livro se imprimiu até hoje ácerca da viagem feita no descubrimento da India, que fosse escripto por testemunha ocular daquelle successo. A unica memoria contemporanea é a relação, que Ramusio publicou em 1554, como escripta por um gentilhomem florentino que se achava em Lisboa ao tempo em que Vasco da Gama voltou, e que redigida com bastante confusão, como obra de quem conta o que promiscuamente ouviu dizer a uns e a outros, está mui longe de se poder considerar como uma relação historica do descubrimento da India[1].

O nosso bibliographo Barbosa Machado attribuiu uma relação desta viagem ao mesmo Vasco da Gama; mas sem nos dizer onde existia, indicando que nunca fora estampada. A pag. 775 do tomo III da Bibliotheca Lusitana (1752) achamos, depois do panegyrico de Vasco da Gama, as palavras seguintes:

«Compôz *Relação da Viagem que fêz á India em o anno de 1497*. Desta obra e seu auctor fa-

[1] Nota I ao prologo no fim do volume.

zem menção Nicoláo Antonio Bib. Hisp. Vet. lib. 10. cap. 15. §. 843, e Antonio de Leão, Bibliot. Ind., tit. 2.°, e o seu addicionador, tomo 1.° tit. 2. col. 25.»

Não podémos cotejar a citação que faz Barbosa de Antonio de Leão, por não termos alcançado o seu livro; mas em quanto á da Bibliotheca de Nicoláo Antonio achamos, tanto na edição de 1672 como na de 1788 (posterior a Barbosa Machado) no logar apontado as palavras seguintes:

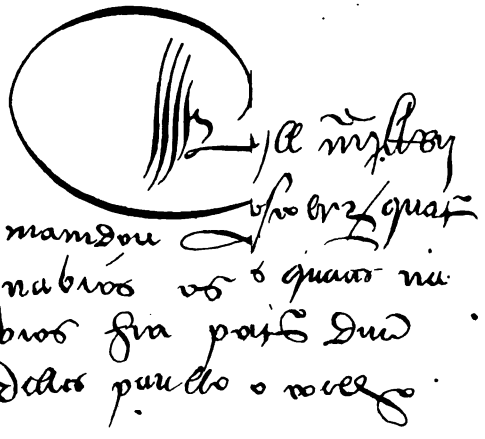
«Vascus da Gama.... dedit reversus Emmanueli suo regi populari Portugaliæ idiomate navigationis suæ ad Indiam anno MCDXCVII relationem, *quæ lucem* vidit:» donde poderiamos colligir ter sido tal obra impressa. É licito, porém, hesitar em attribuir ás palavras *quæ lucem vidit* de Nicoláo Antonio a accepção usual de *foi impressa,* pois temos reparado que neste auctor nem sempre se fez escrupuloso uso de tal expressão, applicando-a alguma vez a obras que não passaram de manuscriptas. Sirva de exemplo a noticia seguinte extrahida de sua Bibliotheca Hispana Nova (ed. de 1788), tomo II, pag. 399. «Anonymus Lusitanus, in eadem bi-

bliotheca servatus, *dedit in lucem,* lusitanè; «*Derrotero desde Lisboa al Cabo de Buena Esperanza y India Oriental,* cum figuris versicoloribus, ms. in 4.°»

É pena que nenhum dos bibliographos citados indicasse a fonte donde bebeu as suas informações, deixando-nos, particularmente Barbosa, na duvida se as que obteve foram resultado de indagações proprias, ou se foi mero copista do que a este respeito advertem as duas auctoridades por elle citadas; não sendo esta nossa duvida destruida pela circumstancia de elle não se adiantar tanto como Nicoláo Antonio em asseverar que a relação de Gama fôra impressa, porque póde mui bem ser que não tendo nunca encontrado tal obra, duvidasse da sua publicação.

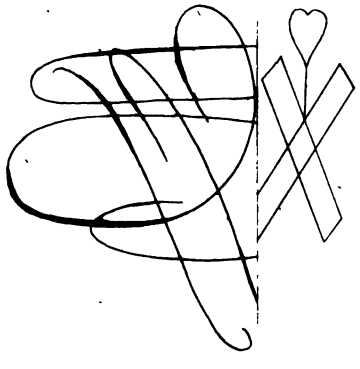
Esta *tradição* (como lhe chama José Carlos Pinto de Sousa na sua Bibliotheca Historica) de ter Vasco da Gama escripto uma relação de sua primeira viagem tornou-se vulgar. Em toda a fieira dos Diccionarios Historicos franceses, repetidas de edição em edição, achamos as palavras seguintes:

«Diz-se que publicou a relação de sua pri-



Assignatura de

a do papel do MS.



Lith. da Imp. Nacional.

da Gama; pois diz Mariavel que ella «*no se halla ni se encuentra*».

Seja, porèm, quem for esse bibliographo, quanto a nós, tanto elle como os mais escriptores que temos citado se enganaram.

Quando Ramusio fez a sua Collecção de Viagens não poupou diligencias para alcançar os impressos e manuscriptos de mais nomeada e veracidade, que fizessem a seu intento de dar reunidas n'um corpo todas as noticias relativas aos descubrimentos e navegações dos modernos. Não só quem ler os prologos dos *Giuntas*, editores da collecção, ficará convencido disso, mas tambem quem se lembrar de que alli apparecem algumas relações, escriptas por portugueses, e cuja existencia ignorariamos se lá não se encontrassem. Sendo isto certo, não nos parece de crer que a narração da viagem de Vasco da Gama, por elle proprio escripta, fosse tão desconhecida, que escapasse ás indagações de Ramusio; e tanto mais que não foi por abundancia de outras relações que elle a ommittiu, visto que para inserir na sua collecção alguma cousa tocante ao descubrimento da India, aproveitou o livro III da 1.ª Decada de João de Bar-

ros, que havia pouco tinha publicado as duas primeiras Decadas da sua Asia.

Accresce que citando-se nos nossos escriptores das cousas do oriente tantas obras, hoje inteiramente perdidas, em nenhuma, que nós saibamos, se encontram rastos da relação de Vasco da Gama, a qual, se existisse, fora com razão mui nomeada por ser composição do homem que mais estava no caso de escrever a historia daquella arriscada e gloriosa empresa. Estas razões negativas são reforçadas por outra, que vem a ser o não declarar nem Barbosa nem nenhum dos bibliographos que apontámos, por que modo alcançaram noticia da obra de Vasco da Gama. Assim tudo nos induz a crer que a «Relação» do almirante é um sonho bibliographico, que talvez tivesse uma origem bem simples ácerca da qual vamos aventurar a nossa opinião.

É provavel que o manuscripto que publicamos fosse noticiado aos estudiosos da nossa historia litteraria com o titulo por que era conhecido na livraria de S. Cruz, como se deprehende do que acima advertimos, isto é, com o titulo de *Relação do Descobrimento da India por D. Vasco*

da Gama, ou outro semelhante. Póde muito bem ter acontecido que sendo a preposição *por* referida pelo noticiador ao substantivo *descobrimento,* fosse pelo bibliographo, a quem foi communicada a noticia, referida a *D. Vasco da Gama,* e daqui, pelo equivoco da construcção grammatical, nascesse ser este considerado como auctor da referida relação. Esta opinião parece-nos a mais provavel, e podemos sem temeridade suspeitar que foi o manuscripto que ora offerecemos ao publico que deu motivo a crer-se que o descubridor da India tinha escripto a relação de sua viagem. Ao menos em quanto esta não apparecer é licito duvidar de sua existencia e conjecturarmos do modo mais plausivel sobre a origem de semelhante *tradição* litteraria.

Quem porèm fosse o auctor do nosso manuscripto é que não pudémos alcançar. Do contexto da obra se colhe que não era nenhum dos capitães, nem dos pilotos dos navios, mas sim um simples soldado ou marinheiro que pertencia á tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do almirante, e que tinha comtudo alguma valia, pois que o achamos falando de si, na primeira pessoa, em occasiões de serviço

para as quaes é mui de pensar houvesse escolha nos individuos a quem este se encarregava. Em Calecut foi um dos doze que Vasco da Gama levou comsigo quando desembarcou para ter audiencia do Samorim: e isto, posto que não determine completamente quem fosse, já dá logar a algumas conjecturas. Castanheda na «Historia do Descubrimento, etc.» nos conservou os nomes de alguns delles, nomeando a Diogo Dias, escrivão de Vasco da Gama, Fernão Martins o lingoa, o seu veador (cujo nome não aponta), João de Sá, escrivão de Paulo da Gama, um marinheiro chamado Gonçalo Pires, que fora da criação do capitão mor, um Alvaro Velho, e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho. Ora dado, como adiante diremos, que o manuscripto agora impresso foi a principal fonte a que recorreu Castanheda na sua historia, é mui de suppor que, attenta a epocha em que viveu, e as diligencias que fez para apurar a verdade, não ignorasse quem fora o auctor, e que declarando este ultimo ter sido um dos referidos doze (veja-se adiante pag. 54) fosse tambem um dos que Castanheda expressamente nomêa entre os doze. O contexto da obra exclue, porèm, immediata-

mente e com toda a evidencia a Diogo Dias, a Fernão Martins, ao veador de Vasco da Gama (fosse quem fosse), e a Alvaro de Braga. João de Sá é igualmente excluido pelas seguintes ponderações: 1.ª, por ter o auctor sido um simples soldado ou marinheiro (e mais provavelmente marinheiro), como se deduz das expressões de que usa quando fala genericamente dos da sua classe em contraposição aos capitães, dizendo, por varias vezes, *nós outros, alguns de nós outros;* 2.ª, por uma circumstancia que narra Castanheda (liv. I, cap. 16.º) da qual se mostra que João de Sá duvidava muito do *christianismo*[1] dos habitantes de Calecut, no qual parece que firmemente cria o nosso auctor; 3.ª, por alguns serviços em que este indica ter sido empregado, como sondas (pag. 24) que mais convem a marinheiro que a escrivão, posto que saibamos pela historia que João de Sá fora tambem soldado e nautico; 4.ª, pela evidencia in-

[1] Os nossos primeiros navegantes imbuidos das exaggeradas relações que corriam relativamente á profissão religiosa do Preste João que se dizia ser christão, tendo encontrado alguns dos denominados christãos de S. Thomé, e tendo poucas idéas de outra religião que não fosse a sua ou o islamismo, facilmente acreditaram, no começo, que os indios eram christãos.

trinseca do estylo e narrativa, que nos parece mostrar bem sua humilde condição.

Sobre os dous que nos restam poderia haver duvida se Castanheda não viesse em nosso auxilio. Destes dous, a saber, Alvaro Velho e Gonçalo Pires, ficará o ultimo excluido de se lhe poder attribuir o roteiro pela comparação das passagens parallelas de Castanheda e do nosso auctor, das quaes, falando o primeiro em Gonçalo Pires, vemos que o segundo o distingue de si proprio.

CASTANHEDA LIV. I, CAP. 21	ANONYMO PAG. 69
O catual.... levou Vasco da Gama ao longo da práya; e como elle tinha má suspeita desta gente pelo que lhe fora feito em Calecut, disse a *Gonçalo Pirez,* o marinheiro, que *com outros dous* dos nossos fosse diante o mais que podesse, e se achas-	Então nos levaram ao longo da praia. E o capitão parecendo-lhe aquillo mal mandou diante *tres homens,* e que se achassem os bateis dos navios e ahi estivesse seu irmão, que se escondesse...

se Nicoláo Coelho com os bateis, lhe dissese que se escondesse...

Passam depois um e outro auctor a narrar como estes tres homens se perderam do resto da comitiva do capitão-mor, e accrescentam:

CASTANHEDA (IBIDEM)	ANONYMO PAG. 71
E estando assi chegou, *Gonçalo Pirez* com recado de Nicoláo Coelho que o esperava com os bateis...	E estando nós assi, veio *um daquelles homens* que se de nós perdera o outro dia á noute, e disse ao capitão que Nicoláo Coelho estava desde o outro dia á noite com os bateis...

Desta fórma resta-nos Alvaro Velho, que mui bem podemos suspeitar ser o auctor da relação que publicamos. Claro fica, porèm, que isto não passa de mera conjectura fundada nas premis-

sas, de que Castanheda sabia quem era este auctor, é de que a reconhecida veracidade do infatigavel historiador do descubrimento da India não o desamparou nas citadas passagens.

Quanto o nosso manuscripto valeu a Castanheda colhe-se do facto de ter sido a primeira metade do livro I da Historia da India quasi litteralmente copiada da relação que publicamos, verdade de que os leitores que confrontarem as duas obras facilmente se convencerão. A concordancia dos dous escriptos ficará mais evidente se neste exame nos servirmos da primeira, e rarissima edição do livro I, impresso em 1551, onde, alèm da quasi identidade que offerece o contexto geral, ler-se-ha no capitulo 27.° a seguinte passagem assás significativa: «e os pilotos disserão que erão nos baixos do Rio Grande, *e as mais particularidades que daqui por diante passou o capitão mor até a Ilha de Santiago eu não as pude saber;* sómente etc.» periodo que na subsequente edição de 1554 foi supprimido, sem que, todavia, appareçam especies ou factos novos que tornassem fundada a suppressão daquelle periodo. O que é certo, porèm, é que tanto na primeira como na segunda edição a

narrativa particularisada da viagem no livro de Castanheda não passa do ponto em que cessa o roteiro que publicamos, o que vem corroborar plenamente a idéa de ter sido este a fonte a que o auctor da Historia da India recorrera[1].

Quando primeiramente tomámos este manuscripto entre mãos, a circumstancia de ter elle vindo de Coimbra onde Castanheda escrevera e publicara a sua obra, de ter sido esta, como dissemos, fundada, em quanto á primeira viagem á India, neste manuscripto, e a da semelhança do talho da letra com uma assignatura, que razoavelmente se póde suppor de *Fernão Lopes* de Castanheda, a qual se encontra no fim d'um exemplar da edição de 1554 do livro I existente na bibliotheca portuense; tudo nos induziu a suspeitar que este manuscripto fosse o mesmo de que elle se servira na composição de sua historia, sendo tal copia um daquelles trabalhos de buscar e trasladar as memorias que diziam respeito ao seu intento, trabalho em que, segundo elle nos testifica, se occupou por espaço de vinte annos com tanto gasto de sua fazenda e estrago

[1] Nota II ao prologo no fim do vol.

de sua saude. Mas sendo tão difficil concluir a identidade de letra de mão pela inspecção de assignaturas corridas, tentámos immediatamente instituir indagações na universidade de Coimbra (onde Castanheda foi bedel e guarda do cartorio) a fim de obtermos fac-similes tanto da letra usual de Castanheda como de sua assignatura; mas tem até hoje sido mallogrados (por motivos que escusamos apontar) os nossos desejos. Apresentamos, comtudo, aos nossos leitores o fac-simile da assignatura a que alludimos, não só como objecto de curiósidade, mas tambem para subministrar um fio que talvez possa, neste presupposto, servir de guia a indagadores subsequentes.

Terminaremos esta longa serie de duvidas e conjecturas dizendo que talvez todas ellas desapparecessem se encontrassemos o catalogo (que nos parece incrivel não houvesse) dos manuscriptos de Sancta Cruz de Coimbra, no qual, quando não se corresse de todo o veu que encobre o nosso anonymo, poderiam mui bem offerecer-se circumstancias que nos ajudassem, tanto a repellir com argumentos irreplicaveis a opinião que attribue uma relação da sua viagem a Vasco da

Gama, como a determinar com maior gráu de probabilidade quem fosse o auctor da relação que publicamos.

Pelo que toca ao merito de estylo e linguagem, debalde se buscará neste inedito cousa da menor valia nesta parte; nem é de admirar que assim aconteça em um livro escripto por um soldado ou marinheiro, quando até nas obras dos eruditos daquella epocha muitas vezes se busca em vão a concordancia grammatical. O merito, porèm, deste roteiro consiste, não na linguagem nem no estylo, mas em ser escripto por uma testemunha ocular do portentoso feito do descubrimento da India.

Na copia que damos ao publico procurámos cingir-nos o mais possivel ao original; por isso conservámos a irregularidade de sua orthographia, e não quizemos corrigir os solecismos em que muitas vezes o auctor cai. Declaramos que somos contrarios á reimpressão dos nossos escriptores antigos com a orthographia dos tempos em que escreveram, que não serve hoje senão de difficultar a intelligencia e em muitos casos a belleza de phrase; e atrevemo-nos a affirmar que a este systema e ás consequencias delle de-

vemos até certo ponto a mui pouca licção que entre nós infelizmente se encontra dos classicos nacionaes, sendo raro o individuo que, sem manifesta propensão para o estudo das antiguidades, se queira dedicar assiduamente a uma leitura que é tão contraria áquella a que está habituado. Julgámos todavia que na publicação d'um escripto que apparece pela primeira vez depois de tão longo lapso d'annos desde o tempo em que foi composto, que não offerece garantia externa de nome de auctor, que sómente se torna fidedigno por provas extrinsecas de authenticidade, e que, de mais, parece ter servido de base a outra mais elaborada narrativa do descubrimento da India, deviamos ligar-nos a uma copia litteral. Lembrou-nos a principio regularisar a orthographia; mas se isso fizessemos mal poderiamos escusar-nos á correcção do texto, em fórma tal que mais pareceria obra nossa do que do seu original escriptor.

Sujeitando-nos aos preceitos que derivam destas considerações, conservámos o uso do *s* singelo com o som de *ç*, que pela maior parte das vezes no manuscripto se encontra, e o *j* com o som de *i* longo, onde assim o encontrámos. Desta sorte

escrevemos *noso* por *nosso, majs* por *mais, jso* por *isso*. Da mesma fórma não quisemos supprimir as letras dobradas (como por exemplo os *rr*) de que, contra o estylo moderno e sem necessidade, os nossos antigos usavam no começo e até no meio das palavras; nem quizemos introduzir letra que duplicasse, quando o auctor assim não escreveu. Seguimos tambem o mesmo systema de numeração que no manuscripto encontrámos, e quando possa haver difficuldade referimos a sua explicação a notas no fim do volume, onde procurámos elucidar o texto em beneficio do leitor[1].

Fomos comtudo obrigados a afastar-nos do restricto systema de copia no uso de letras majusculas para o principio dos nomes proprios de pessoas, terras etc., pois d'outro modo, conservando as minusculas do que o auctor usa, ficaria mui confusa a apparencia do texto e desagradavel a leitura. Fomos tambem obrigados a introduzir mais signaes orthographicos do que encontrámos, a fim de tornar o sentido mais corrente e evitar equivocações; mas d'uma e outra cousa fomos o mais economicos que pudé-

[1] Veja-se a respeito deste paragrapho o que advertimos no prologo da presente edição.

mos a fim de conservar as feições caracteristicas do original. Igualmente emendámos alguns erros evidentemente de copia, como quando por *alega* escrevemos *alegria,* por *mata matamos,* etc., etc. Finalmente recommendaremos a quem a difficuldade da orthographia tornar repugnante a leitura do Roteiro, que persista até tres ou quatro paginas, e verá desvanecer-se, com este pequeno ensaio, toda a apparente difficuldade.

No mappa demonstrativo da derrota de Vasco da Gama, procurámos, marcando a verdadeira direcção della (até onde é possivel), mostrar o nenhum fundamento das asserções que entre nacionaes e estrangeiros tem apparecido ácerca da impericia dos descubridores e casualidade do descubrimento da India. Citaremos, d'entre outros, o desembargador Antonio de Mariz Carneiro, cosmographo mor do reino, que no seu «Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegação da India» (Lisboa, 1642) diz:

«O descubrimento da India se fez em tempo d'El Rey Dom Manuel, no anno de 1497, por Dom Vasco da Gama, fidalgo de sua casa; costeando a costa de Guiné e Angola, chegou ao

Cabo de Boa Esperança, onde acabando-se-lhe a terra austral, pela qual tantos dias avia navegado, guiado mais por Deos Nosso Senhor, que por roteiros nem informações que levasse a que parte do mundo a India estava e só com aquelle seu esforço e invencivel animo não temeo dobrar o dito cabo, etc.»

E quando encontramos nacionaes assim desfigurando os factos, não é de admirar que entre estrangeiros se adoptêm certas idéas, que até na fórma redundam em desdouro de nossa fama pela linguagem menos comedida em que são expressas. Já Pedro Nunes tinha dicto, na sua *Defensão da Carta de Marear,* que «estes descubrimentos de costas, ilhas e terras firmes, não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e provídos de instrumentos, e regras de astrologia, e geometria»; e com effeito basta consultar mui superficialmente a generalidade de nossos historiadores para achar as provas de que «a nossa navegação foi sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas; guiada pelos principios da Cosmographia e Geographia, apoios da Nautica; talhada sobre um pla-

no luminoso, constante e regular; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astronomia e Geometria[1].»

Vasco da Gama ia munido de quantas instrucções e soccorros lhe podiam subministrar a observação, a politica, e as sciencias daquelle tempo; que de tudo fazem fé os nossos historiadores. O seu destino lhe foi d'antemão marcado, a saber Calecut, para cujo rei elle levava uma carta de D. Manuel. Reunida a frota nas ilhas de Cabo-Verde, elle d'ahi partiu engolfando-se no oceano atlantico austral por um rumo que não se afastava muito do sul, para o que se aproveitou do conhecimento dos ventos geraes da costa occidental d'Africa, que eram contrarios á sua derrota, e da direcção que a costa oriental, já descuberta até certa distancia por Bartholomeu Dias, seguia do sul para o norte. Chegado a uma latitude sul proxima á do cabo de Boa Esperança, dirigiu-se no rumo do oeste, o que, ao passo que mostra como elle se estribava em principios scientificos, em nada diminue a audacia da empreza. Que o seguir tal carreira não era casual,

[1] Antonio Ribeiro dos Santos, *Mem. de Litt. Port. da Acad. R. das S. de Lisboa*, tomo viii, pag. 169.

prova-se pelos conhecimentos que já então havia sobre a materia, pelo presente Roteiro, e por *todas as subsequentes navegações*[1] á India; e se Cabral em 1500 descubriu o Brazil, foi que, conforme o exemplo de Vasco da Gama, elle seguiu o rumo do sul, apartando-se porèm demasiadamente para oeste. No mar indico, que lhe era desconhecido, achamos o almirante correndo ao longo da costa d'Africa do sul ao norte, até encontrar piloto que o conduzisse a seu destino, e com cujo soccorro o vemos aproveitar-se das monções tanto para a sua ida a Calecut como na volta, bem que na primeira viagem fosse mais feliz que na segunda. Nesta, depois de dobrado o cabo da Boa Esperança, achamo-lo mettendo-se na corrente dos ventos geraes do sudoeste da costa occidental d'Africa, a fim de chegar ás ilhas do Cabo Verde.

São estas as circumstancias que quizemos apontar na carta reduzida de sua derrota, a qual temos marcada pelos rumos, os quaes, ainda que se não devem considerar senão como approximações, nos parecem condizer melhor com a verdade do

[1] Vid. a Collecção de noticias geographicas da academia, nas Viagens de Cabral, Thomé Lopes, João d'Empoli, etc.

que as arbitrarias derrotas que na maior parte dos mappas, em que esta navegação se acha marcada, lhe são assignadas.

O Roteiro que publicamos não passa, infelizmente, alèm do dia 25 de abril de 1499[1], pouco antes de Nicoláo Coelho se apartar de Vasco da Gama. Ventila-se ainda se este apartamento foi devido á força do temporal, ou se foi proposito deliberado de Nicoláo Coelho, que valendo-se de ser a sua caravella mais veleira que o navio do capitão mor quiz disso tirar vantagem para ser o primeiro em dar a noticia do descubrimento da India. Sem pretender derimir a contenda, para o que não estamos habilitados, não podemos deixar de inclinar-nos a interpretar em mal a abrupta terminação do Roteiro, circumstancia que, suppondo que o auctor, queimado o navio S. Raphael, passasse para o Berrio capitaneado por Nicoláo Coelho, parece lançar ainda mais mysterio sobre o caso. É na verdade a minoria de nossos historiadores que at-

[1] É erro manifesto do bispo Osorio dizer que a armada na volta para Portugal dobrou o cabo de Boa Esperança a 26 de abril de 1499. Vimos que o dobrou a 20 de março.

tribue a Nicoláo Coelho sinistros motivos, e a maioria pelo contrario, que, attribuindo a sua separação do capitão mor á occurrencia d'uma tempestade, diz que quando elle chegára á barra de Lisboa e não achára noticias de Vasco da Gama, quizera voltar em sua busca, no que fôra impedido pelas ordens de D. Manuel. Mas occorre-nos a duvida de que, se a referida separação se verificou antes da chegada das duas embarcações ás ilhas de Cabo-Verde, como é que Nicoláo Coelho não procurou tomar porto nellas, pois assim como foram ponto de reunião em casos taes na ida deviam se-lo na volta.

Quanto á continuação da viagem, é sabido que Nicoláo Coelho chegou á barra de Lisboa em 10 de julho de 1499, e que Vasco da Gama, tendo chegado á ilha de Sanctiago, achando-se seu irmão Paulo da Gama mui doente, entregou o commando do navio ao escrivão João de Sá, e fretando uma caravella, que por mais veleira encurtasse a passagem até Portugal, arribou á ilha Terceira onde deixou seu irmão fallecido; e foi sómente nos ultimos dias d'agosto ou primeiros de setembro de 1499 que entrou em Lisboa, sendo recebido com grande solem-

nidade pela côrte, e fazendo-se em celebração da sua chegada e descubrimentos mui pomposas festas religiosas e festejos populares, que se repetiram em todos os logares notaveis do reino por ordem d'elrei D. Manuel.

Em nome de Deus, Amem. Na era de mill CCCCLXLVII mandou ell Rey Dom Manuell, o primeiro deste nome em Portugall, a descobrir, quatro navios, os quaees hiam em busca da especiaria, dos quaees navios hia por capitam moor Vasco da Gama, e dos outros d'uum delles Paullo da Gama seu irmãoo, e d'outro Nicollao Coelho.

Partimos de Restello huum sabado, que eram oyto dias do mês de julho da dita era de 1497, noso caminho, que Deus noso senhor leixe acabar em seu serviço, Amem.

Primeiramente chegámos ao sabado seguinte á vista das Canarias, e esa noute pasámos a julavento[1] de Lançerote, e a noute seguynte amanhecemos com a Terra Alta, omde fezemos pescaria obra de duas oras, e loguo esta noute em anouteçendo eramos através do rrio do Ouro.

[1] Sotavento.

E foy de noute tamanha a çarraçam que se perdeo Paullo da Gama de toda a frota per huum cabo e pello outro o capitam moor. E depois que amanheçeo nom ouvemos vista delle, nem dos outros navios, e nós fezemos o caminho das Ilhas do Cabo Verde como tinhamos ordenado, que quem se perdese que se seguise esta rrota. Ao domingo seguinte em amanhecendo ouvemos vista da Ilha do Sall, e loguo dii a huuma ora ouvemos vista de tres navios, os quaees fomos demandar, e achámos a naoo dos mantimentos e Nicollao Coelho, e Bertolameu Diz[1] que hia em nosa companhia até a Mina, os quaees tambem tinham perdidos o capitam moor. E depois de sermos juntos, seguimos nosa rrota, e faleceunos o vento, e andámos em calmaria até a quarta feira pella manham. E aas dez oras do dia ouvemos vista do capitam moor avante nós obra de cinquo legoas, e sobre a tarde nos viemos a falar com muita alegria, onde tirámos muitas bombardas e tanjemos trombetas, e tudo com muito prazer pollo termos achado. E ao outro dia que era quinta feira chegámos á Ilha de Samtiago, onde pousámos na praya de Santa Maria com muito prazer e folgar, e aly tomámos carnes e augoa e lenha, e corregendo as vergas dos navios porque nos era necesario. E huuma

[1] Lea-se *Dias*, e assim nos outros logares adiante.

quynta feira que eram tres dias d'agosto partimos em leste, e hindo huum dia com sull quebrou a verga ao capitam moor, e foy em XVIII dias d'agosto, e seria isto CC legoas da Ilha de Samtiaguo, e pairámos com o traquete e papafigo dous dias e huuma noute, e em XXII do dito mês hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudueste, achámos muitas aves feitas como garçõees, e quando vêo a noute tiravam contra o susoeste muito rrigas[1] como aves que hiam pera terra, e neste mesmo dia vimos huuma baléa, e isto bem oytocentas legoas em mar.

A vinte e sete dias do mês d'outubro vespora de Sam-Simam e Judas, que hera sêsta feira, achámos muitas baléas, e huumas que se chamam quoquas[2], e lobos marinhos.

Huuma quarta feira primeiro dia do mês de novembro, que foy dia de Todos os Santos, achámos muitos signaees de terra, os quaees eram huuns golfãoos que naçem ao lomgo da costa.

Aos quatro dias do dito mês, sabado ante manhan duas oras, achámos fundo de cemto e dez braças ao mais, e ás nove oras do dia ouvemos

[1] Lea-se *rijas*.
[2] Provavelmente *phocas*.

vista de terra, a[1] emtam nos ajuntámos todos e salvámos o capitam moor com muitas bandeiras e estemdartes e bombardas e todos vistidos de festa, e em este mesmo dia virámos bem junto com terra na volta do mar, porém nom ouvemos conhecimento da terra.

Á terça feira viemos na volta da terra e ouvemos vista d'uuma terra baixa e que tinha huuma grande baýa. O capitam moor mandou Pero d'Alanquer no batell a ssumdar se achava bom pouso, pello qual a achou muito boa e limpa e abrigada de todollos vemtos, soomente de noroeste[2] e ella jaz leste e oeste, aa quall poseram nome Santa Ellena.

Á quarta feira lançámos amquora na dita baýa, onde estivemos oyto dias alimpando os navios e corregendo as vellas e tomando lenha.

A quatro legoas desta amgra pera o sueste jaz huum rio que vem de dentro do sartãoo, que he em boca huum tiro de pedra, e d'altura duas e[3] tres braças de qualquer auguoa, e chamase o rrio de Samtiaguo.

[1] Lea-se *e*.
[2] Quer dizer: *á excepção de noroeste.*
[3] Lea-se *ou*.

Nesta terra *ha* homeens baços, que nom comem senam lobos marinhos e baléas e carne de gazellas e rraizes d'ervas, e andam cubertos com pelles e trazem huumas baynhas em suas naturas. E as suas armas sam huums cornos tostados metidos em huumas varas d'azambujo e tem muytos cãees como os de Portugall, e asy mesmo ladram.

As avees desta terra sam asy mesmo como as de Portugall, corvos marinhos, guayvotas, rrollas e cotovias, e outras muitas avees, e a terra he muito sadia e tenperada e de boas ervas.

Ao outro dia depois de termos pousado, que foy á quinta feira, saimos em terra com o capitam moor e tomámos huum homem daquelles, o qual era pequeno de corpo e se parecia com Samcho Mixiaa, e andava apanhando mell na charnequa, porque as abelhas naquella terra o fazem ao pee das moutas, e levámollo á naoo do capitam moor, o quall o pôs comsiguo aa mesa, e de todo o que nós comiamos comia elle. E ao outro dia o capitam moor o vistiu muito bem e o mandou poer em terra. E ao outro dia seguinte vieram quatorze ou xv delles aquy onde tinhamos os navios. E o capitam moor foy em terra e amostroulhes muitas mercadorias pera

saber se avia naquella terra alguuma daquellas cousas, e as mercadarias eram canella e cravo e aljofar e ouro e asy outras cousas, e elles nam entenderam naquellas mercadarias nada como homens que nunca as viram, pollo quall o capitam moor lhes deu cascavés e anés d'estanho. E isto ffoy á sesta feira. E iso mesmo ao sabado seguinte. E ao dominguo vieram obra de quorenta ou cinquoenta delles, e nós depois que jantámos saimos em terra e com ceitis que levavamos rresgatámos conchàs que elles traziam nas orelhas que pareciam prateadas, e rrabos de rraposas que traziam metidos em huuns páoos com que abanavam ao rrosto; onde eu rresgatey huuma baynha que huum delles trazia em sua natura per huum ceitill. Pollo quall nos parecia que elles prezavam cobre, porque elles mesmos traziam huumas comtinhas delle nas orelhas.

Este mesmo dia huum Fernam Velloso que hia com o capitam moor desejava muito hiir com elles a suas casas pera saber de que maneira viviam e que comiam ou que vida hera a sua. E pedio por merçê ao capitam moor que lhe dese licença pera ir com elles a suas casas, e o capitam, vendose emportunado delle que o nom leixava senam que lhe dese a licença, o leixou ir com elles, e nós tornámonos ao navio.

do capitam moor a cear, e elle se foy com os ditos negros. E tanto que elles de nós foram apartados tomaram huum lobo marinho e foramse ao pee d'uuma serra em huuma charnequa e asaram o lobo marinho e deram delle ao Fernam Velloso que hiia com elles e das rraizes das ervas que elles comiam. E acabado de comer disseramlhe que se viese pera os navios, e nom quiseram que fose com elles. E o dito Fernam Velloso como vêo em direito dos navios começou loguo de chamar, e elles ficaram mitidos pello mato, e nós estavamos ainda ceando, e quando ho ouvimos leixaram loguo os capitãees de comer e nós outros com elles, e metemonos na barca á vecella, e os negros começaram de correr ao lomguo da praya, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso como nós. Em nós o querendo rrecolher elles nos começaram a tirar com huumas azagayas que traziam, omde foy ferido o capitam moor e tres ou quatro homens. E isto por que nos fiavamos delles, parecendonos que heram homens de pequeno coraçam e que nom se astreveriam a cometer o que depois fezeram, pollo quall hiamos despracebidos[1] d'armas. Emtão nos rrecolhemos aos navios.

E tanto que tevemos nosos navios aparelha-

[1] Lea-se *desapercebidos*.

dos e linpos e lenha tomada nos partimos desta terra huuma quinta feira pella manham, que era XVI dias de novenbro, nom sabendo nós quanto eramos do cabo de Boa Esperança, salvo Pero d'Alanquer dizia que ao mais que podiamos ser seriam trinta legoas a rree do cabo, e o porque se elle nam afirmava era porque partira huum dia pella manham do cabo, e que de noute pasara per ally com vento á popa, e isso mesmo á yda foram de larguo, e por estes respeitos nom eram em conhecimento domde eramos. Pollo qual fomos em a volta do mar com sull susueste, e ao sabado á tarde ouvemos vista do dito cabo de Boa Esperença, e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e de noute virámos em a volta da terra. E ao domingo pella manham, que foram dezanove dias do mês de novembro, fomos outra vez com o cabo, e nam o podémos dobrar porque o vento era susueste e o dito cabo jaz nordeste sudueste, e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e á noute da segunda feira viemos em a volta da terra. E á quarta feira ao mêo dia pasámos pello dito cabo ao longo do costa com vento á popa. E junto com este cabo de Boa Esperança ao sull jaz huuma amgra muito grande que emtra pella terra bem seis legoas e em boca averá bem outras tantas.

Em vinte e cinquo dias do dito mês de novenbro, huum sabado á tarde, dia de Santa Caterina, entrámos em a angra de Sam Brás, onde estevemos treze dias, porque nesta amgra desfezemos a naoo que levava os mantimentos e os rrecolhemos aos navios.

Á sesta feira seguinte, estandò nós aimda na dita amgra de Sam Brás, vieram obra de novemta homens baços d'arte daquelles d'amgra de Santa Elena, e andavam delles ao lomguo da praya, e delles ficavam pellos outeyros. E nós estavamos todos ou a mayor parte de nós a este tempo na naoo do capitam moor. E como os vimos fomos em terra em os batés, os quaes levavamos mui bem armados, e como fomos junto com terra o capitam moor lhes lançava cascavés na praya fóra, e elles os tomavam, e nam soomente tomavam os que lhes lançavam, mas vinham por elles a tomalos da mãoo ao capitam moor, do que nós ficámos muito maravilhados, porque quando Bertolameu Diz aqii esteve elles fogiam delle e nom lhe tomavam nenhuuma cousa daquellas que lhes elle dava, mas antes huum dia, em elles[1] tomando agoa em huuma aguada que aquy estaa muyto boa á beira do mar, elles lha defendiam ás pedradas de cima

[1] Lea-se *elle*.

de huum outeiro que está sobre esta auguada, e Bertolameu Diz lhes tirou com huuma bésta e matou huum delles. E ao que posémos[1] nom fogirem de nós foy que nos pareceo que ouveram novas dos da amgra de Santa Ellena, onde nós primeiro estevemos, que sam de huuma terra aa outra sesenta legoas per mar, como nós eramos homens que nom faziamos mall, mas antes davamos do noso. E o capitam moor nom quys aquy sair em terra, porque esta honde os negros estavam *era* huum mato grande, e mudoulhe o posto, e fomos pousar a outro lugar descoberto e alii sayo, e acenámos aos negros que fosem pera honde nós hiamos, e elles foram. E o capitam moor com os outros capitãees sayram em terra com gente armada honde hiam alguuns com béstas. E o capitam moor lhes mandou emtam que se apartasem e que viesem huum ou dous delles, e isto per açenos. E áquelles que vieram o capitam lhes deu casquavés e barretes vermelhos, e elles nos davam manilhas de marfim que traziam nos braços, porque nesta terra, segundo nos parece, *h*aa muitos alifantes, e nós achavamos o estravo delles bem a caram[2] d'aguada honde elles vinham a beber.

[1] Isto é: *attribuimos.*

[2] *A carão:* significa *á face, á superficie, á flor.* Aqui evidentemente significa *a curta distancia.*

Ao sabado vieram obra de duzemtos negros antre grandes e pequenos, e traziam obra de doze rreses antre boyes e vacas, e quatro ou cinquo carneiros, e nós como os vimos fomos loguo em terra. E elles começaram logo de tanjer quatro ou cinquo frautas, e huuns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertavam muito bem pera negros de que se nom espera musica, e balhavam como negros. E o capitam moor mandou tanjer as trombetas, e nós em os batés balhavamos, e o capitam moor tambem de volta comnosco; e depois de acabada a festa nos fomos em terra onde da outra vez, e alii resgatamos huum boy negro por tres manylhas, o qual jantámos ao domingo, e era muito gordo, e a carne delle era saborosa como a de Portugall.

Ao domingo vieram outros tantos, e traziam as molheres comsyguo e moços pequenos, e as molheres estavam em cima de huum alto perto do mar, e traziam muitos boys e vacas, e poseranse em dous lugares ao longo do mar, e tanjiam e balhavam como ao sabado. E o costume destes homens he os moços ficarem no mato com as armas; e os homens vyeram a fallar comnosco, e traziam huuns paos curtos nas mãoos e huuns rrabos de rraposas mettidos em

huuns paos com os quaees abanam o rrosto. E nós estando asy á falla por açenos, vimos amdar antre o mato os moços agachados e traziam as armas nas mãos. E o capitam moor mandou huum homem, que se chama Martim Affonso, que já andára em Manycongo, fóra, e deulhe manilhas que rresgatase huum boy. E elles, depois que teveram as manilhas, tomaram o pella mãoo e foramlhe mostrar *a* augada dizendô que, porque lhe*s* tomaramos nós a auguoa? e começaram de lançar os boys pera o mato. E o capitam moor quando isto viu mandou a nós outros que nos rrecolhesemos e tambem que se acolhese o dito Martim Affonso, isto porque lhe pareceo que elles hordenavam alguuma treiçam. Emtam depois de rrecolhidos nos fomos onde da primeira estevemos, e elles foram depós nós. E o capitam mandou que saysemos em terra com lanças e azagayas e béstas armadas e nosos gibanetes vistidos, e isto mais pera lhe*s* mostrarmos que eramos poderosos pera lhe*s* fazer mall e que lho nam queriamos fazer. Elles quando isto viram começaram de se ajuntar e correr huuns pera os outros, e o capitam, por nom dar azo pera se matar delles alguuns, mandou que se rrecolhesem todos aos batés, e depois que fomos todos rrecolhidos, por lhe*s* dar a emtender que lhe*s* poderyamos fazer mall e

que lho nam queriamos fazer, mandou que se tirasem duas bombardas que estavam na popa da barca. E elles estavam todos asemtados na praya junto com ho mato, e quando ouviram desfechar as bombardas começaram de fugir tam rrijo pera o mato que as pelles com que andavam cubertos e as armas lhes ficavam, e depois que foram em o mato tornaram dous por ellas, e nisto começaram de se ajuntar e fugir pera çima de huuma serra, e levavam o gado ante sy.

Os boys desta terra sam muito grandes como os d'Alamtejo e muito gordos a maravilha e muito mansos e sam capados e delles nom tem cornos. E os negros háquelles que sam mais gordos trazemlhes huumas albardas d'atabua asy como os de Castella e huuns paoos asy como andas em cima d'albarda, e amdam em cima delles, e aquelles que elles querem resgatar metemlhes huum paoo de esteva pellas vemtãas e trazenos por alii.

Em esta amgra está huum ilheo em mar tres tiros de beesta, e em este ilheo ha muitos lobos marinhos, e delles sam tam grandes como usos muito grandes, e sam muito temerosos, e tem muito grandes dentes, e vem-se aos homens, e

nenhuuma lança por força que leve os nom pode ferir, e outros mais pequenos, e outros muito pequeninos, e os grandes dam urros como leões, e os pequeninos como cabritos. E aquy fomos huum dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mill, e tiravamoslhes do mar com as bombardas. E neste ilhéo ha huumas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nom tem penas nas aas[1], e chamamlhes fotylicayos, e matámos delles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.

Estando nesta angra de Sam Brás tomando agoa, huuma quarta feira posemos huuma cruz e huum padram em a dita amgra de Sam Brás, a qual cruz fezemos de huuma mezena, e era muito alta. E á quinta feira seguinte, estando nós pera partir da dita angra, vimos obra de dez ou XII negros, os quaees ante que nós d'alii partissemos derribaram asy a cruz como o padram.

Depois de termos todo o que nos era neçesario partimos daquy, e em este mesmo dia tornámos a pousar duas legoas domde partiramos, porque ho vemto era calma. Á sesta feira, dia

[1] Azas.

de Nossa Senhora da Comcepçam pella manham, démos nossas vellas e seguymos noso caminho. E á terça feira seguinte, que era vespora de Santa Luzia, ouvemos huuma grande tormenta, e corremos á popa com o traquete muito baixo, e neste rroota perdemos Nicollao Coelho, e em este dia pella manham quando vêo ao sol posto viram-o da gavea a rree de nós quatro ou çinquo legoas, e pareceunos que elle nos vira; fezemos foreos[1] e estevemos a corda. E acabandose o quarto primeiro elle vêo ter comnosco, nam porque elle nos tevese visto de dia, mas porque o vento era pella bolina e nom podia al fazer senam viir ter na nosa esteira.

Á sesta pella manham ouvemos vista de terra, a qual terra he onde se chamam os Ilheos Chãoos, os quaees estam alèm do ilheo da Cruz çinquo legoas, e d'amgra de Sam Brás ao dito ilheo da Cruz ha sesenta legoas, e outras tantas ha do cabo de Boa Esperança há amgra de Sam Brás. E dos Ilheos Chãos ao derradeiro padram que Bertolameu Diz pôs outras çinquo legoas, e do padram ao rio do Iffante ha quinze legoas.

[1] Parece erro de copia por *foroes*. *Forol* dizia-se antigamente por *pharol*.

Ao sabado seguynte pasámos pelo derradeiro padram, e asy como nós hiamos ao lomguo da costa asy começaram de ir correndo em terra dous homeens ao longuo da praya comtra onde nós hiamos. E esta terra he muito graciosa e bem asentada, e aquy vimos andar em terra muito gado, e quanto mais pera diante tamto mais a terra era milhor e de mais altos arvoredos.

A noute seguinte estevemos á corda, por quanto eramos tanto avante como o rrio do Iffante, que era a derradeira terra que Bertolameu Diz descobrio, e ao dia seguinte fomos com vento á popa prelongando a costa até oras de vespora, que nos saltou o vento ao levante, e fezemos na volta do mar, e andámos com huuma volta ao mar e outra á terra até a terça feira acerqua do soll posto, que nos tornou o vento ao ponente, pollo quall estevemos aquella noute á corda pera ao outro dia hirmos rreconhecer a terra onde ou em que parajem eramos. E quando vêo a manham fomos de frecha á terra, e achámonos ás dez oras do dia com o ilheo da Cruz, que era a rree do que nós faziamos sesenta legoas. E isto causaram as correntes que aquy sam grandes, e em este mesmo dia tornámos a pasar a carreira que já tinhamos pasada com

Rich

muito vento á popa que nos durou tres ou quatro dias, onde rronpemos as correntes a que nós aviamos grande medo nom nos leixar aver aquillo que desejavamos. E daquelle dia em diante quis Deus por sua misericordia que nós fosemos avamte e nom a rree: praza a elle que asy seja sempre.

Dia de Natall, que foy a vinte cinquo dias do mês de dezembro, tinhamos descuberto per costa setemta legoas. Em este dia, depois de termos jantado, em metendo huuma moneta, achámos o masto com huuma fenda abaixo da gavea huuma braça, a quall fenda abria e cerrava. Pollo quall o rremendámos com brandaees até que fosemos tomar porto abrigado omde o corregesemos. E á quinta feira pousámos ao longo da costa, onde tomámos muito pescado, e quando vêo ao soll posto tornámos a dar nosas vellas e seguir noso caminho, e aquy nos ficou huuma amquora, que nos quebrou huum calabrete com que estavamos ao mar. E d'aquy andámos tanto pello mar sem tomarmos porto que nam tinhamos já agoa que bebesemos nem faziamos já de comer senam com aguoa salgada, e pera noso beber nóm nos davam senam huum quartilho, de maneira que nos era necesario de tomarmos porto. E sendo huuma quinta feira,

que eram dez dias de janeiro, ouvemos vista de huum rrio pequeno, e aquy pousámos ao longo da costa. E ao outro dia fomos em os batés em terra, honde achámos muitos homeens e molheres negros, e sam de gramdes corpos, e huum senhor antre elles. E o capitam moor mandou sair em terra huum Martim Affonso, que andou em Manicongo muito tempo, e outro homem com elle. E elles lhes fezeram gasalhado. E o capitam mandou áquelle senhor huuma jaqueta e huumas calças vermelhas e huuma carapuça e huuma manilha. E elle dise que qualquer cousa que ouvese em sua terra que nos fose necesaria que nolla daria de mui boa vontade. E isto emtendia o dito Martim Affonso: e aquella noute foy o dito Martim Affonso e o outro com aquelle senhor a dormir a suas casas, e nós tornámonos pera nosos navios. E indo aquelle senhor pello caminho vistio aquillo que lhe deram, e dizia aaquelles que ho vinham rreceber com muito comtentamento: «vedes o que me deram?» e elles batiamlhe as palmas por cortesia e isto fezeram por tres ou quatro vezes até que chegou á aldêa, onde andou per todo o logar asy vistido como hia até que se meteo dentro em casa, e mandou agasalhar aos dous homens que hiam com elle em hum cerrado e alii lhes mandou papas de milho, que ha muito na-

quella terra, e huuma galinha como as de Portugall. E toda aquella noute vieram muitos homens e molheres a vellos, e quando vêo a manham o senhor os foy ver e lhes dise que se viesem, e mandou dous outros homens com elles, e deulhes galinhas pera o capitam moor, dizendolhes elle que hia amostrar aquillo que lhe deram a huum grande senhor que elles tinham, e segundo nos parecia que sería o rrey daquella terra, e quando chegaram ào porto onde os barquos estavam já vinham com elles bem duzentos homens que vinham a vellos.

Esta terra, segundo nos pareceo, he muito povoada, e ha nella muitos senhores, e as molheres nos parecia que eram mais que os homens, porque onde vinham vinte homens vinham quorenta molheres. E as casas desta terra sam de palha, e as armas desta jemte sam arcos muito grandes e frechas e azagayas de ferro. E *ha* nesta terra, segundo nos pareçeo, muito cobre, o qual trazem nas pernas e pellos braços e pellos cabellos rretorcidos. Iso mesmo ha nesta terra estanho, que elles trazem n'huumas guarniçõees de punhaees, e as baynhas delles sam de marfim. E a jemte desta terra préza muito pano de linho, e nos davam muito deste cobre por camisas, se lhas nós quiseramos dar. Esta

jemte traz huumas cabaças grandes em que levam do mar pera o sertãoo agoa salgada, e deitam-a em huumas poças na terra e fazem della sall. Aquy estevemos cinquo dias tomando agoa, a quall nos acaretavam aos batés aquelles que nos vinham a ver. Nom tomámos agoa quamto nós quiseramos, porque o vemto nos yguava[1] de viagem. E nós estavamos amquorados ao lomguo da costa no rrollo do mar: e a esta terra posemos nome Terra da Boa Jente, e ao rrio do Cobre.

Huuma segunda feira hindo pello mar ouvemos vista de huuma terra muito baixa e de huums arvoredos muito altos e juntos, e indo asy nesta rróta vimos huum rrio larguo em boca, e porque era necesario saber e conhecer omde eramos, pousámos, e huuma quinta feira á noute emtrámos, estando já o navio Berrio dês do outro dia, que foram oyto dias por andar de Janeiro. Esta terra he muito baxa e alagadiça, e he de grandes arvoredos, os quaees dam muitas frutas de muitas maneiras, e os homens desta terra comem dellas.

[1] *Iguar* é contracção de *igualar*. Como termo maritimo, que não se encontra só neste Roteiro, parece significar mais alguma cousa que *soprar*; talvez *soprar certo*, *igual*, ou *de feição*.

Esta gente he negra, e sam homens de boons corpos, andam nús, soomente trazem huuns panos d'algodam pequenos com que cobrem suas vergonhas, e os senhores desta terra trazem estes panos maiores. E as molheres moças, que nesta terra parecem bem, trazem os beiços furados por tres lugares, e alii lhes trazem huuns pedaços d'estanho retroçydos. E esta jemte folgava muito comnosco, e nos traziam aos navios diso que tinham em almadias que elles tem. E nós iso mesmo hiamos há sua aldêa a tomar agoa.

Depois de aver dous ou tres dias que aquy estavamos vieram dous senhores desta terra a vernos, os quaees eram tam alterados, que nom prezavam cousa que lhes desem, e huum delles trazia huuma touca posta na cabeça com huuns vivos lavrados de seda, e o outro trazia huuma carapuça de çatim verde. Iso mesmo vinha em sua companhia huum mancebo, que, segundo elles acenavam, era d'outra terra d'ii lonje, e dizia que já vira navios grandes como aquelles que nós levavamos, com os quaees signaees nós folgavamos muito, porque nos parecia que nos hiamos chegando pera onde desejavamos. E estes fidalgos mandaram fazer em terra ao longo do rrio a par dos navios huumas ramadas em

que esteveram obra de sete dias, onde cada dia mandavam aos navios rresgatar panos, os quaees traziam huumas marcas d'almagra, e depois que se emfadaram d'estar alii se foram em almadias pello rrio acima. E nós estevemos neste rrio trinta e dous dias, em os quaees tomámos agoa e alimpámos os navios e corregeram ao Rrafaell o masto, e aquy nos adoeceram muitos homens que lhes imchavam os pees e as mãos e lhes creciam as gingivas tanto sobre os dentes que os homens nom podiam comer, e aquy posemos huum padram, ao quall poseram nome o padram de Sam Rrafaell, e isto porque elle o levava, e ao rrio dos Boons Signaees.

Daquy nos partimos huum sabado que eram vinte e quatro dias do mês de fevereiro e fomos aquelle dia na volta do mar, e a noute seguinte em leste por nos arredarmos da costa a quall era muito graçiosa de vista. E ao domingo fomos ao nordeste, e quando vêo a oras de vespora vimos estar tres ylhas em o mar e eram pequenas, e as duas sam de grandes arvoredos e a outra he calva e pequena mais que as outras, e de huuma aa outra averá quatro legoas, e porque era noute vyrámos na volta do mar e de noute pasámos por ellas. E ao outro dia fomos noso caminho, e andámos seis dias pello

maar, porque ás noutes pairavamos. E huuma quinta feira, que foy o primeiro dia do mês de março, á tarde ouvemos vista das ylhas e terra que se ao diante segue. E porque era tarde virámos na volta do mar e pairámos até pella manham. E emtam viemos emtrar em a terra syguinte.

Á sesta feira pella manham, indo Nicollao Coelho por dentro daquella amgra errou o canall e achou baixo, e em virando pera os outros navios que vinham detrás viram viir huuns barcos á vélla de dentro daquella ylha da povoaçam, o qual foy com muito prazer a salvar o capitão moor e a seu irmão. E nós nos leixámos ir naquella volta do maar pera avermos de vyr pousar, e nós quanto mais andavamos quanto mais nos elles seguyam capeandonos que aguardasemos. E nós em pousando na lagoa daquella ilha domde vinha o barco, chegaram a nós sete ou oyto daquelles barcos e almadias, os quaees vinham tamjendo huuns anafiis que elles traziam, dizendonos que fosemos pera dentro e que se nós quisesemos que elles nos meteriam em o porto, os quaees emtraram em os navios e comeram e beberam diso que nós comiamos, e depois que se emfadaram foramse, e os capitãees ouveram por conselho que emtrasem em esta

amgra pera saberem o trato desta jemte, e que Nicollao Coelho fose primeiro com o seu navio a somdar a barra, e que se fose pera emtrrar que emtrariam. E imdo Nicollao Coelho pera emtrar foy dar na pomta daquella ilha e quebrou o governalho[1], e asy como deu asy sayo pera o alto, e eu era alii com elle. E tanto que saimos pera o alto amanhámos nosas vellas e deitámos as anquoras dous tiros de bésta da povoaçam.

Os homens desta terra sam rruyvos e de boons corpos e da seita de Mafamede e falam como mouros, e as suas vestiduras sam de panos de linho e d'algodam muito delgados e de muitas cores de listras, e sam rricos e lavrados[2], e todos trazem toucas nas cabeças com vivos de seda lavrados com fio d'ouro, e sam mercadores e tratam com mouros brancos, dos quaees estavam aquy em este logar quatro navios delles que traziam ouro prata e cravo e pimente e gingivre e anés de prata com muitas perllas e aljofar e rrobins, e iso mesmo todas estas cousas trazem os homens desta terra. E ao que nos pareçia, segundo elles diziam, que to-

[1] Leme.

[2] *Lavrados* ou significa metaphoricamente *civilisados, pulidos*, ou é erro de copia por *lavradores*, ou finalmente os dous adfectivos referem-se aos pannos das vestiduras e não aos homens.

das estas cousas vinham aquy de carreto e que aquelles mouros o traziam, salvo o ouro, e que pera diante pera onde nós hiamos avia muito, e que as pedras e o aljofar e especiaria era tanta que nam era necessario rresgatalla mas apanhala aos cestos. E isto tudo emtendia huum marinheiro que o capitam moor levava, o qual fora já cativo de mouros e portanto emtendia estes que aquy achámos. E mais diseram os ditos mouros que aviamos, que neste caminho que levavamos achariamos muitos baixos, e que tambem achariamos muitas cidades ao longo do mar e que aviamos de ir topar com huuma ilha em que estavam ametade mouros e ametade christãoos, os quaees christãoos tinham guerra com os mouros, e que em esta ilha avia muita rriquesa.

Mais nos diseram que Prestes Joham estava d'alii perto e que tinha muitas cidades ao lomgo do mar, e que os moradores dellas eram grandes mercadores e tinham grandes naoos, mas o Preste Joham estava muito dentro pello sartãoo, e que nom podiam lá ir senam em camelos: os quaees mouros traziam aquy huuns dous christãoos imdeos cativos, e estas cousas e outras muitas diziam estes mouros do que eramos tam ledos que com prazer choravamos, e rroga-

vamos a Deus que lhe aprouvese de nos dar saude pera que visemos o que todos desejavamos.

Em este lugar e ilha a que chamão Moncobiquy estava huum senhor a que elles chamavam Colyytam[1] que era como visorrey, o qual vêo aos nosos navios por muitas vezes com outros seus que com elle vinham. E o capitam lhe dava mui bem de comer, e lhe fez hum serviço de chapeos e marlotas e corraees[2] e outras cousas muitas. E elle era tam alterado que desprezava quanto lhe davam, e pedia que lhe desem escralata, e nós nom ha levavamos, mas diso que tinhamos diso lhe davamos.

O capitam moor lhe deu huum dia huum comvite, o qual foy de muitos figos e comservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fosem comnosco, e elle dise que sy, comtanto que hos comtentasem, e o capitam mor lhes deu trinta meticaes d'ouro[3] e duas marlotas[4] a cada

[1] *Sultão,* ou *Soldão* como se escrevia no seculo XVI. Provavelmente o copista omittiu a cedilha do C *Çolitão.*

[2] Lea-se *coraes.*

[3] V. Notas finaes.

[4] Vestido curto de que usam os da Persia e India. Uns são de seda, outros de lan: MOURA, *Vestig. da Ling. Arab.* V. *Marlota.*

huum, e foy com condiçam que daquelle dia que elles isto rreçebesem que se quisesem sair fóra que ficase huum delles sempre em o navio, do quall elles foram mui comtentes. E huum sabado, que foram a dez dias do mês de março, partimos, e viemos pousar huuma legoa em maar junto com huuma ilha, pera que ao domingo disesem misa, e se confesasem e comungasem os que quisesem.

Huum daquelles pillotos ficava em a ilha, e depois que pousámos armámos dous batés pera avermos d'iir por elle, em os quaees batés em huum delles hia o capitam moor e em o outro Nicollao Coelho. E elles asy imdo sairam a elles cimquo ou seis barcos com muita gente, os quaees traziam arcos com suas frechas muito compridas e tavolachinhas[1], e capeavamlhes que se tornasem pera *a* villa. E o capitam mor, quando vio aquillo, prendeo o pilloto que levava comsigo, e mandou que tirasem com as bombardas áquelles que vinham nos barcos. E Paulo da Gama que ficava em os navios pera que se fose alguma cousa que fose em dos a[2] socorrer, o quall, como ouvio as bombardas, fezse á vella

[1] V. Notas finaes.

[2] Parece que se deve ler: *que fosse ende* (d'ahi) *a os socorrer.*

em o navio Berrio, e os mouros, como já d'antes fogisem, quando vieram[1] ir o navio á vella fogiram muito mais, e acolheram-se a terra ante que a elles chegase o Berrio, e asy nos tornámos ao pouso. E ao domingo disémos nosa misa em a ilha debaixo de huum arvoredo muito alto. E depois de dita a misa nos viemos pera as náos, e loguo nos fezemos á vella e começámos de seguir nosa via com muitas galinhas e muitas cabras e pombas que aquy rresgatámos por huumas comtinhas amarellas de vidro.

As náoos desta terra sam grandes e sem cubertas e nam tem pregadura e andam apertadas com tamiça, e isso mesmo os barcos, e suas vellas são esteiras de palma, e os marinheiros dellas tem agulhas genoiscas[2] per que se rregem e quadrantes e cartas de marear.

As palmeiras desta terra dam huum frutu tam grande como mellõees, e o miollo de dentro he o que comem, e sabe como junça avellanada[3], e tambem ha hii pipinos e mellõees muitos, os quaees nos traziam a rresgatar.

[1] Lea-se *viram.*

[2] Genovesas.

[3] Moraes dá sómente a esta palavra a significação de *cor de avellan.* Aqui significa *avellada,* isto é, que imita no sabor a avellan.

Naquelle dia que Nicollao Coelho emtrou o senhor que em esta[1] veio ao navio com muita gente, e elle o agasalhou muito bem e lhe deu huum capuz vermelho, e o senhor a elle huumas contas pretas que elle trazia por que rreza, as quaes lhe deu por seguro, e pedio o batel a Nicolao Coelho pera se ir nelle, e elle lho deu. E depois que foy em terra levou comsigo a sua casa aquelles que hiam com elle e os comvidou e depois lhes mandou que se viesem, e mandou a Nicolao Coelho huum pote de tamaras pisadas as quaees tinham conserva de cravos e cominhos. E asy depois mandou ao capitam moor muitas cousas. E isto foy emquanto lhe parecia que nós eramos turcos ou mouros de alguuma outra parte, porque elles nos perguntavam que se vinhamos de Torquia, e que lhes mostrasemos os arcos de nosa terra e os livros de nosa ley. E depois que souberam que nós eramos christãoos ordenaram de nos tomarem e matarem á treiçam, mas o pilloto seu que comnosco levavamos nos descobrio todo o que elles hordenavam de fazer contra nós se o poderam poer em obra.

[1] Obscuro por erro de copia ou de redacção: talvez *que é em esta*, ou *que em esta está*, ou finalmente *que emd'está*, tomando ende por *ahi* em vez de *d'ahi*. Adiante notaremos uma phrase analoga.

Á terça feira vimos huuma terra, a qual tinha estes[1] momtes alèm de huuma pomta, a quall pomta ao lomgo da costa tem huum arvoredo alto que parecem urmeiros e sam rralos. E esta terra será do lugar donde partimos ao mais xx legoas, e aquy amdámos em calmarias a terça feira e a quarta. E a noute seguinte fomos em a volta do mar com vento levante pouco, e quando vêo a manham achámonos a ree de Ma*m*cobiquy quatro legoas, e aquelle dia andámos até a tarde e pousámos junto com a ilha onde nos dyseram misa o domingo d'amte pasado, e alii estevemos oyto dias esperando por tempo. E neste mêo tempo nos mandou dizer o rrey de Mamcobiquy que queria fazer paz comnosco e ser noso amigo, e desta paz foy embaxador huum mouro branco que era Xarife, que quer dizer creligo, o quall era huum grande bebado. E estando nós aquy vêo huum mouro com huum minino seu filho e meteose em huum navio dos nosos dizendo que se queria ir comnosco porque era de junto com Meca, e viera aquy a Momcobiquy por pilloto de huuma naoo desta terra. E porquanto nos nom acudia tempo, nos foy necesario emtrarmos em o porto de Momcobiquy a tomar agoa que nos era necesa-

[1] Talvez *altos*.

ria, a qual estava da outra parte da terra firme, da qual agoa bebem os da ilha por hii nom aver outra senam se for salgada.

Huuma quinta feira emtrámos em o dito porto, e como foy noute lançámos os batés fóra, e como foy mêa noute o capitam moor e Nicollao Coelho e alguns de nósoutros fomos a ver onde estava a augoa, e levámos comnosco o pilloto mouro, o quall andava mais pera fogir, se podera, que pera nos mostrar onde estava agoa. E se emlheou em tal maneira, que nunca nos soube amostrar onde era, ou nam quys, e nisto andámos até que amanheçeo. Emtam nos tornámos pera os navios, e quando vêo a tarde tornámos outra vez lá com o mesmo piloto; e nós junto com ha auguada, andavam ao longuo da praya obra de vinte delles escaramuçando com azagayas nas mãoos pera nos averem de defender *a* agoa, e o capitam moor lhes mandou tirar tres bombardadas pera que nos desem logar pera avermos de saltar fóra. E asy como nós fomos fóra elles se embranharam em o mato, e nós tomámos quanta agoa quesemos, e quando nos rrecolhemos era acerqua do soll posto, e achámos huum negro do pilloto Joham de Coimbra fogido.

Ao sabado, que foram vinte e quatro dias do

mês de março, vespora de Nosa Senhora, e era pella manham, vêo huum Mouro em direito dos navios a dizer que se quisesemos agoa que fosemos por ella, dando a emtemder que llá estava quem nos faria tornar. E o capitam moor, como vio isto, determinou que fosemos, pera lhes mostrarmos como lhes podiamos fazer mall se quisesemos, polo quall logo, com os batés armados e bombardas nas popas delles, nos fomos á aldêa, e os mouros tinham fectas paliçadas muito bastas, e muito taboado basto, atado em maneira que os que estavam detrás delle nam os podyamos ver, e elles andavam ao longo da praia com tavollachinhas, azagaias, agomias, e arcos e fundas, com que nos tiravam ás pedras. Mas nós com as bombardas lhes faziamos tal companhia que lhes comvêo leixar a praya, e meterem-se na palhiçada que tynham fecta, a qual lhes fazia mais dapno que proveito, e nisto estevemos obra de tres oras. E alii vimos dous homens mortos, huum que matámos na praya, e outro dentro em a estacada. E depois de estarmos delles emfadados, viemonos a jantar aos navios, e elles começaram logo de fugir e acarretar fato em almadias pera huuma aldêa que está da outra banda. E nós depois que jamtámos fomos com os batés a ver se podiamos tomar alguns delles pera por elles avermos os

dous christãoos ymdios que tinham cativos e o negro que nos alii fugira, pollo quall fomos depós huuma almadia do xarife que hia carregada de fato e outra que levava quatro negros, a quall tomou Paullo da Gama, e a que vinha carregada de fato como foram em terra fugiram todos e leyxaram a almadia á costa, aquella e outra que achámos ao longo do mar; e os negros que hali tomámos trouxemollos aos navios. E nas almadias achámos muitos panos d'algodam finos e seiras de palma e huuma talha vidrada de manteiga e arredomas de vidraço com augoas e livros de sua ley e huum cofre com muitas meadas d'algodam e huuma rrede iso mesmo d'algodam e muitos seirõees chêos de milho. E todas estas cousas que se alii tomaram o capitam moor as deu aaquelles marinheiros que se alii acharam com elle e com os outros capitãees, salvo os livros, que elle guardou pera mostrar a ElRey. E ao domingo seguinte fomos tomar agoa, e á segunda feira fomos ante a villa com os batés armados, e os mouros falavam de detrás as casas, porque nom ousavam de vir á praya: e depois que lhes tirámos com as bombardas nos viemos pera os navios, e á terça feira nos partimos d'ante a villa e viemos a pousar junto com os Ilheos de Sam Jorje, honde estevemos ainda tres dias esperando que nos dése

Deus tempo, e á quinta feira, que foram vimte e nove dias do dito mês, nos partimos dos ditos Ilheos, e porque o vento era pouco, quando vêo ao sabado pella manham, que foram xxx dias do dito mês, eramos vinte e oyto legoas dos ditos Ilheos.

No dito dia pella manham fomos tanto avante[1] a terra dos mouros, donde tornaramos a rree com as correntes que eram grandes.

Ao domingo, primeiro dia do mês d'abrill, fomos com huumas ilhas que estam bem apar da terra, e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado, porque ao sabado á tarde o pilloto mouro que comnosco levavamos mintio ao capitam, dizendolhe que estas ilhas eram terra firme, e por esta mintira que lhe dise o mandou açoutar. As naos desta terra navegam antre a terra e estas ilhas, e vam por quatro braças, e nós fomos a maar dellas. Estas ilhas sam muitas e muito juntas, que nom as podyamos estremar huumas das outras, e sam povoadas. E á segunda feira ouvemos vista de outras ilhas que estam em mar cinquo legoas.

[1] Parece faltar aqui a palavra *como*.

Á quarta feira, que foram quatro dias d'abrill, démos as vellas e fomos ao noroeste, e ante de mêo dia ouvemos vista de huuma terra grosa e duas ilhas junto com ella, e esta terra tem derredor de sy muitos baixos. E tanto que fomos juntos com ella, que os pillotos a rreconheceram, diseram que ha hilha dos christãos ficava a rree de nós tres legoas, e emtam trabalhámos todo o dia pera ver se a podyamos cobrar, e porque o ponente era muito nom a podémos cobrar. Emtam ouveram os capitãees por comselho que arribasemos pera huuma cidade que estava quatro jornadas de nós, a qual cidade se chama Mombaça.

Esta ilha era huuma pera que nós vinhamos, a qual os pillotos que traziamos diziam que era de christãos, e emtam arribámos já tarde com muito vento, e acerqua da noute vimos huuma ilha mui grande que nos demorava ao norte, na qual ilha nos diziam os pillotos mouros que levavamos que havia huuma villa de christãoos e outra de mouros. Esta noute seguinte fomos na volta do maar, e quando vêo pella manham nom vimos terra; emtam fezemos caminho de noroeste, e quando vêo a tarde vimos terra.

E esta noute seguinte fezemos o caminho ao

norte e a quarta de noroeste, e no quarto d'alva fezemollo ao nornoroeste. E indo asy com vento tendente, duas oras ante manham, deu o navio Sam Rrafaell em sequo em huums baixos que estam da terra firme duas legoas, e como deu em sequo bradou aos outros que vinham detrás, os quaees tanto que ouviram os brados pousaram delle huum tiro de bombarda, e lançaram os batés fóra, e como foy baixa mar ficou o navio de todo em seco, e com os batés lançaram muitas amquoras ao maar, e como vêo a maré do dia, que foy prea-maar, sayo o navio, com que todos folgámos muito.

Em a terra firme, em direito destas baixas, está huuma serrania muito alta e fermosa, á qual seranya poseram nome as Serras de Sam Rrafaell, e ás baixas iso mesmo.

Estando o navio em seco vieram duas almadias a elle e a nós, as quaees trouxeram muitas laranjas muito boas, milhores que has de Portugall, e ficaram em o navio dous mouros, que foram ao outro dia comnosco a huuma cidade que se chama Mombaça.

Ao sabado pella manham, que foram a sete dias do dito mês, vespora de Rramos, fomos

ao longo da costa e vimos huumas ilhas, que estavam a mar da terra firme quinze legoas e bojavam seis legoas em comprido, em as quaees ilhas ha muitos mastos, com que emmasteam as naoos daquella terra, e sam todas povoadas de mouros; e ao soll posto fomos pousar defronte da dita cidade de Mombaça, e nam emtrámos em o porto: e em nós chegando vêo a nós huuma zavra carregada de mouros, e davante da cidade estavam muitas naoos todas embandeiradas com seus estandartes. E nós, por lhes termos companhia, fezemos outro tanto e mais aos nosos navios, que nos nom falecia senam jente que nam tynhamos, porque ainda esa pouca que tinhamos era muito doente. E alii pousámos com muito prazer, parecendonos que ao outro dia yryamos ouvir misa em terra com os christãoos, que nos diziam que aquy avia, e que estavam apartados sobre sy dos mouros, e que tinham alquaide seu.

Os pillotos que nós levavamos diziam que em esta ilha de Mombaça estavam e viviam mouros e christãoos, e que vivyam apartados huns dos outros, e que cada huns tinham seu senhor, e que como nós aquy chegasemos, que elles nos fariam muita honra e que nos levariam pera suas casas. E isto era dito pollo

que elles desejavam de fazer, que nam por ser asy.

Aquella noute seguinte á mêa noute vieram em huuma zavra obra de cem homes todos com tarçados e tavolachinhas, e como chegaram onde o capitam mor estava, quiseram emtrar com as armas, e elle nam quis, e nam emtraram mais de quatro ou cinquo dos mais honrados delles, e esteveram obra de duas horas comnosco, e emtam se foram, e o que nos pareçeo desta vinda foy que elles vinham pera verem se poderiam tomar alguum destes navios.

Ao dominguo de Rramos mandou o rey de Mombaça ao capitam moor hum carneiro e muitas laranjas e cidrões e canas d'açuquar, e mandou-lhe huum anell por seguro; e que se quisese entrar que lhe daria todo o que lhes fezesse mester; e vieram dous homens muito alvos, que diziam que eram christãoos, e a nós asy nollo pareçia, com este presente. E o capitam moor lhe mandou huum rramall de coraees, e mandou-lhe dizer que ao outro dia hiria pera dentro, e em este dia mesmo ficaram no navio do capitam quatro mouros dos mais honrados. E o capitam mandou dous homens

ao rey desta cidade pera mais comfirmar suas pazes, os quaees, como foram em terra, foy loguo muita gente com elles até a porta do paço, e antes que chegasem ao rrey pasaram por quatro portas onde estavam quatro porteiros, cada huum a sua porta, os quaees estavam com seuhos cutellos nus nas mãoos. E quando chegaram ao rey elle lhes fez muito gasalhado, e lhes mandou amostrar toda a cidade, os quaees foram ter a casa de dous mercadores christãoos, e elles mostraram a estes dous homens huuma carta em que adoravam, em a qual estava debuxado o Espirito Santo. E depois de tudo visto, o rrey mandou mostras de cravo e pimenta e gingivre e de triguo tremês ao capitam, e que disto poderiamos carregar.

Á terça feira, em alevantando as amquoras pera ir pera dentro, o navio do capitam moor nom quis virar, e hiia em quu que estava por popa. E emtam tornámos a lançar as ancoras: e em os navios estavam mouros comnosco, os quaees, depois que viram que nom hiamos, rrecolheram-se em huuma zavra, e hindo já por popa, os pillotos que vieram de Momcobiquy comnosco lançaramse á augoa, e os da zavra os tomaram. E como foy noute o capitam pingou[1]

[1] *Pingar:* Tormento que consistia em deitar pingos de oleo,

dous mouros dos que traziamos, que lhe disesem se tinham treiçam ordenada, os quaees diseram que como foramos dentro, que tinham ordenado de nos tomar e se vimgarem do que fezeramos em Momcobiquy, e estando pera pingarem outro, com as mãoos atadas deitou-se ao maar; e o outro se lamçou no quarto d'alva.

Em esta noute seguinte, á mêa noute, vieram duas almadias com muitos homens, os quaees se lançaram a nado, e as almadias ficaram de largo e se foram ao navio Berrio, e outros vieram ao Rafaell. E os que foram ao Berrio começaram de picar o cabre[1], e os que estavam vigiando cuidaram que eram toninhas, e depois que os conheceram bradaram aos outros navios, e outros estavam já pegados nas cadêas da enxarcia de traquete do Rafaell, e como foram sintidos callaramse e deceram abaixo e fogiram. Estas e muitas outras maldades ordenavam estes perros; mas Noso Senhor nom quis que se lhes desem a bem, porque nom criam nelle.

Esta cidade he grande e está asemtada em

ou resina a ferver, e até de metal derretido sobre a pelle de algum individuo para o constranger a confessar qualquer cousa.

[1] Cabo, amarra.

huum alto onde bate o mar, e he porto onde emtram muitos navios cada dia, e tem aa emtrada huum padram, e tem a villa junto com ho mar huuma fortalleza baixa. E os que foram em terra nos diseram que viram andar pella villa muitos homes presos com ferros, e estes segundo nos parecia deviam de ser christãoos, porque os christãoos nesta terra tem guerra com os mouros.

Os christãoos que estam nesta cidade sam como estantes[1] mercadõres, os quaees sam muito sogeitos, porque nom fazem mais que o que lhes ho rrey mouro manda.

Quis Deus por sua misericordia que como fomos junto com esta cidade logo todollos doentes que traziamos foram sãoos, porque esta terra he de muito bons arres[2].

Estevemos ainda a quarta e quinta feira depois de termos conhecida a malicia e treyçam que estes perros quiseram pôr em obra comtra nós. E partimos pella manham d'aly com

[1] *Estantes:* que não são vizinhos, mas só têem residencia accidental.

[2] Lea-se *ares.*

pouco vento, e viemos pousar de Monbaça obra de oyto legoas junto com terra. E em amanhecendo vimos dous barcos a julavemto de nós em mar obra de tres legoas, pollo qual loguo arribámos contra elles pera os avermos de tomar, porque desejavamos de aver pillotos que nos levasem onde nós desejavamos. E quando vêo a oras de vespora fomos com huum dos ditos barcos e tomámollo, e outro se nos acolheo a terra, e naquelle que tomámos achámos dezasete homes e ouro e prata e muito milho e mantimento e huma moça, molher de huum homem velho, mouro honrrado que hii vinha. E tanto que nós chegámos junto com elles todos se lançaram ao mar, e nós hos andámos tomando com os batés.

Neste mesmo dia ao soll-posto lançámos anquora em direito de huum logar que se chama Milinde, o qual está de Mombaça trinta legoas, e de Mombaça ha esta villa de Milindes ha estes logares que se seguem: primeiramente Benapa, e Toça, e Nuguo-quioniete.

Ao dia de Pascoa nos disceram estes mouros que tinhamos cativos que em a dita villa de Milindes estavam quatro navios de christãoos, os quaees eram indios, e que, se os quisesemos

alii levar, que dariam por si pilotos christãoos e todo o que nos fezese mester, asy de carnes, augoa, lenha e outras cousas; e o capitam moor que muito desejava aver pillotos daquella terra, depois de termos tratado este partido com estes mouros, fomos pousar da villa mêa legoa de terra, e os da villa nunca ousaram de viir aos navios, porque estavam já avisados e sabiam que tomaramos huma barca com os mouros.

Á segunda feira pella manham mandou o capitam moor poor aquelle mouro velho em huma baixa que está defronte da villa, e alii vêo huma almadia por elle, o qual mouro foy dizer a elrey o que o capitam queria e como folgaria de fazer paz com elle. E depois de jamtar vêo ho mouro em huma zabra, em a qual o rrey daquella villa mandou hum seu cavaleiro e hum xarife, e mandou tres carneiros, e mandou dizer ao capitam que elle folgaria de antre elles aver paz e estarem bem, e que se lhe conprise alguma cousa de sua terra que lho daria com mui boa vontade, asy os pilotos como qualquer outra cousa. E o capitam moor lhe mandou dizer que ao outro dia hiria pera dentro do porto, e mandoulhe loguo pollos mesegeiros huum balandráo e dous rramaees

de coraees e tres baçias e huum chapeo e cascavés e dous lambés[1].

Loguo aa terça feira nos chegámos mais pera junto da villa, e elrey mandou ao capitam seis carneiros e muitos cravos e cominhos e gingivre e noz nozcada e pimenta, e mandoulhe dizer que ha quarta feira se queria ver com elle no mar; que elle iria na sua zavra, e que fose elle no seu batell.

Á quarta feira depois de jantar vêo elrey em huma zavra, e vêo junto dos navios, e o capitam sayo em o seu batell muito bem corregido, e como chegou onde elrey estava logo se o dito rrey meteo com elle, e alii pasaram muitas palavras e boas, entre as quaees foram estas: Dizendo elrey ao capitam que lhe rrogava que fose com elle a sua casa folgar, e que elle hiria dentro aos seus navios, e o capitam lhe dise que nom trazia licença de seu senhor pera sair em terra, e que se em terra saise que daria de sy maa conta a quem o llá mandara. E o rey rrespondeo que se elle aos seus navios fose que conta darya de sy ao seu povo, ou que diriam? E preguntou como avia nome o

[1] *Lambel.* Lençaria de algodão listrada, que tinha então grande saída para o nascente commercio da Africa.

noso rrey, e mandou o escrepver, e dise que se nós por aquy tornasemos que elle mandaria huum embaixador ou escrepveria. E depois de terem falado cada huum o que queria, mandou o capitam por todos os mouros que tinhamos cativos e deulhos todos, do qual elle foy mui contente, e dise que mais prezava aquillo que lhe darem huuma villa. E o rrey andou folgando de rredor dos navios, donde lhe tiravam muitas bombardas e elle folgava muito de as ver tirar, e nisto andaram obra de tres oras, e quando se foy leixou no navio huum seu filho e hum seu xarife, e foram com elle a sua casa dous homens dos nosos, os quaees elle mesmo pedio que queria que fosem ver os seus paços, e mais dise ao capitam que pois elle nam queria ir a terra qne fose ao outro dia, e que andase ao lomgo da terra, e que elle mandaria cavalgar seus cavaleiros.

Estas sam as cousas que ho rrey trazia: Primeiramente huma opa de damasco forrada de çatim verde e huuma touca na cabeça muyto rrica e duas cadeiras d'arrame[1] com seus coxins e hum toldo de çatim crimisym, o qual toldo era rredondo e andava posto em hum

[1] *Arame.* Esta palavra designava vulgarmente naquelle tempo, não o metal a que damos hoje esse nome, mas o bronze.

pao. E trazia huum homem velho por paje, o qual trazia huum traçado que tinha a baynha de prata, e muitos anafis e duas bozinas de marfim d'altura de huum homem, e eram muito lavradas, e tanjiam-se por huum buraco que tem no mêo, as quaees bozinas concertam com os anafis no tanjer.

Á quinta feira foy o capitam moor e Nicollao Coelho nos batés com bombardas nas popas, e foram ao longo da villa. Em terra andavam muitos homens e antr'elles dous a cavallo escaramuçando e folgando muito, quanto ao que elles mostravam. E alii tomaram elrey de huuma escada de pedra nos seus paços em humas andas e trouxeram o ao batel onde o capitam estava. Alii tornou a pidir ao capitam que fose em terra, porque tinha huum pay entrevado que folgaria de o ver, e que elles[1] e os seus filhos yriam estar nos seus navios, do que se o capitam escusou.

Aquy achámos quatro naoos de christãoos da Imdia, os quaees a primeira vez que vieram ao navio de Paullo da Gama, onde o capitam moor estava, alii lhe mostraram huum retavollo

Lea-se *elle*.

em que estava Nossa Senhora com Jhesu Christo nos braços ao pee da cruz e os apostollos. E os indios quando viram este retavollo lançavam-se no cham, os quaees em quanto aquy estevemos vinham fazer suas oraçõees. E traziam cravos e pimenta e outras cousas que offereciam.

Estes indios sam homens baços, e trazem poucas rroupas, e trazem grandes barbas e os cabellos da cabeça muito longos, e trazem-os trançados, e nam comem carne de boy, segundo elles diziam, e a sua linguajem he estremada da dos mouros, e alguns delles sabem alguma pouca d'arravia[1] polla continoa comunicaçam que tem com elles.

Aquelle dia que o capitam mor foy andar nos batés por junto da villa tiraram das nàos dos christãoos indios muitas bombardas, e alevantavam as mãoos quando os viam pasar dizendo todos com muita alegria *Christe Christe*. E este dia pidiram elles licença a elrey pera lhes deixar fazer de noute festa a nós outros. E como vêo a noute fezeram muita festa e tiraram muitas bombardas e lançavam foguetes e davam grandes gritas.

[1] *Aravia:* o arabe, a lingua arabica.

Mais diseram estes imdios ao capitam moor que nom fosé em terra, e que se nam fiase dos seus tanjères, porque nom diziàm com os coraçõees nem com as vomtades.

Ao dominguo seguinte, que foram vinte e dous dias do mês d'abrill, vêo a zavra d'elrey a bordo, onde vinha huum seu pryvado, porque avia já dous dias que nom vieram aos navios, do quall o capitam lançou mãoo, e mandou dizer a elrey que lhe mandase os pillotos que lhe tinha promettido. E como foy o rrecado, elrey lhe mandou loguo hum piloto christão, e o capitam deixou logo ir aquelle fidalguo que elle tinha rreteudo no navio. E folgámos muito com o pilloto christão que nos elrey mandou.

Aquy soubemos como aquella ilha, que nos diseram em Mocombiquy que era de christãos, he huma ilha onde está o mesmo rrey de Mocombiquy, a quall he ametade de mouros e ametade de christãos. E nesta ilha ha muito aljofar, e o nome da ilha he Quyluee, e aquy desejaram os pilotos mouros de nos levar, e nós tambem o desejavamos, por nos pareçer que era asy como elles diziam.

Esta villa de Milynde está em huma angra

e está assemtada ao lomguo de huma praya, a quall villa se quer pareçer com Alcouchete, e as casas sam altas e muy bem cayadas e tem muitas janellas, e tem ao lomgo delle[1] da banda do sartão que está apegado com as casas, huum palmeirall muito grande, e toda a terra derredor sam lavoyras de milho e outros legumes.

Aquy estevemos davante esta villa nove dias, e em estes nove dias sempre se faziam em terra festas e muitas escaramuças a pee, e avia aquy muitos tanjères.

Á terça feira, que foram vinte e quatro do dito mês, nos partimos d'aquy com ho pilloto que nos elrey deu pera huuma cidade que se chama Qualecut, da quall cidade elrey tinha notiçia, e fomos em leste a demandala. E aquy he a costa de norte e sull, por quanto a terra aquy faz huuma muito grande emseada e estreito, em a quall emseada, segundo nós tinhamos noticia, ha muitas cidades de christãos e mouros, e huma cidade que se chama Quambaya, e seiscentas ilhas sabidas, e honde está o Mar Ruyvo e a casa da Meca. E ao dominguo seguinte ouvemos vista do norte, o qual

[1] Lea-se *della*.

avia muito que leixaramos de ver, e huma sesta feira, que foram XVII dias de mayo, vimos huuma terra alta, a qual avia vinte e tres dias que nom viramos terra, vindo sempre em estes dias com vento á popa, que ao menos que podyamos andar em esta travesa seriam seiscentas legoas. E averia de nós aa terra, ao tempo que a vimos, oyto legoas, e aly lançaram o prumo e acharam quorenta e cinquo braças, he aquella noute fezemos o caminho ao susueste por nos arredarmos da costa, e ao outro dia viemolla demandar e nom nos chegámos tanto a ella que o piloto podése aver prefeito conhecimento da terra, isto pollos muitos chuyveiros e trovoadas que faziam em esta terra nesta travesa e costa por que navegavamos. E ao dominguo fomos juntos com huumas montanhas, as quaees estam sobre a cidade de Calecut, e chegámonos tanto a ellas até que o pilloto que levavamos as conheceo e nos dise que aquella era a terra honde nós desejavamos d'ir. E em este dia á tarde fomos pousar abaixo desta cidade de Calecut duas legoas, e isto porque ao pilloto pareçeo por huma villa que alii estava, a que chamam Capua, que era Calecut, e abaixo desta villa está outra que se chama Pandarramy, e pousámos ao longuo da costa obra de huma legoa e mêa da terra. E depois

que asy estevemos pousados vieram de terra a nós quatro barcos, os quaees vinham por saber que jente eramos, e nos diseram e amostraram Calecut. E ao outro dia iso mesmo vieràm estes barcos aos nossos navios, e o capitam moor mandou huum dos degradados a Calecut, e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar castellano e januês, e a primeira salva que lhe deram foy esta que se ao diante segue:— Al diabro que te doo: quem te traxo aquà?— e preguntaram-lhe que vinhamos buscar tam lonje, e elle lhe rrespondeo: —vimos buscar christãos e especiaria.— Elles lhe disseram: — porque nom manda quà elrey de Castella e elrey de França e a senhoria de Veneza?— e elle lhe rrespondeu que elrey de Portugall nom queria consentir que elles quà mandasem, e elles diseram que fazia bem. Emtam o agasalharam e deramlhe de comer pam triguo com mell, e depois que comeo vêose pera os navios e vêo com elle huum daquelles mouros, o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras: —boena vemtura, boena ventura: muitos rrobis, muitas esmeraldas: muitas graças devês de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriquesa.— Era pera nós isto tanto espanto, que o ouviamos

fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendese nossa falla.

Esta cidade de Calecut he de christãoos, os quaees sam homens baços e andam delles com barbas grandes e os cabellos da cabeça compridos, e outros trazem as cabeças rrapadas e outros trosquyadas, e trazem em a moleira huuns topetes por signall que sam christãos, e nas barbas bigodes, e trazem as orelhas furadas e nos buracos dellas muito ouro, e andam nuus da çinta pera çima, e pera baixo trazem huuns panos d'algodam muito delgados, e estes que asy andam vistidos sam os mais honrrados, que os outros trazense[1] como podem. As molheres desta terra em geerall sam fêas e de pequenos corpos, e trazem ao pescoço muitas joias d'ouro, e pellos braços muitas manilhas e nos dedos dos pés trazem anés com pedras rriquas. Toda esta jente he de boa condiçam e sam maviosos, quamto ao que parecem, e sam homens que segundo a primeira façe sabem pouco, e sam muito cobiçosos.

Ao tempo que nós chegámos a esta cidade de Calecut elrey estava della quinze legoas,

[1] Talvez *trajam-se*.

e o capitam moor mandou lá dous homeens, pellos quaees lhe mandou dizer que huum embaixador d'elrey de Portugall estava alii, e que trazia cartas delle, e que se elle mandase, que elle lh'as levaria lá honde elle estava. O quall rey, como vio o dito rrequado do capitam, fez mercê aos dous homes que lho deram de panos muito boons. E mandou-lhe dizer que elle fose mui bem vindo, e que loguo se vinha a Qualecut, como de fecto loguo partio com muita jente depós sy. E mandounos per estes dous homes huum piloto que nos levase a huum logar que se chama Pandarany abaixo donde pousaramos da primeira, que agora estavamos davante a cidade de Calecut, por que alii estava bom porto, e que alii nos amarrasemos, porque ally honde estavamos era mao porto e de pedra, como de fecto era asy, e que era costume que os navios que vinham a esta terra pousasem alii por estarem seguros. E o capitam, visto este rrecado d'elrey e como nom estavamos bem, mandou que désemos logo a nosas vellas, e fomos a pousar em aquelle porto. E nam fomos tanto dentro como o pilloto que nos elrey mandou quisera. E depois de estarmos assentados e amarrados no dito porto, vêo rrecado ao capitam mor d'elrey como estava já alii na çidade, e mandou hum homem

que se chama Bale[1], o qual he como alquaide, que elle de contino traz consiguo duzentos homens armados de espadas e adargas, aaquella villa de Pandarim pera aver d'ir com o capitam mor onde elrey ficava e outros homens honrrados. E aquelle dia que o rrecado vêo era tarde e o capitam nam quis hir. E ao outro dia pella manham que foy huma segunda feira vinte e oito dias do mês de mayo, foy o capitam a falar a elrey, e levou comsygo dos seus treze homens, dos quaees eu fuy huum delles. E todos hiamos muito bem ataviados e levavamos bombardas nos batés e trombetas e muitas bandeiras, e tanto que o capitam foy em terra estava aquelle alquayde com muitos homens consiguo armados, e delles sem armas, os quaees rreceberam o capitam com muito prazer e gasalhado, como homens que folgavam de nos ver. E elles loguo ao presente sam homes carregados, porque trazem aquellas armas nuas nas mãos. Alii trouxeram ao capitam mor humas andas d'omeens em que os onrrados custumam em aquella terra d'andar, e alguns mercadores se as querem ter pagam por

[1] Parece vir do arabe *wali*, principe, governador, chefe militar. Gaspar Corrêa (Lenda I, c. 17) chama-lhe *gozil*, corrupção do arabe *wazir*, ministro do rei. Os outros historiadores chamam-lhe *catual*.

ello a elrey certa cousa. E o capitam se pôs n'ellas, e levavano seis homens a rrevezes, e partimos com toda aquella jente depós nós caminho de Qualecut, e daquy fomos a outra villa que se chama Capua. Alii apousentaram o capitam moor em casa de huum homem honrrado, e mandaram fazer de comer pera nós outros, o quall foy arroz com muita manteiga, e muito bom pescado cozido. E o capitam nom quis alii comer, e depois que nós outros comemos foy o capitam mor embarcar a hum rrio que alii hia junto, o qual vay antre o mar e a terra firme ao lomguo da costa. E as barquas em que embarquámos eram duas, as quaees estavam liadas pera que podesemos ir juntos, afóra outras muitas barcas em que hia outra muita gente. Da que hia por terra nam diguo nada, que era infindisima, a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra d'uuma legoa, onde vimos muitas naoos grossas e grandes, as quaees estavam varadas em seco por rrespeito do porto que alii nom ha. E depois que desembarquámos o capitam moor tornou ás suas andas e fomos noso caminho onde a jemte era tanta que nos vinha a ver que nom tinha conto: E asy como as molheres sayam das casas com os filhos nos braços asy se hiam depós nós. Aquy nos levaram a huma grande

igreja, em a quall estavam estas cousas seguintes:

Primeiramente ho corpo da igreja he da grandura d'uum mosteiro, toda lavrada de quantaria, telhada de ladrilho, e tinha á porta principall hum padram d'arame d'altura de hum masto, e em cima deste padram está humma ave que parece gallo, e outro padram d'altura de huum omem e muito groso. E em o meio do corpo da igreja está huum coruchéo todo de quanto[1], e tinha huma porta quanto huum homem cabia, e huma escada de pedra per que sobiam ha esta porta, a quall porta hera d'arame, e dentro estava huuma ymagem pequena, a quall elles diziam que era Nosa Senhora, e diante da porta principall da igreja ao lomgo da parede estavam sete campãas[2] pequenas. Aquy fez o capitam mor oraçam e nós outros com elle, e nós nom emtrámos dentro em esta capella, porque seu costume he nom emtrar nella senam homens certos que servem as igrejas, aos quaees elles chamam quafees. Estes quafees trazem humas linhas per çima do

[1] *Canto,* pedra de cantaria.

[2] É duvidosa a significação desta palavra. *Campãa* na idade media significava o *sino* e a *campa,* ou antes o *tumulo.* Talvez a pronuncia era diversa. Inclinamo-nos a crer que se deve tomar aqui na primeira accepção.

onbro lançadas (e onbro he ho esquerdo) e por debaixo do onbro do braço direito asy como trazem os creligos d'avangelhos a estolla. Estes nos lançaram agoa benta; dam hum barro branco que os christãos desta terra acostumam de poonr em as testas e nos peitos e derredor do pescoço e em os buchos dos braços. Toda esta çerimonia fezeram ao capitam, e lhe davam aquelle barro que posése, e o capitam o tomou e o deu a guardar dando a emtemder que depois o pomria. E outros muitos santos estavam pintados pellas parredes da igreja, os quaes tinham diademoas, e a sua pimtura hera em diversa maneira, porque os dentes eram tam grandes que sayam da boca huma polegada, e cada santo tinha quatro e çinquo braços, e abaixo desta igreja estava hum gram tanque lavrado de quantaria asy como outros muitos que pello caminho tinhamos visto.

E d'aquy nos fomos, e á emtrada da cidade nos levaram a outra a quall tinha estas mesmas cousas açima comtadas. Aquy rrecreceo a gente muito que nos vinha ver, que nom cabia pello caminho, e depois que fomos por esta rrua huum grande pedaço meteram o capitam em huuma casa e tambem nós outros com elle, por rrespeito da jente que era muita. Aquy mandou

elrey hum irmãoo do baile, o quall era senhor nesta terra, o qual vinha pera ir com o capitam, e trazia muitos tambores e anafis e charamelas e huma espingarda, a qual hia tirando amte nós, e asy levaram o capitam com muito acatamento, tanto e mais do que se podia em Espanha fazer a hum rrey. E a jemte era tanta que nom tinha conto, e os telhados e casas eram todos chêos, afóra a que comnosco hia de rroldam, amtre a quall jemte hiriam ao menos dous mil homens d'armas. E quanto mais nos chegavamos pera os paços onde elrey estava tamto mais jemte rrecrecia. E tanto que chegámos ao paço vieramse pera o capitam homes muito homrrados e grandes senhores, afóra outros muitos que já hiam com elle, e seria huuma ora de soll. Quando chegámos aos paços emtrámos por huma porta a hum terreiro muito grande, e ante que chegasemos á porta onde ElRey estava pasámos quatro portas, as quaees pasámos per força dando muitas pancadas á jente, e quando chegámos á derradeira porta onde elrey estava sayo de dentro huum velho, home baixo de corpo, o quall he como bispo, e o rrey se rrege por elle nas cousas da igreja, o quall abraçou o capitam há emtrada desta porta, e á emtrada della se fyriram homens, e nós emtrámos com muita força.

Elrey estava em huum patim lançado de costas em huuma camilha, a qual tinha estas cousas: hum pano de veludo verde debaixo, e em çima huum colcham muito bom, e em cima do colcham huum pano d'algodam muito alvo e delgado, mais que nenhuum de linho, e tambem tinha almofadas deste theor. E tinha á mãoo escequerda[1] huma copa d'ouro muito grande d'altura de hum pote de mêo almude, e era de largura de dous parmos[2] na boca, a quall era muito grosa ao parecer, na qual talha lançava bagaço de humas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam atambor; e da banda dirreita estava hum bacio d'ouro quanto hum homem podése abranjer com os braços, em o quall estavam aquellas ervas, e muitos agomís de prata, e o céo de çima era todo dourado. E asy como o capitam emtrou fez sua rreverença segundo costume daquella terra, a qual he ajuntar as mãoos e alevantalas pera o çéo, como acostumam os christãoos alevantar a Deus, e asy como as alevantam abremas e çarram os punhos mui asynha. E elle acenou ao capitam com a mão derreita que se fose pera debaixo daquelle çer-

[1] Lea-se *esquerda.*
[2] Lea-se *palmos.*

rado onde elle estava; porèm o capitam nam chegava a elle, porque o costume da terra he nom chegar nenhum homem hao rey, salvo chegava a elle huum seu privado que lhe estava dando aquellas ervas, e quando alguum homem lhe falla tem a mãoo ante a boca e estaa arredado. Asy como acenou ao capitam, olhou pera nós outros, e mandou que nos asentasemos em hum poyall perto delle, em lugar que nos via elle estar, e mandou nos dar agoa ás mãos, e mandou trazer huma fruy*ta* que he fecta como melõees, salvo que de fóra sam crespos, mas de dentro sam doces, e tambem nos mandou trazer outra fruy*ta* que sam como figos e sabe muito bem, e tinhamos homes que nollos estavam aparando, e elrey estava olhando como nós comiamos, e estava-se rryndo pera nós, e falava com aquelle seu privado que estàva á sua ylharga dando-lhe a comer aquellas ervas. E depois disto olhou ao capitam, que estava asentado defronte, e dise que faláse com aquelles homes com que estava, que eram muito honrrados, e que lhes disése o que elle quisése, e que elles lho diriam. Respondeo o capitam mor que elle era embaixador d'elrey de Portugall, e que lhe trazia huuma embaixada, e que ha nom avia de dar, salvo a elle. Dise elrey que era muito bem, e logo o mandou levar den-

tro a huma camara, e como foy dentro, elrey se alevantou donde estava e se foy pera o capitam mor, e nós ficámos em aquelle logar. Isto serria alii junto com o soll posto; e asy como elrey se alevantou, foy loguo hum homem velho que estava dentro naquelle patim e alevantou a camilha, e a baixella ficou alii. Elrey como foy onde estava o capitam lançou se em outra camilha em que estavam muitos panos lavrados d'ouro, e fez pregunta ao capitam: que era o que queria? E o capitam lhe dise como era embaixador de huum rey de Portugall, o quall era senhor de muita terra e era muito rrico de todas as cousas mais que nenhum rey daquellas partes, e que avia sesenta anos que os reys seus anteçessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquelas partes, por quanto sabiam que em aquellas partes avia rreis christãos como elles, e que por este rrespeito mandavam a descobrir esta terra, e nam porque lhe*s* fose necesario ouro nem prata, porque tinha*m* tamto em avondança que lhe*s* nom era necessario avello desta terra; os quaes capitaeens hiam e handavam em hum ano e dous até que lhe*s* falecia o mantimento, e sem acharem nada se tornavam pera Portugall. E que agora huum rrey que se chamava Dom Manuell lhe mandara fazer estes tres navios e o mandara

por capitam mor delles, e lhe disera que elle se nom tornase pera Portugall até que lhe nam descobrise este rrey dos christãoos, e que se se tornáse que lhe mandaria cortar a cabeça, e que se o acháse que lhe dése duas cartas, as quaes cartas lhe elle daria ao outro dia, e que asy lhe manda dizer por palavra que elle era seu irmão e amiguo. ElRey rrespondeo a isto e dise que elle fose bem vindo, e que asy o avia elle por irmão e amigo, e que elle lhe mandaria embaixadores a Portugall com elle, dizendo o capitam que asy lho pedia de merçêe, por quanto elle nom ousaria pareçer presente elrey seu senhor se nom leváse alguns homens de sua terra. Estas e outras muitas cousas pasáram ambos dentro naquella camara, e por quanto era já muito noute elrey lhe dise que —«com quem queria elle pousar, se com christãos, se com mouros?»— E o capitam lhe rrespondeo que nem com christãos nem com mouros, e que lhe pedia por mercê que lhe mandase dar huma pousada sobre sy em que nom estevése ninguem. E elrey lhe dise que asy o mandaria: e nisto se despedio o capitam delRey, e vêo ter comnosco onde estavamos lançados, em huma varanda onde estava hum grande castiçall d'arame que nos alumeava, e isto seriam já bem quatro oras da noute. Emtam nos fomos todos com o capitam

caminho da pousada e hiam comnosco muita gente imfinda, e *a* aguoa da chuva era tanta que as rruas hiam chêas, e o capitam hia ás costas de seys homes e andámos tanto pella cidade que o capitam se emfadou de andar e se aqueixou com hum mouro honrrado que he feitor delRey, o qual hia com elle pera o apousentar. E o mouro o levou a sua casa a huum terreiro que estava dentro nella, em o quall estava hum estrado cuberto de ladrilho, em que estavam muitas alquatifas estemdidas e dous castiçaees daquelles delrey muito grandes, e estavam açesos em çima delles huns candieiros grandes de ferro com azeite ou manteiga, e estavam quatro matullas[1] em cada candieiro, as quaes davam grande lume, e estes mesmos candieiros costumam elles trazer por tochas. E aquelle mouro fez trazer alii huum cavallo pera o capitam ir á pousada, e vinha sem sella. E o capitam nam quis cavalgar, e fomosnos caminho da pousada, em a qual estavam já quando chegámos çertos homens dos nossos com a cama do capitam e outro muito fato que ho capitam levava de que avia de fazer serviço a elrey. E á terça feira tinha o capytam estas cousas pera mandar a elrey: a saber, doze lanbés, e

[1] O mesmo que *torcidas*. Palavra hoje antiquada.

homens, que vise elle quaees queria levar comsyguo. E o capitam dise que queria que entráse com elle Fernam Martinz, o que sabía falar, e o seu escripvam, pareçendo a elle e a nós outros aquella apartaçam que nom era boa. E elle como foy presente elrey, diselhe que elle esperara a terça feira que ho fose ver, e o capitam lhe dise como viera cansado do caminho, que por este rrespeito o nam viera ver. Tornou elrey a dizer que elle lhe disera como era de hum rreino muito rrico e que lhe nom trouxera nada, e que asy lhe disera que lhe trazia huma carta, e que nom lha dava. Respondeo a isto o capitam que elle lhe nam trouxera nada, porque elle nam vinha senam a ver e descobrir, e que quando quá tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam, e que quanto á carta, que lhe elle disera que lhe trazia, que era verdade e que logo lha daria.

E dise entam elrey: que era o que elle vinha descobrir, pedras ou homens? Que pois vinha descobrir homens como dizia, porque nom trazia alguma cousa? E mais que lhe diseram que elle trazia huma Santa Maria d'ouro. Dise o capitam que a Santa Maria que elle trazia nom era d'ouro, e que ainda que fora d'ouro que elle lha nom dera, por quanto ella o trazia pello

maar e o trouxera a sua terra. Dise emtam elrey que lhe dése a carta que trazia. Dise o capitam que lhe pedia por mercê, porquanto os mouros lhe queriam mall e nam aviam de dizer senam o contrario, que mandáse chamar hum christam que soubése fallar arravia dos mouros. Dise elrey que era mui bem, e loguo mandou chamar hum mancebo pequeno de corpo que chamavam Quaram; e dise o capitam que trazia duas cartas, huma era escripta em a sua linguajem e a outra em mourisco, e que a que vinha em linguajem que elle a emtendia muito bem, e que sabia que vinha muito boa, e que a outra elle nom ha emtendia, e que asy como podia viir bem, asy podia viir alguma cousa errada; e porque o christam nom sabia ler mourisco tomáram quatro mouros a carta e leramna antre sy e depois vieram a ler ante elrey, da qual carta elrey ficou comtente, e preguntou ao capytam que mercadorias avia em sua terra. Dise o capitam que avia muito trigo, muitos panos, muito ferro, muito arrame, e asy dise outras muitas. Elrey lhe preguntou se trazia alguma mercadoria. Dise que trazia de todas as cousas hum pouco pera amostra, e que lhe dése elle liçença que viese aos navios pera a mandar pôr fora, e que ficariam na pousada quatro ou çinquo homens. Dise elrey que nam, que elle se

fose emboora, que leváse todos os seus homeens comsyguo, e que mandáse amarrar mui bem seus navios, e que trouxése sua mercadoria em terra, e que ha vendêse o milhor que podése. E depois do capitam se despidir d'elrey vêose pera a pousada e nós outros com elle, e porque era já tarde nom se ocupou o capitam de partir. E quando vêo a quinta feira pella manham trouxeram ao capitam hum cavallo sem sella, e o capitam nom quis hir em elle, e dise que lhe trouxesem hum cavallo da terra, que sam as andas, porque nom avia de cavalgar em cavallo sem sella. Emtam o leváram a casa de hum mercador muito rrico que se chama Guzerate, o quall mandou fazer prestes humas daquellas andas; e como foram prestes partio logo o capitam nellas com muita gente caminho de Pandarani onde estavam os navios, e nós outros nom podémos aturar depòs elle e ficámos muito detrás. E nós hindo asy chegou o baille e pasou por nós, e chegou honde hia o capitam, e nós outros errámos o caminho e fomos muito por dentro do sartam. E aquelle baile mandou hum homem depós nós que nos emcaminhou. E quando chegámos a Pandarany achámos o capitam dentro em hum estaoo[1], dos quaees avia muitos per estes

[1] Especie de estalagem, ou antes estação, consistindo n'um

caminhos péra os pasajeiros e caminhantes se acolherem das chuvas. Estava com o dito capitam o baile e outra muita gente, e como nós chegámos dise o capitam ao baille que lhe mandase dar huma almadia pera hirmos pera os navios, e elle com os outros diseram que era já tarde, como de fecto era já soll-posto, e que ao outro dia se iria. E o capitam lhes dise que se lha emtam nom desem que se tornaria a elrey, porque elle o mandára vir aos navios, e que elles o queriam deter, e que aquillo era mall fecto sendo elle christãoo como elles. E vendo elles como o capitam avia menencoria diseramlhe que fose, e que lhe dariam trinta almadias se tamtas fosem necesarias. Emtam nos leváram ao lomguo da praya, e o capytam parecendolhe aquillo mall mandou diante tres homens e que se achasem os batés dos navios e hii estevése seu irmãoo, que se escondêse. Foram elles e nam acháram nada, e tornáram-se, e nós leváramnos por outro cabo, e nom nos podémos emcontrar. Emtam nos leváram a casa de hum mouro, porque isto hera já muito noite, e como alii chegámos elles diseram que queriam hir em busca dos tres homens que nom tornáram mais a nós, e como se elles foram mandou o capitam

vasto aposento, patente sempre aos viandantes para repousarem ou pernoitarem.

conprar muitas galinhas e muito arroz, e comemos ainda que estavamos muito quansados d'andar todo aquelle dia. E elles dêsque se foram nunca mais tornáram senam pella manham, dizendo o capitam que lhe parecia aquella jente de boa condiçam, porque aquillo que lhes fezeram de os nom leixarem hir o outro dia á noute o fezeram por lhes pareçer que lhes faziam niso boa obra, ainda que por outra parte tinhamos todos delles má sospeiçam, e nos parecyam mall pello que tinhamos já pasados os outros dias em Calecut. E quando ao outro dia elles vieram dise o capitam que lhe desem barquas em que fose a seus navios, e elles começáram todos a mormurar huns contra os outros, e diseram que mandáse trazer seus navios mais pera junto com terra, e que emtam hiria a seus navios. Dyse o capitam que se elle mandáse vir os navios que pareçeria a seu irmãoo que o tinham preso, e que por força lhe faziam fazer aquillo, e que emtam alevantaria as vellas e que se hiria pera Portugall. Diseram elles que se elle nom mandáse trazer os navios junto com terra que nom avia d'ir a elles d'outra maneira: dise emtam o capitam que elrey Camolim o mandara vir pera seus navios, e que pois elles o nam queriam leixar hir asy como o elrey mandara, que elle se tornaria a elle, e que elle era christam como

elle, e que se elle o nam leixáse hir e quisese que elle estevése em sua terra que elle folgaria muito. Elles diseram que sy, que fose, porèm nom davam a iso logar, porque as portas d'onde estavamos foram loguo todas cerradas, e muyta jente d'armas dentro que nos guardava, em maneira que ne*n*hum de nós saýa fóra que nom fosem com elle muitos homens. E depois tornáram a cometer que lhe*s* desemos as vellas e os governalhos[1]: dise emtam o capitam que lhe*s* nam avia de dar ne*n*huma daquellas cousas, pois elrey Camolim o mandara vir pera seus navios sem ne*n*huma condiçam; que fezesem elles o que quisesem delle, que elle nom lhe*s* avia de dar nada.

Estando o capitam e nós outros todos muito tristes no coraçam, ainda que de fóra mostravamos que nam tinhamos aquillo em conta que elles faziam, dise o capitam que pois já ho nom leixáram hir aos navios, que leixasem hir aquelles seus homens que morriam alii de fame. E elles diseram que estevesem, que se moriam de fame que se composesem, que eles nom davam por iso nada. E nós estando asy, veeo hum daquelles homes que se de nós perdera o outro dia á noute, e dise ao capitam como Nicolao Coelho

[1] Lemes.

estava desd'o outro dia á noute com os batés em terra esperando por elle. E o capitam como soube isto mandou loguo hum homem o mais secretamente que se pode mandar, e isto como[1] muita astucia, porque tinhamos sobre nós muitas guardas, e que disése a Nicolao Coelho que logo se partise dalii e se fose pera os navios, e que se posesem a bom rrecado; o qual rrecado como chegou a Nycollao Coelho partio-se muito aa presa, e elle em se partindo foram avisados os que nos guardavam, e muito depresa esquypáram muitas almaadias e foram depós elle hum pedaço, e quando viram que os nam podyam tomar tornáramse onde estava o capitam, e diseramlhe que escrepvêse huma carta a seu irmão que chegáse mais a terra os navios, e que se viese mais pera dentro do porto. Dise o capitam que hera muito comtente, mas que elle nom ho avia de fazer, e se o quisese e consentise em o fazer, que os que com elle vinham nom ho aviam de consentir nem quereriam morrer, e elles lhe diseram que pera que era aquillo? que bem sabiam elles que se o elle mandáse que se faria o que elle quisese.

O capitam nom queria mandar vir os navios pera dentro do porto, porque lhe pareçya e a

[1] Lea-se *com*.

nósoutros tambem, que como elles fosem dentro que elles os poderiam tomar, e que os *(sic)* matariam a elle primeiramente e a nós que já estavamos rreteudos sô seu poder.

Todo este dia estevemos mitidos nesta agonya, como tendes visto, e quando vêo a noute esteve muito mais gente comnosco que nom quiseram que andasemos por hum cerrado em que estavamos, e metêramnos em hum patim ladrilhado e cerquáramnos de muita gente imfinda, e nós em mêo delles, esperando nós que ao outro dia nos apartasem huns dos outros ou que fezesem de nós outra alguma cousa, segundo viamos que elles estavam imdinados contra nós; porèm nós comtudo nom lèixámos de cear muito bem diso que se achou pella villa. Esta noute nos guardariam mais de çem homens todos armados de espadas e bisarmas[1] e escudos e arcos e frechas, e tinham tal maneira que se dormiam huns os outros vigiavam, e asy se revezáram toda a noute.

E quando vêo ao outro dia, que era hum sabado dous dias do mês de junho, vieram estes

[1] Os escriptores tem variado na significação desta palavra. A opinião mais fundada é a de Spelmann, que lhe attribue a de *machadinha de dous gumes*. V. Ducange v. *Gisarma*.

senhores pella manham, e vinham jaa com milhor sembrante, dizendo que pois o capitam disera a elrey que elle trazia sua mercadoria a terra que ha mandáse tirar, porquanto o costume daquella terra era que quaeesquer navios que a ella vinham punham loguo sua mercadaria em terra, e iso mesmo a gente toda, e que até que a mercadaria nom fose toda vendida que o mercador nom tornava mais ao navio. Dise o capitam que sy; que elle escrepveria a seu irmão que lha mandáse, e elles diseram que era bem, e que como viese a mercadaria que ho leixariam loguo ir pera seus navios: escrepveo loguo o capitam a seu irmão que lhe mandáse certas cousas, o quall as mandou loguo. E elles tanto que as viram o leixáram loguo ir pera os navios, e ficáram dous homens com ella em terra; da quall cousa folgámos todos mui muito, e démos muitas graças a Noso Senhor por nos tirar d'antre taees homes em que nom cabe ne*n*huma rrezam como se fosem bestas, porque bem sabiamos que como o capitam fose nos navios, que ainda que outrem ficáse que nom lhes haviam de fazer ne*n*huma cousa: o qual como foy nos navios nom quis mais mandar ne*n*huma mercadaria por emtam. E d'aly a cinquo dias mandou o capitam dizer a elrey como ho elle mandara vyr pera seus navios, e

que nom ho queseram leixar certos seus, e que o deteveram no caminho hum dia e huma noute, e que elle tinha já posto a mercadaria em terra como lhe mandára, e que os mouros vinham aly e que lha abatiam; que vise elle o que mandava niso, porque elle nom lhe dava da mercadaria nada, porèm que estava elle e os navios a seu serviço. Mandou logo dizer elrey como aquelles que aquillo fezeram eram maoos christãoos, e que elle os castigaria. E mandou logo sete ou oyto mercadores a ver a mercadaria e que a comprasem á sua vontade. E mais mandou aly hum homem honrrado com ho feytor que estivese aly, e que se chegáse algum mouro que ho matasem sem por ello averem nenhuma pena.

Estes mercadores que elrey aquy mandou estiveram neste logar obra d'oyto dias, e em vez de mercarem abatiam a mercadaria. Os mouros nom vieram mais aa casa domde estava esta mercadoria, d'onde nos elles vieram a querer mall em tal maneira que como quallquer de nós hia em terra por lhes pareçer que niso nos anojavam cospiam no cham e diziam «Portugal, Portugal:» ainda que elles de principio loguo buscaram maneira como nos tomasem todos e nos matasem, e quando o capitam vio que a

mercadaria nom estava em logar que se vendêse, fello logo saber a elrey e como a queria mandar a Calecut, que vyse elle o que mandava. Tanto que elrey vio este rrecado do capitam mandou loguo o baille que tomáse muita gente que ha podése toda levar ás costas, e que logo se leváse a Calecut, e que ha pagasem á sua custa, dizendo que nenhuma cousa d'elrey de Portugal nom avia de fazer despesa em sua terra. E todo isto hera com fundamento de nos fazer algum mall pela maa emformaçam que já de nós tinha, que eramos huns ladrõees e que andavamos a furtar, porèm elle fez tudo isto na maneira que tendes visto.

A hum domingo, que foy dia de Sam Joham Bautista, que foram a vinte e quatro do mês de junho, foy a mercadaria pera Calecut, e estando asy lá a dita mercadaria ordenou o capitam que toda a jente fose a Calecut nesta maneira: que fose de cada navio seu homem, e como aquelles viesem que fosem outros, e desta maneira poderiam ir ver a cidade, e cada hum conpraria o que quisese, os quaés quando hiam pello caminho rrecebiam de toda a jemte christãa muito gasalhado, folgando muyto todos quando algum hia a sua casa a comer ou dormir, e de todo o que tinham lhe davam com muyto boa vontade.

E iso mesmo vinham muitos homens aos navios vender pescado por pam, e rreçebiam de nós muyto boa companhia, e outros muytos vinham com os fylhos e moços pequenos, e o capitam lhes mandava dar de comer. Todo isto se fazia por fazermos paz e amizade com elles, e que disesem de nós bem e nam mall. E destes eram tantos, que nos aborreciam, que muytas vezes era noute çerrada e nam os podiamos botar fóra dos navios, e isto causa a muyta gente que ha nesta terra e os mantimentos sam muyto poucos, e se alguma vez se açertava que alguns homens dos nossos hiam correger algumas vellas, e levavam biscouto pera comerem, eram tantos sobre elles, asy de moços pequenos como homens grandes, que lho tomavam da mãoo, e emfim nom comiam delle nada. Foram todos os que eramos nos navios, como vos tenho dito, dous e dous e tres e tres, e cada hum levava diso que tinham, asy de manilhas e rroupa de vistir e estanho e camisas, cada huum asy como ho tinha, e vendiam, posto que nom venderam tam bem como nós esperavamos que valesem as cousas á nossa chegada de Moncobiquy, que huma camysa muyto delgada, que em Portugall vall trezentos rreis, davam aquy por dous fanôes, que valem em esta terra trinta rreis, porèm a estima de trinta rreis nesta terra he gran-

de; e asy como faziam barato das camyzas asy o faziam das outras cousas por levarem alguma cousa desta terra por amostra. E compravam diso que vendiam pela villa, asy cravo como canella e pedras finas, e depois de ter asy cada hum comprado o que queria vinha se pera os navios sem lhe nyng*u*em dizer ne*n*huma cousa. E visto o capitam como esta gente hera tam boa determinou em esta terra leixar hum feitor com a mercadaria e hum escripvam com elle e certos homens outros. E chegando se o tempo para nos partirmos, o capitam-mor mandou hum serviço d'alanbares[1] a elrey e tambem lhe mandou coraees e outras cousas muitas, e mandoulhe dizer que elle se queria vyr pera Portugall; se queria elle mandar alguns homens a elrey de Portugal? e que elle leixaria aly hum feitor e hum escripvam com outros certos homens com a mercadaria, e que lhe mandava aquelle serviço, e que pedia que elle mandáse a elrey seu senhor hum bagar[2] de canella e outro de cravo e asy de quallquer outra especiaria que quisese por amostra, e que ho feitor faria dinheiro e que lhe pagaria se elle quisese. Depois que este rrecado do capitam chegou honde elrey estava, pri-

[1] Lea-se *alambres.*
[2] Lea-se *bahar.*

meyro que lhe podése falar se pasáram quatro dias, e quando o que este rrecado levava emtrou honde elrey estava elle o olhou com máoo sembrante e lhe pergumtou que queria, e elle lhe deu o rrecado do capitam na maneira açima escripto, e como lhe mandava aquelle serviço. Dise elrey que aquillo que lhe levava que ho desem ao feitor e nom ho quis ver. E dise que disesem ao capitam que pois se queria hir que lhe dése seiscentos xarifes[1] e que se fose emboora, e que asy era o custume daquella terra e dos que a ella vinham. Dise emtam Diogo Diz, que levava este rrecado, que elle tornaria com aquella rreposta ao capitam. E asy como elle partio partíram certos homens com elle, e como foram na casa onde estava a mercadaria em Calecut meteram homens dentro com elles que os guardavam que nom saisem, e asy mesmo mandáram loguo apregoar por toda a cidade que ne*n*huma barca nom fose a boordo dos navios. E asy como elles viram que estavam presos, mandáram hum moço negro que com elles estava, que fose ver ao longo da costa se acharia quem o trouxése aos navios, e que disése como eram presos por mandado delrey. E elle foyse ao cabo da cidade onde moravam huuns pescadores, e hum delles

[1] Lea-se *xerafins*.

o trouxe por tres fanôes, e isto porque a noute se comesava a cerrar e nos os podiam ver da cidade, e asy como o poseram a bordo logo se partio sem fazer mais tardança; e isto foy a huma segunda feira, que eram treze dias do mês d'agosto de 1498.

Na quall nova todos fomos tristes por vermos huuns homens nas mãoos de seus imygos, e asy pello grande desaviamento que isto dava a nossa partida, e asy mesmo o sentymos por hum rrey christão nos fazer tanta perraria, ao qual homem dava do seu[1], e d'outra parte nom lhe punhamos tanta culpa como era rrezam porque sabiamos çerto que os mouros que aquy estavam, que eram mercadores de Meca e d'outras muitas partes, que nos conheciam, lhes pesava muito comnosco, e estes diziam a elrey como nós eramos ladrõees, e que como quer que começasemos de navegar por esta terra que ne*n*hum navio de Meca nem de Quambaya nem dos Imgros (?) nem d'outra parte nom viriam mais a sua terra, do que elle nom averia proveito ne*n*huum, e que nós nom lhe avíamos de dar nada,

[1] Nesta oração *homem* não concorda com *ao qual*. *Homem* é o nominativo indeterminado de *dava*. É uma locução antiga em que esta palavra se empregava como o *on* dos francezes: *on donnait, on faisait*.

mas antes lhe aviamos de tomar, e que por aquy podia sua terra ser destroida; e sobre dizerem isto peitavam mui muito que nos tomáse e matáse, que nom podesemos tornar a Portugall. A quall cousa os capitãees souberam por hum mouro da terra que lhe descobrio o que estava hordenado, dizendo aos capitãees que nom saisem fóra dos navios em terra, principallmente ao capitam mor. E afóra ho este mouro dizer, o diseram dous christãos que se os capitães fosem em terra que lhes aviam de cortar as cabeças, porque asy o fazia elrey aos que vinham á sua e lhe nom davam ouro.

Estando nós asy, ao outro dia seguinte nom vêo barca nenhuma abordo dos navios, e ao outro dia vêo huma almadia com quatro moços, os quaes traziam pedras finas a vender, o que nos pareçeo que vinham por mandado dos mouros mais que pera vender pedras, e isto por ver se lhes faziam alguma cousa; mas o capitam lhes fez gasalhado e escrepveo por elles huma carta aos que estavam em terra. Quando elles víram que lhes nom faziam nada, vinham cada dia muitos mercadores, e outros que nom eram mercadores, que vinham a ver, e todos rrecebiam muito gasalhado de nós, e lhes davamos de comer. E ao domingo seguinte vieram obra

de vinte e cinquo homens, antre os quaes vinham seis delles que eram honrrados, e o capitam vendo que por aquelles lhe poderiam dar os nossos homens que estavam em terra rretehudos e presos, lançou mãoò por elles, e dos outros mais somenos tomou doze, e asy que tomou por todos dezanove, e os outros que ficáram mandou-os em huma das suas barcas em terra, e mandou por elles huuma carta ao mouro feitor d'ellrey, em que lhe mandava dizer que lhe mandáse os homens que tinha presos e que elle lhe mandaria os que tomára. E quando elles víram que lhes tinham homens tomados, foram logo muita gente por elles aa casa da mercadaria e trouxeram-os a casa do feitor, e isto sem lhes fazerem nenhum mall.

Ha quarta feira, que foram vinte e tres dias do dito mês, nos fezemos aa vella dizendo que nos vinhamos pera Portugall, e que esperavamos que mui cedo tornariamos, e que entam saberiam se eramos ladrõees. E fomos a pousar a julavento de Qualecut obra de quatro legoas, e isto por respeito do vento que era por davante, e ao outro dia viemos na volta da terra, e nam podémos cobrar huns baixos que estavam davante a cidade de Qualecut, e emtam tornámos na volta do mar e pousámos em vista da cidade.

E ao sabado fomos iso mesmo na volta do mar e pousámos tanto em mar que casy nom viamos a terra, e ao domingo, estando amquorados aguardando pella viraçam, vêo huma barca do pego que fora em nosa busca, e dise como Diogo Diz era em casa d'elrey e que como viese que elles ficavam de os trazerem a bordo. E o capitam parecendolhe que hos tenriam mortos e que aquillo que diziam era por nos deter até que armasem contra nós ou viesem naoos de Meca que nos tomasem, lhes dise que fosem e nom viesem mais a bordo sem lhe trazerem os seus homens ou cartas suas, e que lhes mandaria tirar com as bombardas, e que se logo nam tornasem com rrecado, que elle esperava de cortar as cabeças aaquelles que elle tomára. Depois de tudo isto vêo viraçam e fomos prelomgando a costa e ao sol posto tornámos a pousar.

De como elrey mandou chamar Diogo Diaz, e lhe dise o que se segue:

Quando foram nouas a ellrey que nós eramos partidos pera Portugall e como já nom tinha remedio pera fazer o que desejava, cuidou de tornar a correger o que já d'antes tinha danado. E mandou chamar Diogo Diaz, o quall como foy presente fez-lhe grande gasalhado nom lho fazendo d'antes quando lhe levára o serviço, per-

guntandolhe porque tomára o capitam aquelles homens? Diselhe o dito Diogo Diaz que porque elle nom quisera que se elles fosem pera seus navios, e que os rretevera na cidade presos. Dise ellrey que fezera bem, e tornou a preguntar que se lhe pedira o feitor alguma cousa, querendo dar a emtemder que elle nom sabia parte do que elle tinha feeto, mas que ho feytor o fezera por lhe dar alguma cousa, dizendo contra o dito feitor: «Nom sabe elle que ha pouco tempo que eu matey outro feitor porque levou peitas a huns mercadores que ha esta terra vieram?»— Dise mais ellrey: «Tu vayte e eses outros que hi estam contigo aos navios, e dize ao capitam que me mande eses homens que tem, e que ho padram que me mandou dizer que queria poerr em terra, que os que te levarem o tragam e o ponham, e mais que tu fiques em esta terra com a mercadaria.» E asy mesmo mandou huma carta ao capitam a qual dése a ellrey de Portugall, a quall erra escripta por mão de Diogo Diaz em huma folha de palma, porque todas as cousas que se em esta terra escrepvem sam em as ditas folhas, e a pena com que se escrepvem he de ferro, da quall carta o teor he este que se segue:

«Vasquo da Gama fidalguo de vossa casa

[1] Lea-se *era*.

vêo a minha terra, com o qual eu folguey. Em minha terra ha muita quanella e muito cravo e gingibre e pimenta e muitas pedras preçiosas, e o que quero da tua he ouro e prata e corall e escrallata.»

Ha segunda feira pella manhan, que eram vinte e sete dias do dito mês, estando pousados, vieram sete barcas em as quaes vinha muita gente e traziam Diogo Diaz e outro que com elle estava, e nam ousando de o poer a bordo, poseramno em a barca do capitam que vinha ainda por popa, e nom traziam a mercadoria cuidando que o dito Diogo Diaz tornáse a terra. E tanto que o capitam os vio em ho navio nom quis que tornasem mais a terra, e deu o padram aos da barca como lho ellrey mandára que posése em terra, e mais deu por elles seis homens os mais honrrados que elle tinha, ficando outros tantos, e dise que hao outro dia lhe trouxesem a mercadoria, e que logo daria os outros que ficavam.

Á terça feira, estando nós pousados pella manhan, se vêo metter comnosco em os navios hum mouro de Tunez que nos entendeo, dezendonos que lhe tomáram quanto tinha e que nam sabia se lhe fariam mais mal; que estava nesta

ventura, e que os da terra diziam que elle era christãoo e que viera a Calecut por mandado d'ellrey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra honde esperava que cada dia o matasem. E quando vêo ás dez oras do dia vyeram sete barcas com muita gente; tres dellas traziam sobre as tostes alanbés postos, daquelles que nos fycáram em terra, dandonos a emtender que alii traziam a mercadoria toda. Estas tres chegavam se aos navios e as outras quatro ficavam de largo, e nam se chegavam tanto que nom andasem hum bom pedaço arredados dos navios, e diziam que posesemos os homens em a nossa barca e que elles ponriam a mercadoria em ella e que tomariam os seus homens. E depois de conhecermos esta rraposía o capitam moor lhes dise que se fosem que nom queria mercadoria, senam levar os homens a Portugall, e que aguardasem bem que elle esperava çedo tornar a Calecut, e que entam saberiam se eramos ladrõoes como lhes diziam os mouros.

Huma quarta feira, que foram vintanove dias do dito mez d'agosto, visto como já tinhamos achado e descuberto o que vinhamos buscar, asy de espiciaria como de pedras preçiosas, e como nom podyamos acabar de nos despidir da

terra com paz e amigos da jente, ouve por conselho o capitam moor com os outros capitãees de nos partirmos e levarmos aquelles homens que tinhamos, porque aquelles tornando a Calecut fariam fazer as amisades, e logo fezemos as vellas e nos partimos caminho de Portugall, vindo todos muito ledos por sermos tam bem aventurados de acharmos huma tam grande cousa como tinhamos achada. Á quinta feira oras de mêo dia, amdando nós em calma abaixo de Calecut obra de huuma legoa, vieram a nós obra de setenta barcas com muita gente imfinda, e traziam davante hum emparo de pano vermelho dobrado como loudell[1] muito forte. Estas sam as suas armas do corpo e das mãos e da cabeça....[2] E como chegáram dos navios a tiro de bonbarda tiraramlhes logo do navio do capitam moor e asy dos outros navios. E vinriam depós nós asy obra de huma ora e mêa. Elles indo asy depós nós deunos huma trovoada que nos levou pera o mar, e quando viram que já nom podiam fazer nada tornáram-se pera terra. E nós syguimos nosso caminho.

Desta terra de Calecut, que se chama India

[1] Couraça de panno ou couro bastido.

[2] *Ficou na ponta da pena ao autor deste livro como estas armas sam fectas.* Nota intercalada no manuscripto pela mesma letra delle.

Alta, vay a espiciaria que se come em ponente e em levante e em Portugall e bem asy em todas as provinçias do mundo; asy mesmo vam desta cidade chamada Calecut muitas pedras preciosas de toda sorte: scilicet, em esta dita cidade ha de sua propria colhença esta espiciaria que se segue: muito gyngivre e pimenta e canella, posto que nom he tam fina como he ha de huma ilha que se chama Çillam, a qual está de Calecut oyto jornadas: toda esta canella vem ter a esta çidade de Calecut e ha huma ilha que chamam Melequa, donde vem o cravo a esta cidade: aquy carregam as náos de Meca a especiaria e a levam a huma cidade que está em Meca que se chama Judeá, e poem desta ilha laa cinquoenta dias de vento á popa, que as náos desta terra nom andam pella bolina, e alii descarregam e pagam ao gram soldam seu direito; e d'alii a tornam a carregar em outras naos mais piquenas e a levam por ho mar rruyvo a hum logar que está junto com Santa Caterina de Monte-Synay, que se chama Tuuz, e tambem aquy pagam outro direito; aquy carregam os mercadores esta espiçiaria em camellos alugados a quatro cruzados cada huum camello e a levam ao Quayro em dez dias, e aquy pagam outro direito. E neste caminho pera o Cairo muitas vezes os salteam ladrões que ha

naquella terra, os quaes sam alarves e outros. Aquy tornam ha carregar outra vez em huumas naoos que andam em hum rrio que se chama o Nillo que vem da terra de Preste Joham das Imdias Baixas, e vam por este rrio dous dias até que chegam a hum lugar que se chama Roxete, e aquy pagam outro direito: e tornam outra vez a carregar em camelos e a levam em huma jornada a huma cidade que se chama Alexandria, a quall é porto de mar: a esta cidade d'Alexandria vem as galés de Veneza e de Genoa buscar esta especiaria, da quall se acha que ha o gram soldam de direito seiscentos mill cruzados, dos quaees dá em cada hum ano a hum rrey que se chama Cidadym cem mill, porque faça guerra ao Preste Joham, e este nome de gram soldam comprase por dinheiro, que nom hade ficar de pay a filho.

Torno a falar de nossa vinda

Indo nós asy ao longo da costa por rrespeito do vento que era pouco, com o vento da terra pera o mar e a viraçam pera terra, de dia com a calma lançavamos anquoras. A huuma segunda feira, que eram x dias do mês de setenbro, vindo nós asy ao lomgo da costa, mandou o capitam moor por *um* homem daquelles que

traziamos, o quall era torto de huum olho, humas cartas a ellrey Camolim escriptas em mourisco por mãoo de hum mouro que comnosco vinha. Esta terra, onde lançámos este mouro com as cartas, chamam Compia e ao rrey della Biaquolle; este tem guerra com ellrey de Calecut. E o outro dia, andando nós em calma, vieram a nós barcas que traziam pescado, e emtraram dentro nos navios sem nenhum reçêo os homens dellas. E ao sabado syguinte, que foram xv dias do dito mês, fomos com huns ilheos que estavam obra de duas legoas da terra: aquy lançámos hum batel fóra e posemos hum padram em o dito ilheo, ao quall poseram nome ho padram de Santa Maria; isto porque elrey disera ao capitam que posesem tres padrões, e que a hum posesem nome de Sam Rafaell e ao outro de Sam Graviell e ao outro de Santa Maria; asy que com este acabámos de os ponr todos tres: scilicet, ho primeiro posemos no rrio dos Boons Sinaees, o quall foy de Samrrafaell, e o segundo em Calecut, e foy de Sam Graviell, e este derradeiro de Santa Maria: aquy nos vieram tambem aos navios muitas barcas com pescado, e o capitam lhes deu camisas e lhes fez muito gasalhado, e preguntou-lhes se folgariam alii com hum padram que elle queria poonr em aquelle ilheo: diseram elles que folgariam muito e que

se o posesemos que emtam se afirmariam que eramos christãoos como elles. E este padram foy aquy pôr com muyta amisade.

E em esta noute seguinte com vento da terra nos fezemos á vella e syguimos noso caminho, e á quinta feira seguinte, que foram XIX dias do dito mês, fomos com huuma terra alta muito graçiosa e de boons ares, a qual tinha junto com a terra seis ilhas pequenas: aquy pousámos bem junto com terra, e botámos hum batell fóra pera avermos de tomar agoa e lenha que nos bastáse em aquella travése[1] que esperavamos de cometer, se nos os ventos trezasem[2] como desejavamos; e como fomos em terra achámos hum homem mançebo que nos foy amostrar por dentro de hum rrio hua aguada de hu*m*a agoa muito boa, a quall nacia antre dous penedos. A este homem deu o capitam-moor hum barrete, e preguntoulhe se era mouro, se cristam; dise elle que era christãoo, e quando lhe nós disémos que tambem nós eramos christãos folgou muito. E ao outro dia pella manham vêo a nós huma almadia com quatro homens, e trouxeram muitas

[1] Talvez *travessa.*
[2] *Terçassem.*

abobaras e pipinos: preguntoulhe emtam o capitam moor que se avia alii naquella terra canella ou gingivre ou outra alguma especiaria: diseram que canella avia muita, mas que nom avia outra nenhuma especiaria. Mandou loguo o capitam com elles dous homens a terra pera lhe trazerem amostra della, os quaes os leváram a huma mata em que avia imfimdas arvores della, das quaes arvores cortaram dous grandes rramos com sua folha, e nós fomos com os batés pera avermos de tomar augoa, e achámos aquelles dous homens com os rramos que traziam da canella, e com elles vinham já obra de vinte homens, os quaes troxeram ao capitam muitas galinhas e leite de vaquas e abobaras, e diseram ao capitam que mandáse com elles aqueles dous homens, porque elles tinham d'alii huum pedaço muita quanella seca, e que ha hiriam ver e trariam amostra della. Depois que tomámos agoa viemonos pera os navios, e eles ficáram que hao outro dia vinriam aos navios e que trariam ao capitam hum serviço de vaquas e porcos e galinhas. Quando vêo ao outro dia, em amanheçendo vimos junto com terra dous barcaços, os quaees estariam de nós obra de duas legoas, dos quaes nom faziamos nenhuma conta. Fomonos a tomar lenha em terra em quanto a maré nos vinha pera avermos d'entrar em o rrio pera to-

marmos agoa e a já[1] andando nós cortando a lenha parçeo ao capitam que aquelles barcos eram maiores do que lhe antes parçêram. Mandou logo que todos fosemos emtrar em os batés e fosemos comer, e que tanto que comêsemos que yry*a*mos ver nos batés se eram aquillo mouros, se cristãoos; e como o dito capitam moor foy em a sua naoo mandou huum marinheiro aa gavea que vise se pareçyam alguuns navios, o quall marinheiro vio a mar de nós obra de seis legoas oyto naoos, as quaes andavam em calmaria, polla[2] qual o capitam mandou logo poor os navios a pique: e elles como lhe*s* ygou a viraçam vieram de loo quanto podéram, e como foram tanto avante como nós, porèm averia de nós a elles duas legoas, que nos pareçeo que nos poderiam ver, fomos a elles. E como viram que nós hiamos a elles começaram árribar a popa pera a terra, e huma dellas ante que chegase a terra quebroulhe o governalho, e os que hiam nella metêramse na sua barca, que levavam por popa, e foramse a terra, e nós que hiamos mais preto[3] della abalrroámos

[1] Aqui o texto está obviamente corrupto por falta ou troca de letras ou palavras.

[2] Lea-se *pollo*.

[3] Lea-se *perto*.

logo com ella, e nom achámos em ella salvo mantimento e armas, e o mantimento era coquos e quatro talhas de huuns queijos d'açuquar de palma, e todo o all era arêa que vinha por lastro: as outras sete deram comsyguo em seco, e com os batés as fomos esbombardear.

Ao outro dia pella manham, estando nós pousados, vieram a nós sete homens em huuma barca, e diseram como aqueles navios eram de Calecut, e que vinham em nossa busca, e que se nos tomáram que nos matáram todos. Ao outro dia, depois que partimos daquy, fomos a pousar aalem d'onde de primeiro estavamos dous tiros de bombarda, em huma ilha em a quall nos diseram que avia agoa. Mandou logo o capitam mor a Nycolao Coelho em hum batell armado a ver onde estava *a* aguada, o quall achou em *a* dita ilha huum edeficio de huuma igreja de grande quantaria, a quall estava derrubada dos mouros, segundo os da terra diziam, senam quanto a capella estava cuberta de palha, e elles faziam oraçam a tres pedras negras, as quaees estavam em mêo do corpo da capella; e mais achámos, álem desta igreja *um tanque* de quantaria, iso mesmo lavrado, em o quall tomámos quanta agoa quesemos, e em cima de toda a ilha estava hum grande tanque d'altura

de quatro braças[1], e mais achámos defronte desta igreja huma praya em a quall espalmámos o navio Berrio, e o navio do capitam moor: o Rafaell nom foy a monte por respeito dos incomvenyentes abaixo escriptos.

Estando hum dia em ho Berrio a monte vieram a nós duas barcas grandes á maneira de fustas, as quaes traziam muita gente imfinda, e vinham a rremos tangendo tambores e charamellas e com estendartes nos topos dos mastos, e ficavam por rresguardo dellas outras cinquo ao lomguo da costa. E antes que chegasem aos navios preguntáram[2] áquelles que nós traziamos que homes e que gente era aquella. Diseramnos que os nam leixasemos chegar a bordo, que eram ladrõees, e que vinham pera nos tomar se podesem; que os homens desta terra que anda-

[1] Na primeira edição acha-se a seguinte nota a esta passagem: «Parece ter sido transposto na copia este periodo, e que se deve ler —E mais achámos, álem desta igreja de cantaria, e em cima de toda a ilha, um grande tanque de quatro braças isso mesmo lavrado etc.—» Esta variante presuppõe não só transposição de palavras na copia, mas tambem o accrescentamento da palavra *estava*. Parece-nos mais provavel que o auctor se referisse a dous depositos d'agua diversos, e que, em vez da transposição de palavras e introducção de uma nova, houvesse apenas a omissão da palavra tanque como indicámos no texto.

[2] Talvez *perguntámos*.

vam armados emtravam por bem em hos navios, e que depois de serem dentro, se se achavam poderosos lançavam mãoo pella naoo: os quaees como chegaram de nós a tiro de bombarda tiraram lhes da Rafaell e da naoo do capitam moor. Elles começaram a dizer «Tambaram» dizendo que eram christãos, porque os christãos desta terra da Imdia chamam a Deus Tambaram, e quando elles viram que lhes nom conheciam desta rrezam começáram de fugir pera terra, e Nycollao Coelho foy depós elles em hum batell hum pedaço, até que da naoo do capitam moor lhe poserám huma bandeira que se tornáse.

Ao outro dia, estando os capitãees em terra com muita gente alinpando o dito navio Berrio, vieram duas barcas pequenas e traziam obra de doze homens linpos com seus panos, e trouxeram ao capitam moor em serviço hum feixe de canas d'açuquar, os quaees como foram em terra começáram de pidir ao capitam que lhes leixáse ir ver os navios. O capytam parecendolhe que elles vinham por emculcas começouse a agastar com elles. Estando nisto vinham outras duas com outra tanta gente, e elles conhecendo que ho capitam nom lhes mostrava boa vontade diseram aos que vinham que nom saisem em terra

e que se tornasem. E elles tambem logo embarcaram e foramse depós elles.

Estando o navio do capitam mor alinpandose vêo hum homem de ydade de quorenta anos, o qual falava muito bem venezeano, todo vestido de pano de linho e huma touca muito boa na cabeça, e hum traçado na çinta, e como sayo fóra foy loguo abraçar o capitam mor e capitãees, e começou a dizer como elle hera christãoo e era da parte do levante, e que viera muito pequeno em esta terra, e como vivya com hum senhor que tinha corenta mill homens de cavallo, o qual era mouro, e que elle asy mesmo era mouro, porèm que a vontade de dentro era toda de christãoo, e que em elle estando em sua casa lhe vieram dizer como estavam em Calecut huns homens que nynguem nom hos emtendia, e que andavam todos vistidos, e que quando elle aquillo ouvira disera que taees homens nom podiam ser senam francos, que asy chamam a nósoutros em estas partes: emtam elle pidira liçença que o leixáse vir vernos e que se o nam leixasem que de nojo morreria, e que emtam seu senhor lhe dise que viese e que nos disése que se alguma cousa nos conprise de sua terra que nolla daria, offereçendo naoos e mantimentos, e mais que se em sua terra quisesemos

viver que elle folgaria muito. Dandolhe o capitam d'isto muitos agradecimentos, que elle lhe parecia que estava bem, dise mais que pidia por mercê ao capitam que lhe dése hum queijo pera mandar a hum seu companheiro que ficava em terra, porque elle lhe ficára que se lhe fose bem que elle lhe mandaria hum signall com que elle descançáse. Mandoulhe emtam dar o capitam hum queijo e dous pães molles: elle ficou em terra, e falava tanto e tantas cousas que de cando em quando se alcançava[1]: foyse emtam Paulo da Gama aos christãos da terra que o traziam, e preguntoulhes que homem aquelle era: diseram elles que era o armador que nos viera alli cometer, e que tinha em terra as suas naos com muita jemte; e sabido isto com o mais em que comprendêram, tomáramno e leváramno ao dito navio que estava em seco, e começaram de o açoutar que comfesáse se era elle ho armador que viera depós elles, e o porque vinha: descobriunos que elle sabía que toda a terra nos queria mall, e que muitos homes armados estavam de rredor de nós mitidos por essas emseadas, porém que nenhuns nom ho ousavam de vir cometer, e que estes estavam aguardando por hun-

[1] *Alcançar-se* neste logar significa *baralhar-se, confundir-se, atropelar-se.*

mas correnta[1] vellas que se estavam armando pera virem sobre nós, porèm que elle nom sabía quando vinriam a nós; de sy nom dise emtam nada senam o que dito tinha da primeira: depois foy preguntado tres ou quatro vezes; posto que decraradamente nom ho dizia, porèm por jeitos ho emtendiamos, e dizia que elle vinha ver os navios pera saber a gente e armas que traziamos.

Nesta ilha estevemos doze dias onde comemos muito pescado que os da terra nos traziam a vender e muitas abobaras e pipinos, e asy traziam barcas carregadas de lenha verde de canella, a qual lenha trazia sua folha; e depois que tevemos os navios linpos e agoa tomada quanta nos era necesaria, e a naoo que tinhamos tomada desfecta, nos partimos a huma sesta feira, que foram çinquo dias do mês d'outubro.

Antes que a naoo fose desfecta davam ao capitam mill fanones, e elle dise que ha nom avia de vender, porque era de seus contrairos, e que nom queria senam queymálla.

Indo nós obra de duzentas legoas em pégo donde partiramos, dise o mouro que tomaramos

[1] Lea-se *quarenta*.

que já lhe parecia tempo pera nom emcobrir nada; que era verdade que estando elle em casa de seu senhor lhe vieram dizer como nós andavamos perdidos ao lomgo da costa, que nos nom sabiamos tornar pera nossa terra, e como por este rrespeito andavam muitas armadas pera nos averem de tomar, e que emtam lhe diséra seu senhor que nos fose ver em que maneira andavamos, e que vise se nos podia levar a sua terra, e isto porque diziam que se nos o armador tomáse que lhe nom daria parte, e que como fosemos em terra que nos tomaria, e porque eramos valentes homes faria comnosco guerra aos outros rreys comarcãoos. Esta conta era fecta sem óspeda[1].

Andámos tamto tempo em esta travésa que tres meses menos tres dias gastámos nella; isto com muitas calmarias e ventos comtrairos que em ella achámos, de maneira que nos adoeçêo toda a gente das gingivas, que lhes creçiam sobre os dentes em tall maneira que nom podiam comer, e iso mesmo lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo, de guisa que lavravam hum homem tanto até que morria

[1] *Fazer a conta sem a hospeda* é um adagio antigo que significa determinar uma cousa que depende do consentimento ou vontade de outrem.

sem ter outra nenhua doença; da qual nos morrêram em o dito tempo trinta homes, afóra outros tantos que já eram mortos, e os que navegavam em cada naoo seryam sete ou oyto homens, e estes nom eram ainda sãos como aviam de ser, do que vos afirmo que se nos mais durára aquelle tempo quinze dias andaramos por ese mar através, que nom ouvera hii quem navegara os navios. Em tall ponto eramos que era já todo composto[1]: e andando nós asy nesta coyta[2] faziamos muitos prometimentos a santos e pititores[3] pellos navios. E os capitães tinham já fecto comselho que se nos vento igual acudise, que nos tornáse a terra da India d'onde partiramos, de arribarmos a ella. Quys nos Deus por sua misericordia dar tal vento, que em obra de seis dias nos trouxe a terra, com a quall folgámos tanto como se fora de Portugall, porque esperavamos com ajuda de Deus guareçer em ella como da outra vez. E foy huma quarta feira dous dias de fevereiro da era de mill CCCCLXLIX anos; e porque já eramos perto de terra e era de noute fezemos em outra banda e payrámos; e como foy manham fomos a demandálla terra pera sabermos honde Nosso Senhor nos tinha

[1] Talvez *descomposto*, isto é, desordenado, indisciplinado.

[2] Afflicção, trance.

[3] Advogados, protectores, que pedem a Deus, ou, talvez, *peditorios*.

lançados, porquanto nom avia já hii piloto nem homem que cartear soubése pera saber em que parajem eramos, senam quanto alguns diziam que nom pòdiamos ser senam antre hu*m*as ilhas que estam através de Maçombique obra de trezentas legoas de terra. E isto hera porque hum mouro dizia que nos tomaramos em Macombiquy[1]; que as ilhas eram muito doentias, e que mesmo os que em ellas viviam adoeçiam das nossa doenças[2]. E achámos nos d'avante huuma cidade muito grande e de casarias sobradadas, e em mêo da cidade tinha huuns grandes paços, e arredor da cidade tinha quatro torres; e estava esta cidade bem a caram do mar, a quall he de mouros e se chama Magadoxó; e como fomos tanto avante bem junto com ella tirámos muitas bombardadas, e fomos noso caminho com mui bom vento á popa ao lomgo da costa, andando de dia e pairavamos de noute, porque nom sabiamos quanto avia de nós a Milingue onde nós desejavamos de hir. E ao sabado que foram cinquo dias do dito mês, indo nós em calma, com hua trovoada que sobrevêo de supito quebráram as ostagas ao Rafaell. Indo nós cor-

[1] Em logar da phrase que se lê no texto equivalente a outra «*o mouro dizia: oxalá nos achassemos em Moçambique*» talvez haja uma transposição feita pelo copista, e que deva ler-se: *um mouro, que nós tomaramos em Moçambique, dizia* etc.

[2] Parece que deve ler-se *da nossa doença.*

regendo asy o dito navio sayo a nós huum armador a nós[1] de huma villa que se chama Pate, com oyto barcas com muita gente a nós[2], e como elles foram de nós a tiro de bombarda lhes tirámos e elles fogíram loguo pera terra. Nom fomos depós elles porque nom tinhamos vento.

Ha segunda feira, que foram nove dias do dito mês, fomos a pousar d'avante Milindy, honde logo elrey mandou hum barco longo, o quall trazia muita gente, e mandou carneiros, e mandou dizer ao capitam que elle fose bem vindo, que já avia dias que esperava por elle, e asy mandou dizer outras muitas palavras d'amisade e paz, e o capitam mandou com estes que vieram hum homem a terra pera o outro dia trazer laranjas que muito desejavam os doentes que traziamos, como de fecto as trouxe logo com outras muitas fruytas, postoque nom aproveitáram aos doentes, que a terra os apalpou em tal maneira que aqy se nos fináram muitos; e asy vinham muitos mouros a bordo por mandado d'elrey e traziam muitas galinhas e ovos a rresgatar. E o capitam vendo como nos fazia tanta honrra em tempo que nos era tam neçesaria, mandoulhe hum serviço e mandoulhe dizer

[1] Este *a nós* é obviamente erro de copia.
[2] *A nós* igualmente introduzido por erro.

por hum dos nossos homens, o quall era o que sabía falar aravía, que lhe pidia que lhe dése huuma bozina de marfim pera trazer a ellrey seu senhor e que lhe mandáse poonr huum padram em terra que ficáse em sinall d'amizade. E ellrey dise que era muito comtente de fazer todo aquillo que elle dizia por amor d'ellrey de Portugall, a que elle desejava de servir e ser sempre a seu serviço, comó de fecto logo mandou a bozina ao capitam e mandou levar o padram em terra. E asy emviou huum mouro mançebo pera viir comnosco, que queria viir ver Portugall, o quall mouro ellrey mandou muito emcomendar ao capitam, e bem asy lhe mandou dizer que elle mandava aquelle mançebo pera que ellrey de Portugal soubése quanto elle dezejava sua amizade.

Neste logar estevemos çinquo dias folgando e desquansando de quanto trabalho tinhamos passado na travessa, onde todos ouveramos de morrer. E a huma sesta feira polla manham nos partimos, e quando vêo ao sabado, que foram doze dias do dito mês, pasámos por jumto com Monbaça, e ao domingo fomos pousar em hos baixos de Sam-rrafaell, onde posemos o ffogo ao navio deste nome, porquanto era cousa imposivell navegarem tres navios com tam pouca

gente como eramos: aquy pasámos todo o fato deste navio aos outros dous que nos ficáram. Aquy estevemos çinquo dias, onde nos traziam de huuma villa que defronte de nós estava, que se chama Tamugata, muitas galinhas a vender e rresgatar por camisas e manilhas. E a hum domingo, que foram XXVII dias do dito mês, nos partimos d'aquy com mui bom vento á popa, e a noute seguinte payrámos, e quando vêo a manham nos achámos jũnto com huuma ilha muito grande que se chama Jamgiber, a qual he povoada de muitos mouros, a quall estará de terra bem dez legoas. E ao primeiro dia de fevereiro á tarde fomos pousar davante as ilhas de Sam Jorge em Mocombiquy. E ao outro dia pella manham fomos poonr em a ilha, onde á ida diseramos misa, hum padram. E foy tanta a chuva que nunca podémos fazer fogo pera derretermos chumbo pera lhe pormos a cruz; o quall ficou sem ella, e nós viemonos aos navios e partimonos logo.

Aos tres dias do mês de março chegámos á Amgra de Sam Brás, onde tomámos muita achoa[1] e lobos marinhos e sotelycairos, dos quaees fezemos salga pera o mar; e aos doze dias do dito mês nos partimos. Sendo alèm d'a-

[1] Talvez *enxova*.

guada dez ou doze legoas ventou o ponente de guisa que nos fez tornar a pousar em a dita amgra, e como foy bonança tornámos a sair, e deunos Noso Senhor tam bom vento que aos vinte dias do dito mês pasámos pollo cabo de Boa Esperança. E eses que atéquy chegámos eramos de saude e rrijos, e ás vezes bem mortos de frio de grandes bisas que aquy achavamos em esta terra. E mais o punhamos[1] a vyrmos de terra quente que ao frio ser grande, e seguimos nosso caminho com grande desejo de chegarmos, e vinhamos com vento á popa que nos durou bem vinte e sete dias, de maneira que nos pôs em boa parajem da ylha de Samtiago, que em as cartas de marear ao mais que della nos faziamos eram çem legoas, e alguns eram já com ella, e aquy nos acalmou o dito vento, e alguum que nos yguava era muito pouco e por davante, e por avermos conhecimento donde eramos com alguumas trovoadas que nos vinham de terra hiamos de lloo quanto podiamos; e hu*m*a quinta feira vinte e cinquo dias do mês d'abrill achámos fundo de trinta e cinquo braças, e todo o dia fomos por este caminho, e o menos fundo foram vinte braças, e nom podémos aver vista de terra, e os pilotos diziam que eramos nos baixos do Rio Grande.

[1] Isto é *attribuiamos.*

Estes nomes abaixo escriptos sam de certos rregnos que estam de Calecut pera a banda do sul, e as cousas que cada rregno há e como vallem; o quall eu soube muito çerto de huum homem que sabia a nossa falla he havia trinta annos que viera d'Alexandria a estas partes.

Primeiramente Calecut omde estevemos; aquy vem todas as mercadorias abaixo escriptas; e asy as naoos de Meca em esta cidade de Calecut carregam. Este rrey, a que chamam Camolim, ajuntará d'omeens de peleja cem mil, e isto com ajuda que ha, que de sua jurdiçam tem mui pouca jemte.

Estas sam as mercadorias que as naoos de Meca trazem as quaees valem por toda esta India:

Quobre, que val huuma farazalla, a qual tem perto de trinta arratées, çinquoenta fanoeens, que sam tres cruzados:
Pedra de Baqua, que vall a peso de prata:
Facas, que vall cada faca huum fanam:
Aguoa-rrosada val a frazala çinquoenta fanoeens:
Pedra-ume vall a frazalla çinquoenta fanoeens:

Chamalote vall a peça sete cruzados:
Pano vermelho val hum pequy, que sam tres palmos, dous cruzados:
Azougue vall a farazala dez cruzados.

Outro regno

Quprongoliz he de christãoos e o rey christãoo: estaa de Calecut tres dias per mar de bom vento: este rrey poderá ajuntar quatro mill homens de peleja: aquy ha muita pimenta, e vall aquy huma farazalla nove fanoeens, e em Calecut val quatorze.

Outro rreino

Coleu, de christãoos, o qual está de Calecut dez dias por maar de bom vento: este rrey poderá ajuntar dez mill homens: em esta terra ha muito pano d'algodam e pimenta pouca.

Outro regno

Caell, o qual tem o rrey mouro e a gente he christãa, e está de Calecut por mar dez dias: este rrey poderá ajuntar quatro mill homens de peleja e cem alifantes de guerra: aquy ha muitas perllas.

Outro regno

Chomandarla he de christãoos e o rey christãoo: este poderá ajuntar çem mill homens; aquy ha muita lacra, e vall duas farazalas hum cruzado: e asy tem muito pano d'algodam.

Outro rreino

Ceylam, a qual he huma hilha muito grande, e de christãos, e rrey christão: está de Calecut por mar de bom vento oyto dias; este rrey poderá ajuntar quatro mill homens, e asy tem muitos alifantes de guerra, e pera vemder: aquy ha toda a quanella fina que ha em esta Imdia, e asy muitas pedras çafiras e milhores que outras de outra terra, e rrobis poucos, mas sam boons.

Camatarra he de christãoos: está de Calecut trinta dias de bom vento: este rrey poderá ajuntar quatro mil homens de peleja, e tem mil de cavallo e trezentos alifantes de guerra: em esta terra ha muita seda em fio e val a farazalla oyto cruzados; tambem ha nesta terra muita lacra, e vall hum bachar, que tem xx farazallas, dez cruzados.

Xarnauz he de christãos e o rey christão:

estaa de Calecut cincoenta dias de bom vemto: este rey ajuntará vinte mill homens de peleja e quatro mil de cavallo. E tem quatrocentos alifantes de guerra: nesta terra ha muito beijoim, e vall a farazalla tres cruzados, e ha hi muito aloee, e vall a farazalla xxv cruzados.

Tenacar he de christãos e *o* rey christão: está de Calecut de bom vento quorenta dias. Este rrey poderá ajuntar dez mill homens de peleja, e tem quinhemtos alifantes de guerra: nesta terra ha muito brasyll, o quall faz muito fino vermelho, tanto como grãa, e vall aquy hum bachar tres cruzados, e no Quayro vall sesenta: tambem aquy *ha* aloee, mas pouco.

Bemgala: em este rreino á muitos mouros e poucos christãos, e ho rrey he mouro; este ajuntará vinte mill homens de peleja e dez mil de cavallo: nesta terra ha muitos panos d'algodam e de seda e muita prata: está de Calecut querenta dias de bom vento.

Outro rreyno

Melequa he de christãoos e o rrey christãoo: estaa de Qualecut quorenta dias de bom vento: este rrey poderá ajuntar dez mill homens de

peleja, scilicet, duzentos de cavallo e os outros de pee: d'aquy vay todo o cravo, e vall aquy hum bachar nove cruzados, e iso mesmo a noz nozcada val hum bachar outros nove cruzados; e ha y muitas procelanas e muita seda e muito estanho, do qual fazem moeda, porèm a moeda he grande e val pouco, que tres farazalas valem hum cruzado. Aquy ha muitos papagaios grandes todos vermelhos como arcem[1].

Pegúo he de christaõs e o rey christão; e sam todos alvos como nósoutros: este poderá ajuntar vinte mill homens de peleja, scilicet dez mil de cavalo e os outros de pee, e quatrocentas alyfantes de guerra: aquy ha todo o almizquero do mundo. Este rrey tem huuma ilha, a quall está da terra firme obra de quatro dias de bom vento, em a qual ilha andam humas alimarias asy como çervas, as quaes trazem huuns papos nos imbigos em que anda este almizquere, e em certo tempo do ano esfreganse a huumas arvores e quaemlhes os papos, e os da terra vam em este tempo apanhállo. E he

[1] *Arcem* é palavra que não se encontra nos diccionarios. Derivando-a do verbo *arder*, da qual antigamente se fez *arça* no presente do conjunctivo, julgamos que significa *foga;* e que *vermelho como arcem* é identico com *vermelho como braza.* (Nota da 1.ª edição.)

tanto, que dam por huum cruzado quatro papos destes grandes, e dos pequenos dez e doze, que poderám encher huuma grande arca. E em a terra firme ha muitos rrobis e muito ouro; que com dez cruzados podês aquy conprar ouro por que dem em Calecut vinte e çinquo; e ha hy muita lacra e beijoim de duas maneiras, branco e preto: val a farazala do branco tres cruzados, e do preto hum e mêo; e prata que por dez cruzados vos dem em Calecut quinze: esta terra está de Calecut trinta dias de bom vento.

Bemguala tem o rrey mouro, e a jemte della sam mouros e christãos, e está de Calecut trinta e çinquo dias de bom vento: aquy averá vinte e quatro mil homes de peleja, scilicet dez mil de cavallo e os outros de pee, e quatrocentos aliffantes de guerra: em esta terra ha estas mercadorias: muito triguo e muitos panos de grandes valores; e conprando aquy dez cruzados destes panos, acharám em Calecut por elles quorenta; e muita prata.

Conimata tem o rrey christãoo e bem asy a gente: está de Calecut cincoenta dias de bom vento: este rrey poderá ajuntar cinquo ou seis mil homens de peleja, e tem mill aliffantes de

guerra; nesta terra ha muitas pedras çafiras e muito brasyll.

Pater he de christãoos e o rrey christãoo, e em este reyno nom ha mouro nenhum: este rrey poderá ajuntar quatro mill homens de peleja, e tem çem alifantes de guerra: em esta terra ha muito rruibarbo, e val aquy huuma farazalla nove cruzados; e ha hy muitas pedras espinellas e muita lacrá, e val hum bachar quatro cruzados: estaa de Calecut cincoenta dias de bom vento.

De como pelejam os aliffantes nesta terra

Fazem huma casa de madeira em que cabem quatro homens, e esta casa anda em çima do aliffante com os ditos quatro homens mitidos nella, e traz este alifante em cada dente cinquo espadas armadas, asy que em ambos os dentes traz dez espadas, de maneira que andam tam temerrosos que nenhuum nom os aguarda se lhes fogir póde. E todo aquillo que aquelles que em çima andam lhes mandam o fazem tam compridamente como se fose criatura rracionall, porque se lhes dizem «mata aquelle ou faze isto ou estoutro» asy o fazem.

Da maneira que tem pera os tomarem quando andam no mato bravos

Quando querem tomar algum aliffante bravo tomam hu*ma* femea mansa, e fazem hu*ma* cova muito grande onde quer que o aliffante anda, e tapamlhe a boca com mato, e dizem áquella femea «vay, e se achares algum aliffante traze-o pera junto desta cova, de maneira que caya elle dentro, e tu guardate nom cayas.» Vayse emtam, e asy como lho mandam asy ho faz, e depois que o topa *ha* o de trazer de maneira por alii que ha de cair dentro, e a cova he de tall altura que jamais elle por sy póde sair.

Da maneira que se tem pera os tirarem da cova e os amansarem

Depois que o aliffante jaz naquella cova pasamse primeiro cinquo ou seis dias que lhe dem de comer, e depois dos ditos dias pasarem levalhe hum homem muito pouca vianda, e cada dia mais até que elle vem a comer, isto por espaço de huum mês até que aquelles que lhe levam de comer o vam amansando, até que deitam da terra em a cova; e isto falo por tantos dias que lhe aguarda, que lhe pousa a mão

nos dentes, e depois décese abaixo e lançalhe huumas cadêas muito grosas nos pees, em as quaes o ensinam em tall maneira que lhe nom mingoam senam falar, e tem os em èstribarias como cavalos, e hum boom aliffante vall dous mill cruzados.

Este he o preço por que se vende a especiaria em Alexandria

Primeiramente vall huum quintal de canella vinte e cinquo cruzados:	XXV	cruzados
Huum quintall de cravo val vinte cruzados:	XX	»
quintall de pimenta quinze cruzados:	XV	»
quintall de gingivre onze cruzados:	XI	»
e em Calecut vall hum bachar, que tem cinquo quintaees, vinte cruzados:		
quintal de noz nozcada vall dezaseis cruzados:	XVI	»
quintal de lacra vall vinte e cinquo cruzados:	XXV	»
quintal de brasill val dez cruzados:	X	»

arratell de rruybarbo val doze cruzados:	XII cruzados
miticall d'almizquere vall hum cruzado:	I »
arratell de paoo aloee val dous cruzados:	II »
arratell de beijoim val hum cruzado:	I »
quintal d'emçenço val dous cruzados:	II »

e em Meca onde ho ha val hum bacar dous cruzados.

Esta he a linguajem de Calecut

Por ólha; nocane.
ouves; que que ne.
tiralhe; criane.
tirar; balichene.
corda; coraoo.
alarga; lacany.
dáme; cornda.
beber; carichany.
come; tinane.
toma; y na.
nam quero; totenda.
andar; mareçane.
vaite; poo.
vem quá; baa.
calte; pote.
levantate; legany.
lançar; carecane.
falar; para ne.
doudo; moto.
sesudo; monday decany.
manco; mura call.
cair; biamçe.
muito; balidu.
maoo; betall.

Por vento; clarle.
pouco; chiredu.
daylhe; criane.
paoo; mara.
pedra; calou.
dentes; faley.
beiços; çire.
nariz; muco.
olhos; cana.
testa; necheim.
cabellos; talanay.
cabeça; tabu.
orelhas; cadee.
lingoa; naoo.
pescoço; caestez.
— ; mulay.
peitos; nane.
braços; carit.
estamago; barri.
pernas; cali.
— ; canay.
— ; seyrim.
— ; cudo.
mãoos; lamguajem.
dedos; beda.
— ; cula.
pescado; miny.
masto; mana.
lume; tiir.
dormir; teraquy.
homem; amoo.
molher; pena.
barba; tari.
lagosta; xame.
papagayo; tata.
ponbas; cayninaa.
— ; baly.
beijar; mucane.
morder; canchany.
olhar; noquany.
ouvir; çegade.
bater; catane.
ferida; morubo.
espada; batany.
adarga; cutany.
arco; cayny.
frecha; ambum.
lança; concudoo.
tirar com arco; heany.
soll; nerara.
lua; neelan.
çeo; mana.
terra; caraa.

Por mar; caralu.
naoo; capell.
barcas; cambuco.
noute; erabut.
dia; pagalala.
comer; tinane.
—; matara.
asentar; arricany.
estar em pee; anicany.
andar; narecane.
abraçar; traigany.
pancadas; talancy.
chorar; que ne.
alevantar; alagany.
baylar; canechane.
tirar com pedras ou paoo; ouriany.
cantar; fareny.
chuuva; ma jaa.
agoa; tany.
cego; curuge.
decepado de maõo; muraquay.
—; panany.
toma; ennay.
vamonos; pomga.
leste; careçache.
loeste; mecache.
norte; barcangache.
sull; tycamgarche.
cam; naa.
cadella; peña.
moço; hum nee.
minino; co poo.
casa; pura.
agulha; cu doo.
verga; parima.
rremo; tandii.
bombardas; ve dii.
gavea; talii.
driça; anguaa.
ancora; napara.
bandeiras e estendarte; çoti.
governalho; xoca.
pelote; cu pajaoo.
calça; cacu paja.
barrete; tupy.

Estes sam os seus nomes:

Tenae—Pumi—Paramganda—Uja pee—Quilaba—Gouaa—Aja paa—A rreco—A xirama—Cuerapa—Cutotopa—Anapa—Canapa—Gande—Rremaa—Mamgala.

NOTAS

AO PROLOGO DA 1.ª EDIÇÃO

I

Ha quem tenha attribuido a Americo Vespuccio a relação da viagem de Vasco da Gama que se encontra na Collecção de Viagens de Ramusio (tomo I, pag. 137), e taes são, entre outros, Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, na introducção ás duas cartas de Vespuccio que formam o n.º 4 da Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas publicada pela academia das sciencias de Lisboa, e Antonio Ribeiro dos Santos, na sua memoria sobre a novidade da navegação portuguêza no XV seculo (Mem. de Litteratura da Academia, tomo VIII, pag. 348), ao que, suppomos nós, foram induzidos por Bandini, que é o primeiro em attribuir á penna de Vespuccio a referida relação (Vita e Lettere, d'Americo Vespuccio, 1745).

Não temos podido alcançar vista desta obra de Bandini, da qual sómente temos noticia pelas citações que della fazem outros escriptores, como v. g. Tiraboschi, tomo VI, parte 1.ª, pag. 253; e sería, portanto, temeridade em nós impugnar uma asserção, cujos fundamentos ignoramos. Atrever-nos-hemos, comtudo, a affirmar, que se a relação da viagem de Vasco da Gama a que nos referimos foi escripta, segundo declara Ramusio, que pela

primeira vez a apresentou em publico, por um gentil-homem florentino, que, como o mesmo conteudo indica, se achava em Lisboa quando Vasco da Gama voltou do descubrimento da India, não podia esse gentil-homem ser Americo Vespuccio.

Vasco da Gama chegou a Lisboa a 29 d'agosto de 1499, segundo Goes, ou nos principios de setembro, segundo Castanheda, tendo sido precedido, em 10 de julho, por Nicoláo Coelho, que delle se apartou, como se sabe, a 25 d'abril na derrota do cabo de Boa Esperança para a ilha de Santiago de Cabo Verde. Nesta conformidade a Relação devia ser escripta nos ultimos seis mezes de 1499.

Não entraremos na questão (se questão se lhe póde chamar) que se tem suscitado sobre as datas das viagens de Americo Vespuccio. Duvidamos que haja verdadeiramente questão em um assumpto no qual, reduzida a controversia ao seu valor real, a força das provas por um dos lados não admitte debate. Mas, quer na hypothese dos parciaes de Colombo, quer na dos admiradores de Vespuccio, provaremos que era impossivel achar-se este em Lisboa no ultimo semestre de 1499.

Os auctores hespanhoes, estribados no testemunho de Herrera (Hist. geral das Indias), collocam a partida de Americo Vespuccio para a sua primeira viagem em 20 de maio de 1499: segundo esta chronologia achava-se este navegante de certo embarcado e mui longe de Lisboa naquella epocha, como vamos ver.

Os auctores que, contra Colombo, attribuem a Vespuccio a gloria do descubrimento do Novo Mundo, fazem remontar a primeira viagem deste ao anno de 1497. Temos consultado, na bibliotheca portuense, uma mui antiga copia das quatro cartas de Americo Vespuccio contendo a narrativa das suas quatro viagens, duas em serviço do

rei de Castella, e duas no d'el-rei D. Manuel de Portugal, cartas que se acham impressas no fim d'um pequeno tractado por «Martinus Ilacomilus» intitulado «Cosmographie Introductio etc.» em 4.°, letra gothica, impresso «apud Argentoratos (Strasbourg) por Joannes Gruniger, 1509», sendo dedicadas a Renato, rei de Sicilia, duque de Lorena etc.; edição de que parece se serviu Simon Grynéu no seu «Novus Orbis etc.» impresso em Basilea em 1537, pois que transcrevendo as referidas cartas conserva os mesmos erros typographicos que nella se contem. Acham-se neste tractado determinadas as epochas das viagens de Vespuccio com bastante confusão, a qual, todavia, não será difficil fazer desvanecer.

Na primeira viagem estabelece-se a partida de Cadis a 20 de maio de 1497 e a chegada a 15 d'outubro de 1499; sendo a data da chegada evidentemente erro typographico, pois que no theor da mesma primeira carta se colhe que nesta navegação se gastaram quasi dezoito mezes, devendo portanto substituir-se pela de 1498.

Na segunda viagem de Cadis colloca-se a partida em maio de 1489 (o dia exacto, 11 do mez, suppre a edição das cartas feita por Grynéu): a data do anno é evidentemente errada, devendo ser 1499: a da chegada acha-se fixada a 8 de setembro do anno seguinte de 1500.

A terceira viagem teve por data de partida de Lisboa o dia 10 de maio de 1501 (o «Summario das Navegações de Vespuccio» inserido nas obras de Grynéu e de Ramusio, assignala o dia 13 do mez) e a chegada em 1502, com quasi dezeseis mezes de navegação, posto que a versão italiana de Ramusio fixe essa chegada em 7 de setembro de 1502.

A quarta viagem começou, de Lisboa, a 10 de maio de 1503, e terminou a 28 de junho de 1504. Differe desta

data em dez dias a versão de Ramusio que collóca a chegada em 18 do mesmo mez.

Desta fórma, combinando as datas e os textos da edição de 1509, da de Grynéu de 1537 e da versão italiana de Ramusio, podemos fixar as datas seguintes para as quatro viagens de Americo Vespucio:

1.ª VIAGEM	2.ª VIAGEM	3.ª VIAGEM	4.ª VIAGEM
Partida 20 maio 1497	11 maio 1499	10 ou 13 maio 1501	10 maio 1503
Chegada 15outubro1498	8setembro1500	7setembro1502	18 ou 28 junho 1504

Segundo estas datas não é possivel que Americo Vespuccio se achasse em Lisboa no ultimo semestre de 1499.

Demais, concedamos de boamente a ficção das duas primeiras viagens de Vespuccio. Na relação da primeira que fez em serviço d'el-rei D. Manuel, elle expressamente declara que chegou a Lisboa em 1501, quando já a armada em que depois partiu se achava prompta para se fazer á véla. Ora esta partiu no mez de maio, e por mais que se dilate em antecedencia a chegada de Vespuccio nunca se poderá esta collocar tanto atraz como nos ultimos mezes de 1499.

E assim, se as nossas premissas são verdadeiras, em nenhuma das opiniões que se acham formuladas e sustentadas sobre a genuinidade ou não genuinidade das navegações de Vespuccio, se póde fundadamente sustentar que fosse elle o auctor daquella relação.

Parece-nos que o mesmo Antonio Ribeiro dos Santos se contradiz quando se comparam as suas asserções a tal

respeito com o que escreveu na memoria «Da Antiguidade da Observação dos Astros» inserida no tomo v, parte 1.ª, pag. 77 das Mem. da Academia, onde diz que o mesmo gentil-homem florentino *viajara* com Vasco da Gama; asserção esta que, além de contradictoria, é insustentavel á vista do conteudo da relação a que se refere.

II

Desta primeira edição do 1.º livro da historia da India por Fernão Lopes de Castanheda existe um exemplar na bibliotheca portuense. Barbosa Machado na noticia que della dá diz, que «passados tres annos se reimprimiu este livro em folha com differente dedicatoria ao mesmo monarcha (D. João III) e com diversidade no principio do 1.º capitulo como em o numero delles»; mas da confrontação desta edição com a de 1554 se colhe que as differenças e correcções são mais consideraveis que as apontadas. D'algumas fazemos menção nas nossas notas, e aqui observaremos que a diversidade no numero dos capitulos (sendo 95 na edição de 1551 e 97 na de 1554) resulta das alterações que fez Castanheda para discorrer sobre uma inscripção latina na qual se prophetisava o descubrimento da India, e que se diz ter sido achada em Cintra, no tempo d'el-rei D. Manuel; e bem assim para inserir a carta que o referido monarcha escreveu ao Samorim de Calecut por Pedro Alvares Cabral, e o brasão d'armas que el-rei de Cochim deu a Duarte Pacheco. Como porém se fizessem traducções desta mesma edição em linguas estrangeiras, como na castelhana, impressa em Anvers em 1554 (da qual temos conhecimento

por um exemplar existente na bibliotheca da universidade de Coimbra), foram de certo modo divulgadas as incorrecções e imperfeições da mesma, do que se encontram vestigios em alguns auctores, tanto antigos como modernos. Sirva d'exemplo o dizer-se nesta 1.ª edição que da ilha de Sanctiago Bartholomeu Dias voltou a Portugal; asserção que, posto que corrigida na edição seguinte para *seguiu o caminho da Mina,* apparece ainda hoje na Biographia Universal, e em outras obras.

O auctor ou antes redactor do Summario da Bibliotheca Lusitana é inexacto e não escreve o que Barbosa refere, quando dá a entender que, tendo todas as obras de Castanheda sido impressas em 1551, sahiram accrescentadas e emendadas em os varios annos que aponta; sendo certo que sómente o 1.º livro fôra impresso em 1551, e que quando pela primeira vez appareceram os livros 6.º e 7.º em 1554 é que se reimprimiu o 1.º O mesmo Barbosa Machado é inexacto em apontar o 1.º livro como publicado com o livro de Osorio «De rebus Emmanuelis» em París, 1581 na imprensa de Francisco Estienne, traducção de S. G. S., quando este traductor, approveitando-se dos doze livros de Osorio, recorreu sómente depois aos ultimos de Castanheda, como verificámos.

NOTAS AO TEXTO

Pag. 1. «Quatro navios.»

Estes navios eram: o S. Gabriel, de 120 toneladas; o S. Raphael, de 100; a caravella Berrio, de 50; e a náo dos mantimentos, de 200. Os primeiros dous foram construidos sob a direcção de Bartholomeu Dias (que já tinha experiencia dos mares austraes), e da madeira que para a prosecução dos descubrimentos tinha el-rei D. João II mandado cortar por João de Bragança, seu *moço do monte,* e conduzir para a Casa da Mina em 1494; sendo o agente desta construcção e do despacho de toda a armada Fernão Lourenço, thesoureiro da referida casa, e um dos magnificos homens daquelle tempo. A caravella foi comprada por el-rei D. Manuel a um piloto da villa de Lagos, chamado Berrio, de quem a embarcação tomou o nome, circumstancia esta que d'alguns (como Maffei, em «Le Istorie dell' Indie Orientali») é ignorada. A náo de 200 toneladas foi comprada tambem por el-rei D. Manuel a um Ayres Correia, e era destinada a conduzir os mantimentos que, para tão dilatada viagem como se calculava, eram necessarios, e para os quaes o diminuto lote dos navios não offerecia o commodo da arrumação; sendo uma das instrucções que levava o capitão

mor o mandar despejar e queimar a dita náo na angra de S. Braz. Ía mais em conserva destes navios até as alturas da Mina Bartholomeu Dias, em uma caravella da carreira ordinaria do trafico que para essas partes se fazia, e da qual, pelo lucro que d'ahi lhe resultaria, lhe foi conferido o commando, tanto em consideração dos seus passados serviços na empreza dos descubrimentos, como em remuneração do seu trabalho no apercebimento da armada em cuja conserva ía.

Na capitania, o S. Gabriel, ía o capitão mor Vasco da Gama, levando por piloto Pero d'Alemquer, que com Bartholomeu Dias tinha chegado até o rio do Infante no anno de 1487 (Casado Giraldes diz que dobraram o cabo em 1493!); e por escrivão Diogo Dias, irmão do referido Bartholomeu.

No S. Raphael ía por capitão Paulo da Gama, irmão do capitão mor, por piloto João de Coimbra, e por escrivão João de Sá.

No Berrio ía por capitão Nicoláo Coelho, por piloto Pero Escobar, e por escrivão Alvaro de Braga[1].

Na náo dos mantimentos ía por commandante um creado do capitão mor chamado Gonçalo Nunes, a quem Castanheda, na 1.ª edição do seu 1.º livro, chamou por engano Gonçalo Gomes, emendando-se para Nunes na 2.ª

Íam por interpretes, do arabico Fernão Martins[2] e da

[1] João Franco Barreto, no seu indice dos nomes proprios, que anda annexo a varias edições das obras de Camões, diz na palavra «Diogo», que João de Barros chama a Diogo Dias e Alvaro de Braga — Alvaro Dias e Diogo Correia. Na Decada I, liv. 4.º, c. 3.º e 10.º tal não achamos, mas sim Diogo Dias e Alvaro de Braga.

[2] Diz mais João Franco Barreto, no supracitado indice, na palavra «Fernão ou Fernando» que Goes chama Martim Affonso

lingua dos negros Martim Affonso, que por muito tempo andára em Manicongo.

Tem-nos de mais a historia conservado os nomes de Alvaro Velho, Fernão Velloso (Castanheda e Barros), Gonçalo Pirez (Castanheda), Gonçalo Alvarez, mestre do navio S. Gabriel (Barros), Sancho Mexia (o nosso auctor), Pedro de Faria e Figueiredo e seu irmão Francisco, que ambos morreram no cabo das Correntes (Faria e Sousa), e Leonardo Ribeyro (Manuel Correia)[1].

Faria e Sousa menciona mais, na sua Asia, a *Pero de Cobillones,* religioso da ordem da Trindade, como capellão da armada, fundando-se em papeis antigos de toda a confiança (diz elle) e em o testemunho de frei Christoval Osorio, da mesma ordem, em uns elogios por elle escriptos.

Na enumeração dos individuos que embarcaram para esta viagem ha discrepancia. Castanheda[2], Osorio e Goes

a Fernão Martins. Aqui ha tambem engano. Goes (C. de D. Manuel, P. I, c. 36.º e 39.º) não confunde dessa sorte n'um só dous individuos distinctos.

[1] «Obras do grande Camões etc. com os commentos de Manuel Corrêa etc., Lisboa, 1720, na officina de Joseph Lopes Ferreira.» Na nota á estancia 40.ª do canto 6.º, o commentador affirma que Camões lhe dissera ser o verdadeiro nome do Leonardo, que o poeta ahi introduz, Leonardo Ribeyro. É de notar que Manuel de Faria e Sousa na «Asia Portuguêsa», diz que o Leonardo da est. 40.ª do canto 6.º dos Lusiadas, era Francisco de Faria e Figueiredo; e nos «Commentos aos Lusiadas» (Madrid, João Sanchez, 1639) n'uma nota á mesma estancia, usa das palavras seguintes: «Pudo aver este soldado (Leonardo) en la compaña; y no consta de esso; ni era menester para ser introducido del poeta que escrive um poema, y no una historia».

[2] Na 1.ª edição do 1.º livro de Castanheda, a pag. 87 o numero 180 é contrario ao que disse o auctor a pag. 7 e foi substi-

contaram 148 homens; Barros, na Dec. I, liv. 4.º, c. 2.º, declara que foram 170; e, no liv. 5.º, c. 1.º da mesma Dec., diz «obra de 160; Faria e Sousa conta 160. Em que voltaram ao reino 55 concordam todos aquelles (com pequenissima excepção) que apontam um numero determinado. San Roman (liv. 1.º, c. 7.º) diz que, entre marinheiros e soldados, embarcaram 160, dos quaes morreram, inclusivè Paulo da Gama, 93, elevando assim a 67 o numero dos que sobreviveram.

Nós inclinamo-nos ao maior numero, e conjecturamos que a differença entre de 148 e 160, provém de não se terem incluido no menor algarismo os 10 ou 12 degradados, que (Goes, Chr. de D. Manuel, parte I, c. 36.º) Vasco da Gama levava para deixar em terra nos pontos em que lhe parecesse poderiam tomar informação da mesma, os quaes deviam ser recolhidos aos navios na volta da armada para Portugal. Talvez os auctores que apontam 148 homens não quizessem, ou não se lembrassem de advertir essa circumstancia, referindo-se apenas ás duas classes —mareantes e homens d'armas.

---

tuido por 148 na edição de 1544. É comtudo de notar que Ramusio, na relação desta viagem que inserio na sua collecção e que já citámos, tambem enumere 180 entre todos. Em algumas edições italianas de Maffei contam-se 60 homens, posto que nas mesmas edições se diga que Vasco da Gama perdera quasi 100 homens. As edições latinas são mais correctas, porque trazem 160.

Lafitau e alguns outros enumeram 170 homens. A Hist. Geral das Viagens, a pag. 22, diz 160, e a pag. 52, 108, etc.

Pag. 1. «Huum sabado, que eram oyto dias do mês de julho da dita era de 1497.»

Alguma duvida poderá offerecer-se sobre o verdadeiro dia da partida de Vasco da Gama a quem quizer apurar os factos da historia dos nossos descubrimentos e só se limitar ao estudo das fontes menos proximas. É o que se verifica no presente caso. Ramusio, San Roman, Maffei e Laclede attribuem á partida da armada de Vasco da Gama a data de 9 de julho de 1497[1], Antonio Galvão o dia 20[2], Barrow o dia 3[3]; e, para não citar outros, o visconde de Santarem elogia a exacção d'um codice ms. existente na bibliotheca real de París, por apontar o dia 2 de junho de 1497[4].

Mas, quanto a nós, a verdadeira data desta partida acha-se definitivamente estabelecida pela conjuncta auctoridade daquelles nossos escriptores dos negocios da India, que, primeiros na ordem dos tempos em que es-

[1] Ramusio «Primo volume e seconda editione delle Navigationi etc. In Venetia, nella Stamperia de Giunti, l'anno 1554» a pag. 130, na Viagem de Vasco da Gama em 1497, escripta por um gentil-homem florentino que se achava em Lisboa no tempo em que a armada voltou do descubrimento da India. San Roman «Historia General de la Yndia Oriental, Valladolid, 1603» a pag. 40. Maffei «Le Istorie dell' Indie Orientali, Milano, 1806» tomo I, pag. 67. Laclede «Histoire Générale de Portugal, París, 1735» tomo IV, pag. 99.

[2] Antonio Galvão «Tratado dos descubrimentos antigos e modernos, Lisboa, por Miguel Lopes Ferreira, 1731» a pag. 34.

[3] Barrow «Abrégé Chronologique etc.» (traducção das Viagens deste auctor do inglez para francez, por Targe), París, 1761.

[4] Noticia dos Mss. na bibliotheca real de París pelo segundo visconde de Santarem, Lisboa, 1827, pag. 74.

creveram, são tambem primeiros no conceito que nos devem merecer. Castanheda, Barros, Goes, Faria e Sousa[1] unanimemente assignam, como dia da partida, um sabbado 8 de julho de 1497, e o seu testemunho é corroborado pela auctoridade do nosso anonymo, que, se fôra necessario, podéra decidir a questão, tanto pelo gráo de crença que merece, como pela coherencia com que, partindo desta, procede em todas as mais datas da sua narrativa.

Pelas citações anteriores vê-se que é insustentavel outra data para a partida de Vasco da Gama que não seja a de 8 de julho de 1497. Cumpre-nos agora rectificar uma citação incorrecta que, a este respeito, na referida *Noticia* se encontra. Diz-se ahi que na Asia de Faria e Sousa, c. 4.º parte 1.ª, falta o dia da partida de Vasco da Gama. Ora, verificando esta citação, achamos mui expressamente em Faria e Sousa as palavras «Salio del puerto de Lisboa *um sabado, ocho de julio* de 1497».

Notaremos de passagem outra pequena falta de exacção na citação que na *Noticia* se adduz relativamente á partida de João da Nova no anno de 1501. Affirma-se alli que a «Asia» de Faria e Sousa, e a Dec. I, liv. 5.º, c. 10.º de Barros poem a partida deste capitão no mesmo mez e

[1] Castanheda, livro I, c. 2.º; Barros, Dec. I, liv. 4.º c. 2.º; Goes, Chronica de D. Manuel, parte 1.ª, c, 35.º; Faria e Sousa, Asia, tomo I, parte I, c. 4.º Não faça duvida a data 2 de julho de 1497, do cap. 23.º de Goes acima citado, que é evidentemente erro, ou de copista, ou typographico. No capitulo 35.º que acabamos de citar diz o referido auctor: «Vasco da Gama partiu de Lisboa, *como atrás fica dito*, hum *sabado* 8 dias de julho etc.» Ora o erro tanto podia ser n'uma parte como na outra, mas a palavra *sabado* tira a duvida e indica onde de facto existe o erro, pois que o dia 2 de julho de 1497 não caiu em *sabado*.

anno que o codice n.º 10023 que a colloca a 15 de março de 1501, mas que não indicam o dia. Isto é exacto sómente em quanto a Faria e Sousa; porque Barros estabelece o dia 5 do mesmo mez e anno, como é facil de verificar.

Accrescentaremos que suspeitamos que a data de 19 de novembro de 1509 em que Faria e Sousa colloca a partida de D. Fernando Coutinho (Asia, tomo I, parte 2.ª c. 3.º) é erro de copia ou de impressão, no referido historiador. Na «Memoria de todas as armadas», que anda annexa á sua Asia (e que é aquella a que se refere a nota *b* do proemio das navegações de Cadamosto, na collecção das noticias das nações ultramarinas da academia), não especifica Faria e Sousa senão o *anno* das partidas, omittindo *mez* e *dia* pelo motivo que precedentemente adverte de ser «notorio que es entre febrero e abril ordinariamente», notando que «quando partieron en otros tiempos lo dizemos en aquellas de que se supo.» E quando chega á armada do commando de D. Francisco Coutinho, aponta o anno sómente; donde deveriamos concluir, segundo as indicações do mesmo Faria e Sousa, que a armada partiu entre fevereiro e abril, o que vae de encontro com o dia 19 de novembro. Com effeito a data 12 de março é aquella que é geralmente indicada, conforme com o codice 10023.

A circumstancia de não assignalar a «Memoria das armadas» de Faria e Sousa os *dias* da partida, e a de abranger o periodo de 1412 a 1640 mostram bem que não póde o Diario do codice 10023 ser a memoria apontada de Faria e Sousa. Quanto á possibilidade de ser ou não este «Diario» aquelle que deixou manuscripto e prompto com as licenças para a impressão Francisco Luiz Ameno, como diz Barbosa na Bib. Lusit., tomo IV, pag.

136, podemos affoutamente decidir a questão pela negativa. Na bibliotheca portuense existe uma copia deste inedito de F. L. Ameno, e á vista della se conhece a differença que tem do codice 10023: 1.º porque abrange desde 1410 até 1761; 2.º porque fixa a partida de Vasco da Gama em *8 de julho de 1497*. Mais poderiamos dizer sobre a fonte donde derivou o Diario do codice 10023; mas seria isso alheio do nosso assumpto.

Pag. 3... «Garçõees.»

A palavra garção, no sentido de ave, não se encontra nos diccionarios; mas é claro que não é senão o augmentativo de *garça,* ave aquatica.

«Como 100 legoas a oeste do cabo de Boa Esperança se começam a ver uns passaros grandes com os cotos das azas pardosos, e os corpos brancos, a que chamam *Gaivotões.*» *(Pimentel,* Arte de Navegar.)

Ibid... «Golfãoos.»

Planta aquatica; provavelmente o *sargasso* e *trombas* de que falam os nossos subsequentes navegantes. «Passadas as Ilhas de Tristão para o Cabo se hão de achar *manchas de sargasso,* a que chamam *Mantas de Bretão,* e uns paos com muitas raizes em uma das pontas, a que chamam *Trombas*... Ver-se-hão tambem uns passaros a que chamam *entenaes,* e *corvos grandes* de bicos pardos.» *(Pimentel,* Arte de Navegar.)

Pag. 4... «O capitam moor mandou Pero d'Alanquer no batell a ssumdar.»

Castanheda e Goes dizem que fora Nicoláo Coelho enviado a sondar. E muito mais verosimil que se mandasse a Pedro d'Alenquer que com Bartholomeu Dias tinha já dobrado o cabo de Boa Esperança, e tocado em varios pontos de sua vizinhança.

Ibid... «Aa quall poseram nome Santa Ellena.»

E preciso não confundir com a ilha do mesmo nome no oceano atlantico a angra ou aguada situada na costa occidental do continente d'Africa. Neste engano (por mera equivocação de certo) caíu Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (tomo. VIII das Mem. de Litt. da Academia, pag. 371, na nota 1), Francisco Luiz Ameno (no inedito já citado) e varios outros. A ilha de Sancta Helena foi descuberta por João da Nova voltando da India em 1502. O mesmo Francisco Luiz Ameno aponta este descubrimento. Na «Histoire Générale des Voyages, París, 1746», traducção do inglez, é Castanheda falsamente accusado de ter confundido a angra com a ilha de Sancta Helena. Parece-nos que o individuo que compilou a Viagem de Vasco da Gama para essa obra, não obstante que fala em Barros e Castanheda, tinha mui imperfeito conhecimento das linguas portuguêsa e hespanhola, ou serviu-se de traducções mui infieis. O traductor da obra, Prevost, está em identicas circumstancias.

Pag. 4... «o rrio de Samtiaguo.»

Hoje o rio Berg.

Pag. 5... «e trazem huumas baynhas em suas naturas.»

A phrase a que esta nota se refere foi usada por Castanheda na edição de 1551, quando tractou dos usos dos habitantes da angra de Sancta Helena, mas foi expurgada nas seguintes impressões. Não levou a delicadeza a tal auge de escrupulo o bispo de Silves, Jeronymo Osorio, no livro «De rebus *gestis* Emmanuelis»: *pudenda ligneis vaginis includunt.*

Pag. 5... «e levámollo á naoo do capitam moor, o quall o pôs comsiguo aa mesa.»

Damião de Goes diz: «comeo e bebeo de todas as iguarias que lhe deram, com dous grumetes, a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia.» Barros diz o mesmo por outras palavras. É mui provavel que a inexacção não esteja da parte do nosso auctor, a quem a circumstancia de comer á mesa com o capitão mor não era para esquecer.

Pag. 6... «Este mesmo dia hum Fernam Velloso.»

Este caso é narrado de diversas maneiras por diversos historiadores nossos, sendo Castanheda aquelle que mais

se conforma com o auctor, e Barros quem mais delle discrepa. Goes attribue a partida de Fernão Velloso de entre os cafres á circumstancia de que «nem o guisado do lobo, nem o modo da terra satisfizeram muito a Fernão Velloso»; e que por isso «acabado o banquete começou de caminhar para onde as náos estavam». Barros refere (Dec. I, liv. 4.º, c. 4.º) que tendo Fernão Velloso partido com os negros, Paulo da Gama saíra a pescar, e fisgando os marinheiros um baleato, estiveram em risco de se perderem por barafustar o monstro quando se sentiu ferido. Nem Castanheda nem Goes falam de similhante acontecimento, que se tivera occorrido não fora omittido pelo minucioso auctor do Roteiro, que tambem invalída com seu silencio o que affirma Barros de Nicoláo Coelho haver esperado em terra, fazendo lenha, a volta de Fernão Velloso. *Lafitau,* tendo Castanheda, Barros, Goes e mais historiadores nossos á vista, estranhamente desfigura o caso.

Pag. 7... «foi ferido o capitam moor e tres ou quatro homens.»

Entre os feridos especifica Barros a Gonçalo Alvarez, mestre do navio S. Gabriel.

Pag. 8... «E á quarta feira ao mêo dia pasámos pello dito cabo.»

Pelo computo deste Roteiro o cabo de Boa Esperança foi passado pela armada a 22 de novembro de 1497;

pelo que se ha de emendar o que dizem Castanheda, Barros e Goes, que o fazem passado a 20. Quanto ao dia da semana concorda Castanheda com o nosso auctor, dizendo que fora a uma *quarta feira;* mas a penultima quarta feira de novembro de 1497 caíu a 22 do mez.

Pag. 8... «junto com este cabo de Boa Esperança ao sull jaz huuma amgra.»

É a bahia Falsa, entre os cabos Falso e de Boa Esperança.

Pag. 9... «entrámos em a angra de Sam Brás.»

A concordancia dos nomes geographicos antigos com os correspondentes modernos não é trabalho facil.

Entre o cabo das Agulhas (que tem conservado o nome) e o rio do Infante, que é mais conhecido entre os estrangeiros pelos nomes de *Grande Rivière des Poissons, Great Fish River, Grote-Vis-River,* ha cinco principaes bahias, das quaes a mais occidental é ainda hoje chamada pelo nome de *S. Sebastião* que Manuel de Mesquita Perestrello lhe deu, e as mais, de oeste a leste, são denominadas pelos hollandeses, *Mossel, Plettenberg, Camtoo,* e *Zwarts-Kop,* a que suppomos corresponderem os nomes portuguêses de *S. Braz, Formosa, S. Francisco* e *Lagôa.* Fundamos esta nossa opinião na comparação de alguns mappas modernos, como os de Barrows, Arrowsmith, Pinkerton, Faden e Wyld, que adoptam os nomes hollandeses, com a carta reduzida da Africa aus-

tral inserta no *Neptuno Oriental,* em que Mannevillette com o Roteiro de Perestrello á vista, deu aos varios pontos da costa os nomes portuguêses que lhes correspondem. Temos mais em favor desta nomenclatura um mappa manuscripto existente na bibliotheca publiça portuense, feito nos annos 1781, 1782, 1784 e 1785 por Duminy, capitão de fragata, e do porto do cabo de Boa Esperança em 1787, e dirigido a Mr. Van-de-Graaf, governâdor e director geral da colonia do Cabo, em que achamos expressamente notada a correspondencia do

hollandês	*Mossel,*	ao português,	S. Braz
»	*Plettenberg,*	»	Formosa
»	*Camtoo,*	»	S. Francisco
»	*Zwarts-kop,*	»	da Lagoa.

Vamos, portanto, de encontro, a quem, como d'Anville, chama á Angra de S. Braz *Vlees-bay;* a quem, como o mesmo accreditado «Neptune Oriental», chama á bahia Formosa *Mossel-bay;* e a quem, como Maltebrun, marca a bahia de S. Braz no sitio da de S. Sebastião, e naquelle onde geralmente se indica a de S. Braz colloca a bahia *Mossel,* ou (diz elle) de Sancta Catherina.

Quanto á verdadeira situação de *Vlees-bay,* ou *Flesh-bay* (que, ainda que diversamente marcada em diversos mappas, é usualmente confundida com a de S. Braz) julgamos que se deve collocar na bahia das Vaccas, a oeste da de S. Braz, no que nos conformamos com Barrows, Pinkerton e Duminy; e vem a pello dizer que discrepamos do auctor do «Neptune Oriental» em quanto chama *Vis-bay (Fish-bay* ou *Baie des Poissons)* á bahia de Sancta Catherina, sendo esta ultima indubitavelmente a leste do cabo Talhado, em quanto que *Vis-bay* é geral-

mente assignalada a oeste do mesmo e de *Mossel-bay*, e mais usualmente entre esta ultima e a de *Vlees*.

Pag. 14... «huumas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nom tem penas nas aas (azas) e chamamlhes *fotylicayos*.

O nome que os nossos historiadores geralmente dão a estas aves, e que o proprio auctor deste Roteiro lhes dá n'outro logar é o de *sotilicairos*. Manuel de Mesquita Perestrello no seu Roteiro descreve-as com mais individuação: «Ha nelle (no ilhéu da angra de S. Braz) uma innumeravel multidão de lobos marinhos, alguns delles d'incrivel grandeza, e uns passaros do tamanho e feição de patos, a que chamam *sotilicairos*, os quaes não tem pennas nas azas com que voem, e somente com os cotos dellas cobertos d'uma penugem muito miuda, mergulhão de maneira que pescão para manterem a si e a seus filhos que criam em ninhos feitos das espinhas dos pescados que elles e os lobos alli trazem».

Os sotilicarios ou mangotes pertencem aos *Aptenodytae demersae* de Linneo, de que aponta como synonymos o *Manchot du Cap de Bonne Espérance* e o Manchot *à bec tronqué* de Buffon; o *Pinguin, Lesser Pinguim, Cape Pinguim, Black-footed Pinguin* dos naturalistas ingleses. Entre os franceses são usualmente denominados *Pingouins*. Estas aves encontram-se igualmente nos mares do norte, mas com estructura e caracteres um pouco diversos. Segundo Brotero as do norte tem mais pennas nas azas do que os pinguins ou mangotes do sul. Os mango-

tes tambem denominados cotetes são antes semiaves do que aves completas.

Pag. 15... «onde se chamam os Ilheos Chãoos.».

Differem entre si o nosso auctor, Castanheda e Barros sobre o logar onde Bartholomeu Dias collocou o ultimo padrão, sendo Goes concorde com Castanheda. O seguinte resumo tabellar facilitará a comparação do texto destes escriptores: as leguas intermediarias denotam as distancias que cada um assigna d'um a outro ponto.

Notaremos em primeiro logar que Castanheda alterou o texto do auctor para dizer um absurdo. Os nossos navegantes caminhavam do sul para o norte, e houveram vista dos ilhéus Chãos em 15 de dezembro, sendo erro de Castanheda dizer em 16 de dezembro, porque a *sexta feira* foi a 15 de dezembro de 1497. Como pois passaram o ilhéu da Cruz que já lhes ficava a ré (para o sul) no dia seguinte? Notaremos tambem que foi inexacto o nosso auctor, quando disse que da angra de Santa Helena á de S. Braz eram sessenta legoas *por mar*, distancia que elle neste logar diz haver entre o cabo da Boa Esperança e a angra de S. Braz. É possivel que por erro do copista se diga no manuscripto deste Roteiro *por mar* em vez de *por terra*.

Norte

ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA	CASTANHEDA E GOES	BARROS
Rio do Infante (15 legoas)	Rio do Infante (15 legoas)	Rio do Infante (20 legoas)
Derradeiro padrão de Bartholomeu Dias (5 legoas)		
Ilhéus Chãos (5 legoas)	Ilhéus Chãos (5 legoas)	Ilhéus Chãos (5 legoas)
Ilhéu da Cruz	Ilhéu da Cruz, onde Bartholomeu Dias poz o *ultimo padrão*	Ilhéu da Cruz, ou *Penedo das Fontes*, onde B. Dias poz o *ultimo padrão*
(60 legoas)	(55 legoas)	–
Angra de S. Braz (60 legoas)	Angra de S. Braz (60 legoas)	Angra de S. Braz (60 legoas)
Cabo da Boa Esperança	Cabo da Boa Esperança	Cabo da Boa Esperança

Sul

Ora examinando esta taboa, vemos que estando, segundo o nosso auctor, o derradeiro padrão de Bartholomeu Dias 5 legoas avante dos ilhéus Chãos, os outros escriptores citados o collocam 5 legoas ao sul dos mesmos ilhéus, a saber, no ilhéu da Cruz (cujo nome derivam da denominação do padrão), affirmando mais Barros que junto com o ilhéu da Cruz existia um penedo chamado *das Fontes*.

Julgamos que pouca hesitação poderá haver em dar razão ao nosso navegante que *viu* aquelles logares os quaes os

outros conheceram só por *tradição,* alem de que o seu testimunho se acha corroborado por uma auctoridade que se póde admittir como irrefragavel. Manuel de Mesquita Perestrello foi mandado por el-rei D. Sebastião no anno de 1575 a reconhecer a costa oriental d'Africa desde o cabo da Boa Esperança até o cabo das Correntes, e em resultado desta viagem publicou um roteiro, onde as latitudes e rumos dos pontos mais notaveis são marcados com uma exacção que, se não exempta absolutamente de erro, é singular para aquelles tempos e faz muita honra ao navegador em cujo auxilio não se offereciam aquelles meios aperfeiçoados a que hoje se póde recorrer. O conceito que mereceram as suas observações e demarcações entre os estrangeiros é tal que o seu roteiro foi traduzido em francês e inserido na excellente collecção de cartas por Mannevillette, intitulada o *Neptuno Oriental.* Nos extractos que passamos a fazer servimo-nos d'um exemplar manuscripto existente na bibliotheca portuense; porque o que delle apparece na «Arte de Navegar de Pimentel» é meramente um resumo.

«... A Bahia da Lagoa ... tem da banda do Ponente quatro ilheos que se chamão da Cruz, um delles maior que os tres ao redor ... correm-se Leste Oeste com outros dois que estam da parte do Levante chamados Chãos, porque são tão razos que se não conhecem a mais de duas legoas ..... As pontas do Padram estão quatro legoas dos Ilheos Chãos para o Levante; ... ao pé tem um ilheo ... e ali deve ser o lugar onde esteve o Padram chamado de S. Gregorio que poz Bartholomeu Dias quando foi descobrir aquella costa por mandado del-Rei D. João o 2.°, porque se escreve que o deixou posto em um ilheo entre os Ilheos Chãos e o Rio do Infante, na qual para-

gem não há outro, e por isso lhe puz este nome ... e antes de chegar ao Rio do Infante oito legoas se descobrem na praia algumas abertas de ribeiros, e adiante tres legoas estão humas barreiras, ao pé das quaes está o *penedo* que se chama *fontes,* o qual é uma pedra com degolada no meio que parece ilheo mas não o é.»

Nesta conformidade se devem emendar as erradas demarcações admittidas pelos escriptores que citámos, e que se encontram em grande numero de mappas com maior ou menor confusão.

Quanto á correspondencia dos nomes modernos com os que se leem no presente Roteiro, ve-se que subsistem ainda, mais ou menos corrompidos, os dos ilhéus Chãos e da Cruz. O rio do Infante, assim denominado do companheiro de Bartholomeu Dias (João Infante segundo Barros, ou Lopo Infante segundo Goes), é hoje conhecido pelo nome de *Groote-Visce Rivier, La Grande Rivière des Poissons;* e não se deve dar fé áquelles mappas que o confundem com o rio de S. Christovam, que, segundo Perestrello, fica oito legoas para o norte.

Pag. 17 e 18... «E sendo huuma quinta feira
que eram dez dias de janeiro.»

O dia 10 de janeiro de 1498 caíu n'uma quarta feira, e não na quinta como diz o nosso manuscripto, não sendo esta a unica vez que nelle se encontram destes descuidos, como mais adiante a paginas 34, onde depois de falar de quinta feira 29 de março poem o sabbado a 30, o que é manifesto engano. Facil é, porém, rectificar erros tão

pouco importantes, e que frequentemente se encontram nos escriptores das cousas da India.

João de Barros (Dec. I, liv. 4.°, cap. 4.°) diz: «dia de Reis entráram no rio delles, e alguns lhe chamam do Cobre»; sendo evidente do texto do nosso auctor, corroborado por Goes, Castanheda e Osorio, que a 6 de janeiro andava a armada á vella e sómente a 10 ou 11 entraram no rio do Cobre. Barros parece confundir n'um mesmo rio os dous, dos Reis e do Cobre, que se acham distinctos na carta do oceano oriental por Bellin juncta á Historia Geral das Viagens, em que o rio dos Reis é marcado muito mais ao sul que o rio do Cobre (ou aguada da Boa Paz); e n'um dos mappas de Linschott achamos o rio dos Reis correspondendo ao rio d'Aroé do mappa de d'Anville, a que já alludimos, onde figura como desembocando na bahia de Lourenço Marques.

A aguada da Boa Gente tem conservado seu primeiro nome, e é ainda hoje mais geralmente denominada a «aguada da Boa Paz», ficando ao norte da bahia da Lagôa (ou de Lourenço Marques), e entre o rio chamado da Lagôa e o rio Inhampura.

Pag. 22... «aquy nos adoeceram muitos homens que lhes imchavam os pees e as mãos e lhes creciam as gingivas» etc.

É evidentemente o *scorbuto,* que tão fatal foi aos nossos navegantes.

Pag. 22... «rrio dos Boons Signaees.»

Barros diz que Vasco da Gama «passou sem haver vista da povoação de Sofala, ... e foi entrar em um rio mui grande abaixo della cincoenta legoas»: nós antes disseramos *acima;* porque Sofala, referida ao rio dos Bons Signaes, fica para traz de quem navega do sul para o norte. Que rio seja este dos *Bons Signaes* entender-se-ha mais claramente do extracto seguinte:

«A este rio de Cuama ... chamão os Cafres Zambese. ... Antes que chegue a se metter no mar algumas 30 legoas se divide em dous braços, ... e ambos vão entrar em o Mar Oceano Ethiopico 30 legoas distantes hum do outro. Ao principal e de mais agoa chamão rio de Luabo; o qual tambem se divide em dous braços; um delles se chama rio de Luabo velho, e o outro Cuama velho; donde parece que todos estes rios tomárão nome de Rios de Cuama. O braço menos principal se chama Rio de Quilimane, ou *Rio dos Bons Signaes;* nome que lhe pôz Dom Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descobrimento da India, pelas boas novas e signaes que nelle achou .... Este rio tambem lança de si outro braço muito grande, a que chamão o rio de Linde.» (Ethiopia Oriental, de Fr. João dos Santos, liv. II, c. 2.º)

É de notar que os mappas antigos demarcam estes rios com muita inexactidão. Hugo de Linschott, por exemplo, delineou o rio de Cuama *duas* vezes na mesma costa oriental.

Pag. 24... «Os homens desta terra sam rruyvos.»

Na passagem correspondente de Castanheda, diz elle: «A gente que vinha dentro erão homens *baços*», no que é seguido por Goes. Osorio escreve «*Homines autem erant colorati*», o que um seu traductor antigo verteo por *bigarrés de couleurs*. Na *Hist. Gen. des Voyages* achamos *un peu noirs*.

Conhecida como é a côr dos habitantes de Moçambique, fica clara a intelligencia que se deve dar á palavra *ruivos* do nosso auctor. Se annotamos cousa tão insignificante é pelo motivo de termos encontrado em livros estrangeiros a *côr ruiva* traduzida pelo correspondente a *compleição ruiva*, e daqui suscitadas duvidas sobre occorrencias das primeiras navegações ás costas austraes de Africa pela supposta circumstancia de nestas se haverem encontrado homens de *cabellos ruivos, redhaired, roux*, quando tal se não queria dizer nos textos portuguêses.

Pag. 25... «ametade mouros e ametade christãoos.»

Deixamos já advertido no prologo quaes eram as noticias que entre os nossos corriam ácerca da christandade da India: accrescentaremos aqui que a communicação com o Preste João das Indias, principe que, segundo se dizia, era christão, mas a respeito da situação de cujos estados havia muita incerteza, fora um dos encargos que se dera a Vasco da Gama.

Pag. 26... «trinta meticaes d'ouro.»

Goes (P. I, c. 37) diz que cada *metical* valia 420 réis; Barros (Dec. I, liv. 4.º, c. 4.º) que 30 meticaes podéram ser até 14$000 réis.

Pag. 27... «tavolachinhas.»

Tavolachinha ou tavollachinha é palavra que nunca encontrámos, mas da sua etymologia se conclue ser arma defensiva, offerecendo uma superficie larga como *escudo*, ou antes, attendendo ao diminutivo, *escudete*.

Com effeito, contrapondo as passagens analogas do nosso auctor e de Castanheda, ficará evidente esta accepção.

Nosso auctor	Castanheda
Pag. 27 ... cinco ou seis barcos com muita gente, os quaes traziam arcos com suas frechas muito compridas e *tavolachinhas*.	Cap. 7 ... seis barcos com muitos mouros armados de arcos, frechas muito compridas, e *escudos* e lanças.
Pag. 32 ... elles andavão ao longo da praia com *tavolachinhas*, azagaias, agomias, e arcos e fundas.	Cap. 7 ... andavão obra de cem mouros armados *de escudos*, agomias, azagaias, arcos, frechas, e fundas.
Pag. 38 ... vieram obra de cem homens todos com terçados e *tavolachinhas*.	Cap. 9 ... foram obra de cem mouros ... e todos com terçados e *escudos*.

Demais tanto Goes como Osorio testificam que entre as armas desta gente o escudo era incluido.

Citaremos a um e outro :

Goes	Osorio
Parte I, cap. 36 ... A gente destes barcos ... traziam terçados mouriscos cingidos com *adargas* nos braços....	Liv. I. ... aduncis gladiis accincti, *parmas*que brachiis insertas gestabant.
Ibid., cap. 37 ... vieram cem homens em uma grande almadia com terçados e *escudos*.	*Ibid*..... gladiis et scutis armati.

Na Historia Geral das Viagens achamos a primeira citação de Goes vertida por *des epées et des poignards,* o que manifestamente resulta de se ter confundido *adarga* escudo, com *adaga* punhal.

Pag. 28... «os marinheiros dellas tem agulhas genoiscas per que se rregem e quadrantes e cartas de marear.»

Aqui temos nós mais um testemunho da antiguidade da bussola e dos instrumentos de astronomia nautica entre os povos que navegavam os mares orientaes. Veja-se a Memoria que a este respeito escreveu Antonio Ribeiro dos Santos no tomo V, parte 1.ª, da Hist. e Mem. da Academia.

A ridicula asserção de que Vasco da Gama aprendeu dos pilotos destes mares o uso da bussola, e na sua volta a introduziu na Europa, não precisava para sua refutação desta passagem.

Pag. 30... «Xarife, que quer dizer creligo.»

Xarife, como geralmente se sabe, significa chefe, individuo possuidor d'honra, d'honroso cargo; e não clerigo ou sacerdote.

Pag. 34... «Fomos com huumas ilhas que estam bem apar da terra, e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado.»

Estas são as ilhas denominadas de Querimba, sendo a do Açoutado a mais austral dellas. Em raros mappas se encontrará esta marcada com este nome, sendo mais usualmente denominada *das Cabras,* ou *Quiziba.* João de Barros diz que da ilha de Moçambique á do Açoutado são setenta legoas.

Pag. 34 ... «ouvemos vista de outras ilhas que estam em mar cinquo legoas.»

Provavelmente as ilhas junto ao cabo Delgado, ainda que a distancia em que, segundo as cartas, jazem da terra, não é tanta como indica o auctor.

Pag. 35... «ha hilha dos christãos.»

Veja-se adiante pag. 48, onde se verá ser a ilha de Quiloa, cujo rei era nesses tempos o mais poderoso daquella costa, tendo em sua sujeição os «mouros de Çofala, Cuama, Angoya, e Moçambique» (Duarte Barbosa, titulo de *Quiloa)*.

Pag. 35... «vimos huuma ilha mui grande
que nos demorava ao norte.»

A ilha de Momfia.

Pag. 36... «á qual seranya poseram nome as Serras
de Sam Rafael, e ás baixas iso mesmo.»

Barros (Dec. I, liv. 4.°, cap. 5.° e 11.°) diz que aos baixos de que neste logar se fala se dera o nome de S. Raphael não tanto pela circumstancia de o navio deste nome alli tocar em secco, como porque ahi se perdera na volta para Portugal, o que á vista do que diz o nosso auctor a pag. 104 é evidente engano. Goes segue este. (Veja-se c. 44.°) As serras de S. Raphael vem a ficar na terra firme opposta á ponta mais septentrional da ilha de Zanzibar. Acham-se marcadas (as serras, terra ou baixas) em quasi todos os mappas.

Pag. 37... «vimos humas ilhas que estavam a mar da terra firme quinze legoas.»

Julgamos que o auctor fala da ilha de Pemba. Quanto á circumstancia de haver nella muito arvoredo proprio para mastros, notaremos que as ilhas que lhe ficam defronte, mas mais unidas á terra firme do que aponta o auctor, são denominadas em varias cartas as ilhas das *Arvores*.

Pag. 41... «e tem a villa (Mombaça) junto com ho mar huuma fortalleza baixa.»

Este baluarte foi depois notavel; mas já se vê que existia quando Vasco da Gama por aqui passou, facto contrario ao que refere Barros que diz fôra construido *depois*. Quando a náo de Sancho de Toar, da armada de Pedro Alvares Cabral, se perdeu naquellas paragens, os mouros poderam aproveitar-se de 7 ou 8 peças da sua artilheria que tiraram a mergulho do fundo do mar, e que collocaram neste baluarte, confiados no que, ousaram resistir, em mal seu, ao vice-rei D. Francisco d'Almeida no anno de 1505. (Barros, Dec. I, liv. 8.º, c. 7.º)

Pag. 46... «Aquy achámos quatro naoos de christãoos da Imdia.»

É mui provavel que fossem, como affirmam Castanheda e Goes, mercadores de Cranganor na costa do Ma-

labar, entre cujos habitantes se conservava uma *tradição* de christianismo, que, comtudo, não era particular a esta cidade, mas estendia-se a outros povos do sul do Indostão. Os portuguêses julgaram-os discipulos do apostolo S. Thomé, e fizeram grandes diligencias para os converter á pureza da fé catholica-romana. Póde ver-se a este respeito a «Jornada do arcebispo da Goa, D. Fr. Aleixo de Menezes ás serras do Malabar», e mui particularmente sobre a crença e superstição destes denominados christãos os artigos do *Synodo* que o mesmo prelado convocou em Diamper, o qual anda juncto com a *Jornada*.

Quanto aos *christãos* d'Abyssinia podem consultar-se com proveito as obras do padre Francisco Alvares, do padre Jeronymo Lobo (edição de Legrand, 1728), do padre Balthasar Telles, ou para melhor dizer do padre Manuel d'Almeida, de Fr. João dos Santos, que delles tractam com individuação, e *passim* os nossos historiadores.

Pag. 48... «E folgámos muito com o pilloto christão que nos el-rey mandou.»

Era este Malemo Cana (sendo Cana ou Canaca nome de *casta)* cujos serviços foram tão valiosos a Vasco da Gamo. Veja-se Barros.

Pag. 51... «vêo com elle huum daquelles mouros.»

Barros chama-lhe Monçaide; Castanheda Bontaibo.

Fez muito serviço a Vasco da Gama, e veio com elle para Portugal, onde morrêu christão.

Pag. 56... «Aquy fez o capitam mor oração.»

Foi nesta occasião que João de Sá, piloto do S. Raphael, vendo a fealdade das imagens que ornavam o pagode, disse, estando de joelhos, para Vasco da Gama: *Se isto são diabos eu cá adoro ao Deos verdadeiro,* ao que o capitão-mor surriu (Castanheda). Um auctor inglez acha neste facto das orações dos portuguêses uma bella occasião para exclamar: *Tão ligadas entre si são a ignorancia e a superstição!* A sentença é tão bella quão mal applicada.

Pag. 59... «atambor.»

O piloto português que escreveu a viagem de Pedro Alvares Cabral (Collecç. de Not. da Acad.) dá á planta, que mais usualmente se chama *Bettel,* o mesmo nome de atambor que aqui lhe dá o auctor do Roteiro. Isto procede da defeituosa pronunciação do arabico *Tambul;* e como os nossos primeiros navegantes á India se communicavam com os naturaes por via dos mouros arabes adoptaram, a principio, as suas denominações das cousas que viam. *Bettel* é o nome que os malabares dão á planta, nome que depois se vulgarisou entre os nossos. Consulte-se João Hugo de Linschot, Garcia d'Orta, e outros.

Pag. 88... «que se chama Tuuz.»

É claro que o auctor allude a *Suez*.

Pag. 90... «posemos hum padram
em o dito ilheo.»

Este ilhéu com os circumadjacentes denominou-se de Santa Maria. Jazem todos entre Bacanor e Baticalá.

Pag. 94... «em huma ilha.»

É a ilha d'Anchediva.

Pag. 97... «vêo hum homem de ydade
de quorenta anos.»

Este individuo, que depois se descobriu ser judeu, natural de Posna na Polonia, fez-se christão e tomou o nome de Gaspar da Gama. El-rei D. Manuel serviu-se delle em muitos negocios da India, e fe-lo cavalleiro de sua casa, dando-lhe tenças, ordenados e officios de que se manteve toda a sua vida abastadamente.

Pag. 108... «Quorongoliz.»

O auctor provavelmente quiz falar de Cochim, e parece que tomou pelo nome daquelle reino o da villa ou cidade de Carangalor, logar que, por ser habitação de muitas e diversas gentes (segundo refere o piloto portuguez auctor da Viagem de Pedro Alvares Cabral, inserta no tomo I da collecção de Ramusio), seria talvez o de maior trato e eommercio. Tudo concorre para crermos que fala de Cochim; o pequeno numero de soldados que elle diz alli se podia alevantar, a producção principal ser pimenta, o que ainda que geral a todo o Malabar (Barros, Dec. I, liv. 9.º, c. 3.º) é notado principalmente de Cochim por Duarte Barbosa (tomo II, pag. 347, da Collecç. de Noticias da Acad.) e por Hugo de Linschot (Pars. II Ind. orient., c. 13.º). Pode tambem ser que alluda a Torumguli, paiz vizinho de Cochim, de que fala Couto na Dec. VII, liv. 10.º, c. 10.º; mas isto parece-nos menos provavel.

Pag. 108, lin. 13... «Coleu.»

Coulão, o qual hoje reunido aos estados de Cranganor, Cochim e Porcá, fórma aquella parte do Malabar chamada Travancor, cuja extensão é differente da do Travancor antigo, e hoje se estende por costa desde Cranganor, ao norte, até o extremo do cabo Comorim, ao sul; e pelo interior até ás serras de Gatte. Barros (Dec. I, liv. 9.º, cap. 1.º) diz que o reino de Coulão acabava no logar de Travancor; mas Duarte Barbosa o faz terminar na cidade de Cael, alem do cabo Comorim, na costa orien-

tal hoje chamada da Pescaria. As revoluções continuas do Malabar dão a explicação destas differenças. Parece que quando a India foi descuberta existia a divisão que marca Barbosa (que escreveu pelo anno de 1516) e que o rei de Travancor possuia mui pequena extensão de costa (se é que alguma possuia), e essa sómente nas vizinhanças de Travancor para o lado occidental. Com o decurso dos tempos elle se foi alevantando do sertão, marchando para as costas ao oeste, sul e leste, e usurpando a melhor porção do reino de Coulão, até que no tempo de João de Barros se achava senhor de toda a costa desde Travancor (ou talvez melhor Trevanderam onde estabeleceu a sua nova capital que se não deve confundir com a antiga) até o cabo de Canhameira ou Calimere na costa oriental. Com effeito temos noticias positivas de que as suas usurpações foram sempre progredindo. No tempo de D. Fr. Aleixo de Menezes arcebispo primaz da India, isto é, pelos annos de 1600, achamos o reino de Coulão dividido nos dous de Coulão e Calle-coulão, e o rei de Travancor aproximando-se tanto de Coulão, que construiu uma fortaleza em Manugé uma legoa abaixo de Coulão, n'uma bocca que o rio que communicava entre esta ultima cidade e Cochim alli fazia, e tinha de mais uma fortaleza sua quasi ao alcance da artilheria daquella que os portuguêses conservavam em Coulão. (Veja-se a Jornada de D. Fr. Aleixo, parte II, c. 8.º e 11.º) Havia outra povoação do nome de Covolan ou Coulão na costa oriental, passado o cabo Comorim, que é preciso não confundir com as cidades de Coulão e Calle-coulão que acima mencionámos.

Ibid... «Caell.»

Cael é mencionada por Duarte Barbosa, por Luiz Barthema (que lhe chama *Chail,* como se póde ver em Ramusio), e por outros mais modernos, e já o tinha sido por Marco Polo. Hugo de Linschot, no mappa que nos appresenta a pag. 20 de suas *Navegações,* assignala *Cael;* mas a incorrecção da delineação das costas e a pequenez de sua escala não nos subministram luz alguma para determinar a situação deste logar. Duarte Barbosa porém é tão explicito que podemos decidir que Cael ou Calle[1], cidade situada na provincia ou territorio então chamado Quilicare ou Calle-care[2], a pouca distancia para o sul do cabo de Calymere, tomou subsequentemente o nome do districto, e encontra-se hoje nos mappas com as denominações de Killicare, Quillicari, etc. Na versão italiana do livro de Duarte Barbosa, que nos conservou Ramusio, achamos apontadas 90 milhas como distancia entre o cabo Comorim e Cael, o que na traducção, cotejada com uma copia portuguêsa, que a academia real das sciencias de Lisboa publicou, se verteu por 80 milhas, usando-se provavelmente de outra escala de milhas. Não faça duvida o dizer o nosso auctor, sob a fé de quem lh'o communicara, e discordando de Barbosa, que Caell era reino distincto de Coulão, porque este ultimo viajante, que escreveu em 1516, nos informa de que o regulo que governava em Caell pelo rei de Coulão, era «tão rico e pode-

[1] No exemplar ms. do livro de Duarte Barbosa existente na bibliotheca publica do Porto encontra-se tanto *Calle* como Callecare.

[2] *Care* significa o *paiz. Calle-care,* o paiz de Calle.

roso, que todos da terra o honram ali como a elrei», ou conforme a variante do exemplar da bibliotheca portuense, era «tão rico e poderoso que todos o tem quasi como rei»: donde não é difficil imaginar por que esta cidade fôra noticiada ao nosso auctor como constituindo um reino independente. Cousin le-Bar e Maltebrun suppoem sem fundamento que Cael é Calle-Coulão, o que á vista do nosso roteiro, e pelo que diz Duarte Barbosa se conhece ser grande erro. E já que tocamos em differenças entre a copia que a Academia real das sciencias publicou do livro de Duarte Barbosa e o exemplar a que temos já alludido como existente na bibliotheca publica do Porto, julgamos que não será alheio do nosso proposito inserir a seguinte passagem em que se descreve a pesca das perolas nas vizinhanças de Cael, passagem que não se encontrando nem em Ramusio nem na copia da Academia, se lê no exemplar da bibliotheca, o qual nos parece um traslado feito em 1539 sobre uma copia do anno de 1529.

«Junto com esta ilha de Ceylão estaa hum parcell de oyto a dez braças antre ha ilha e terra firme, onde se acha muito graã somma d'aljofre grosso e myudo e perlas, ho qual aqui veem pescar os mouros e gentyos de Cale, que he hua cidade delrey de Coulão, duas vezes no anno por ordenança. E achano em huas ostras mais pequenas e lisas que as de nossas partes, e a mergulho as tyrão homens com huas talhas nos narizes, hos quaes vão de Cale em pequenos navyos a que chamão *champana* no tempo que el rey de Cale descoita ho mar. E assy veem duzentas e trezentas champanas e cada hua traz dez e xv homens e mantimentos pera ho tempo que lhes he limitado ally andarem fazendo sua pescaria, e todos desembarcão em hua pequena ilha desabitada e ally assentão seu arrayal, como nos Algarves fazem as alma-

dravas dos atuns, e dally vay cada barco pescar por sy. Scilicet vão parceiros de dous em dous e lanção ancora onde querem e ally vay hum delles abaixo com as talhas nos narizes e hua pedra a hos pees e no pescoço hum redefolle de corda e outro parceiro fica em cima na champana com hum cordel na mão que vay atado no redefolle è outro anda embaxo por espaço de mea hora apanhando suas ostras até que enche o redefolle; emtão dexa a pedra que tem nos pees e vayse acima; emtão allá pelo cordel e tyra ho redefolle com as ostras; este em cima vay ho outro abaxo: e assy fazem sua pescaria. E emtão trazem aquellas ostras e lançanas em terra a ho sol até que apodrecem, e ally as lavão muy bem em caldeiras e gamellas e apanhão seu aljofre: e se achão hua perla grande he pera o rey que ally teem escrivães e arrecadadores de seus direitos, e ho aljofre se pesca pera el-rey haver seu direito e ho al que lhes fica levão pera suas casas. Na qual pescaria el rey de Ceilão perde por nam teer navegação, porque em sua terra jaz esta riqueza. E el rey de Coulão que estaa em terra firme ho veem aqui apanhar. Alguas vezes perguntey a hos negros como se jerava ho aljofre; e elles me disserão que ho tinhão esprementado, scilicet que no inverno se soubem estas ostras sobre agua e recolhem em sy agua da chuva e que quantas gottas d'agua lhe caem tantos grãos de aljofre, e a gotta que cae dentro na carne da ostra aquella se faz perfeito grão e has da parte da casqua ficão meios grãos.»

Pag. 109... «Chomandarla.»

Coromandel, longa costa oriental da India, então sujeita ao rei de Narsinga, ou Bisnaga. Começava esta no

cabo de Canhameira (hoje Calymere) e findava na ponta Guadavarim (hoje Godewar), juncto a uma das bocas do Nissapur. O reino de Narsinga foi retalhado em consequencia de successivas revoluções, e a maior porção delle que resta unida é o Carnate, que contem pouco mais ou menos os territorios que Duarte Barbosa assigna ao Coromandel.

Pag. 110... «Camatarra.»

Trinta dias de navegação para chegar de Calecut a este paiz, e a abundancia de seda que o auctor diz haver nelle mostram que se tracta da ilha Sumatra, situada a travez da ponta de Malaca, e debaixo da linha. Esta seda, de que tambem Barbosa e Barros fazem menção, era talvez o algodão de seda, de que falam Marsden e Maltebrun. Posto que ao tacto e á vista pareça superior á verdadeira seda, este algodão é muito quebradiço e improprio para a fiação. No tempo de Barros a ilha dividia-se em muitos reinos pequenos, que successivamente se foram unindo e separando outra vez; de modo que ainda hoje os diversos estados são muitos; o principal dos quaes é o reino do Achem, tão celebre nas nossas historias da India.

Pag. 110... «Xarnauz.»

Se pela semelhança do som nos houveramos de guiar sería o paiz que se pretende aqui indicar o reino de Sião, chamado tambem Sornau por Mendes Pinto; mas pelas mais circunstancias apontadas no artigo a que se refere

esta nota, tal nome será porventura o da ilha de Borneo, mal pronunciado. Se a navegação de Sumatra era de trinta dias e a de Bengala de trinta e cinco, como o auctor diz mais abaixo, não se podiam gastar regularmente cincoenta á costa occidental de Sião, sendo necessarios, proporcionalmente, setenta ou outenta para chegar á cidade de Udiá, capital do reino, porque nesse caso era preciso dobrar a ponta de Malaca, e entrar no golpho de Sião. Por outro lado admira que falando nas producções do Borneo, aponte só o beijoim e o aloés, quando a mais celebre de todas era, e ainda é, a camphora, estimada como a melhor que se conhece. Nem da producção do beijoim e do aloés se póde concluir mais em favor de Borneo do que de Sião, porque ambos estes paizes os produziam com abundancia. Comtudo o pequeno poder militar em que o auctor fala, de nenhum modo póde convir a Sião, que ajunctava perto de um milhão de soldados, segundo referem Barros, Mendes Pinto e outros. É pois a mais provavel conjectura ser a ilha de Borneo o paiz de que se tracta.

Pag. 100... «Tenacar.»

Parece Tenacerim, reino que formou parte de Sião, ou delle dependeu antigamente, situado na costa occidental da Peninsula alem do Ganges, e cuja capital, do mesmo nome, jazia entre as cidades a que Barros chama Megui e Cholom, hoje Merguim e Junkseylon. Depois das revoluções sobrevindas no meiado do seculo XVIII, Tenacerim ficou pertencendo ao imperio dos birmans (os bramás ou bremás de Mendes Pinto e Barros) e Sião, segundo Maltebrun, só possue agora um breve pedaço de

costa alèm desta cidade, para a banda de Malaca, onde se encontra o porto de Junçalão. O viajante Nicolau de Veneza, cuja peregrinação inseriu Poggio no livro da *Variedade da Fortuna,* e que se encontra juncta á traducção portuguesa de Marco Polo, impressa em Lisboa em 1502, é o unico (por nós conhecido) que faz menção especial da grande abundancia de páu brasil no reino de Tenacerim. Laloubere, o padre Gervais, Turpin, e os nossos historiadores nada particularisam ácerca deste paiz, e o mesmo Barthema que tanto se demora em descrevê-lo não fala do páu brasil. Sobre a pequena producção do aloés ou aguila em Tenacerim, que neste logar se menciona, consulte-se Garcia da Orta, e o padre Loureiro na Memoria sobre o páu d'aguila.

Pag. 113... «Conimata... Pater.»

Não nos atrevemos a determinar decididamente quaes sejam os reinos, que por estes dous nomes indica o auctor. Inclinamo-nos comtudo a crer que Pater seja Pedir e Conimata a ilha de Timor, onde segundo Eredia (Informação da Aurea Chersoneso) se encontra um porto a que elle chama Cámanaça.

APPENDICE

Dom manuel por graça de deus Rey de purtugal e dos alguarues daquem e dalem maar em affrica Senhor de guynee e da comquista navegação comercio detyopia arabya persya e da imdia. A quamtos esta nosa carta virem ffazemos saber que semdo pollo Ifamte dom amrrique meu tyo começado ho descobrymemto da terra de guynee na era de mill e quatrocemtos e trynta e tres com temçam e desejo de polla costa da dita terra de guinee se auer de descubryr e achar a Imdya, a qual atee os tempos dagora numca per elle foy sabyda, nom somemte com preposyto de a estes Reynos sse seguyr grande fama e proueyto das muitas rryquezas que nella haa, as quaees sempre pellos mouros forom pesoydas, mas porque a fee de noso senhor por mays partes fosse espalhada e seu nome conheçydo E despois ElRey dom afonso meu tyo e elrrey dom joham seu fylho queremdo com hos mesmos desejos proseguyr a dita obra com hasaz mortes e despesas em seu tempo hatee o rryo do infamte ffoy descuberto no anno de quatroçemtos e oytemta e dous[1], que sam mill e oyteçemtas e oytemta e

[1] Esta data, que, segundo o que já se advertiu na primeira edição, está errada, e que ahi se reputou interlineação do copista, acha-se assim em todos os registos da Torre do Tombo, onde está lançado o documento.

çinquo legoas domde primeiro sse começou a descubrir E nós com ho mesmo desejo queremdo comseguyr a obra que o dito infante e Reys nossos amteçessores tynham começada, comffyamdo que vasco da gama fidalgo de nosa casa era tall que por o que compre a nosso seruiço e em comprimemto de nosso mandado pospoerya todo perygo de sua pesoa e arriscamento de sua vyda, ho emviámos com nosa armada por capitão moor della emviamdo com elle paullo da gama seu irmão e nycolao coelho iso mesmo fydalgo de nosa casa a buscar a dita Imdya, na quall viagem nos elle asy seruyo que homde em tantos annos qee havya que o dito descubrymento era começado e a elle muitos capytães envyados e sse descubryram as ditas mill e oytocemtas e oitemta e cimquo legoas e elle nesta soo viagem descubryo mill e quinhentas e cinquoemta legoas, homde iso mesmo descubryo huuma gramde myna douro e muitàs villas e cydades muy rricas e de grandes tratos e em fim de seu descubrymento achou e descubryo a Imdia que per todollos escrytores que o mumdo escreueram, sobre todas as prouimcias delle esta de rriqua poseram, a qual todollos emperadores e gramdes Reys que no mumdo forom sobre todas esta dessejaram e sobre a quall tantas despesas deste rregno fforam feitas e nom menos mortes de capitães e outras gemtes e nom somente de todos Reys desejada de se posuyr mas de se ueer, ho quall descubrymemto e obra de tamtos tempos começada elle acabou nom com menos mas com mais mortes de homens despesas e peryguo de sua pesoa do que pollos outros foy começado e comtynuada morremdo na dita viagem paulo da gama seu irmão e asy ametade da gemte que em toda a dita armada emviamos pasamdo nella muitos perigos, asy polla vya-

gem seer muy lomga, que passou de dous annos, como tambem por nos ffazer mays verdadeira emformaçam da terra e cousas della. E vemdo nós ho muito seruiço que a nós e a nossos rregnnos na dita vyagem e descubrymento fez, e gramde proueito que nom somente a elles ditos nossos rregnnos mas a toda ha crystamdade se pode seguir e danyfycamento que aos ymfiees se espera por atee ho tempo dagora terem o logramento da dita Imdya e mais prymcipallmente pollo muito seruiço que a nosso senhor esperamos que se sigua por todas has gemtes da dita Imdya parecer que ligeyramente se poderám trazer a verdadeiro conhecimento de sua samta ffee pollo muyto que ja dela tem alguuns deles serem e estarem nela imteyramente confyrmados, queremdolhe em alguuma parte agalardoar ho muito que nos nysto tem seruido como todo primcipe deue fazer aaqueles que asy gramdemente e bem ho seruem. E por lhe ffazermos graça e merçee de nosso propyo moto liure vomtade certa syemçia poder rreal e aussoluto, sem nollo elle pedyr nem outrem por elle, lhe ffazemos pura liure e imrreuogauel doaçam deste dya pera todo sempre antre viuos valedoyra, de trezemtos mill reis de rremda em cada huum anno de juro e herdade pera elle e todos seus descemdemtes e em parte de pago delles lhe damos ha dizyma noua do pescado da villa de synes e de villa noua de mill fomtes asy e pella maneira que ella a nós e á coroa do rregnno pertemçe e ao dyamte pertemçer pode em preço e contya de sasemta mill reis que hachamos que val cadanno, e posto que ao dyamte mais creça será pera elle e pera seus herdeiros e se menos valer nós nom seremos hobrygado a lho compoer, a quall dizima de nós tynha dom martynho de castel bramquo veedor de nosa ffazemda

e nolla leixou pera a darmos ao dito vasco da gama e a elle demos satisfaçam della em outra parte, e asy lhe damos e queremos que aja polas nosas sysas da dita villa de synes çemto e trymta mill reis em cada huum anno que he o preço que rrazoadamente as ditas sysas hóra valem; das quaees sysas queremos e mandamos que se nom faça nenhuma despesa que seja asy pera nós como pera noso asemtamento nem pera outra nenhuma cousa per especiall que seja atee ele seer acabado de pagar da copya dos ditos cemto e trymta mill reis, e ho que mays creçer ho nosso almoxarife ho rrecadará pera nós e se menos rremder ho que ffaleçer auerá pollas nosas sysas de samtiago de cacem, e ele poherá de sua mão rrecebedor na dita villa de synes que rreçeba e rrecade hos ditos çemto e trimta mill reis. E acomtecemdo de os rremdeiros que forem das sysas della perderem ou nam quererem pagar como saõo obrigados então nos praz que elle dito vasco da gama ou sseus herdeiros ou seu rreçebedor posa costranger e ixeccutar os ditos rremdeiros pollo que hasy deuerem atee eles per emcheo sem quebra serem paguos da dita copya asy como farya ho nosso almoxarife arrecadamdo pera nós has ditas sysas, ho quall lhe emtregará pera yso suas fyamças e elles poderâm apellar ou agravar pera ho nosso comtador ou pera nosa fazemda sse nyso semtyrem serem agravados. E pera esta pagua ser mays çerta e segura nós nom faremos nenhuma quyta aos rremdeiros das ditas sysas em caso que perquam nellas. Outrosy lhe damos e queremos que aja elle e asy seus descendentes pollas nosas sysas da dita villa de samtiago quoremta mill reis em cada huum anno hos quaees averâm e lhe serâm pagos pollo noso rrecebedor dellas aos quartees do anno per em-

cheo sem neles auer quebra paguamdolhe primeiro seu quartel que outra nenhuma despesa que faça e asy de quartel em quartel tee fym do anno. E asy mesmo lhe pagará aos quartees sem quebra polla dita maneira qualquer dinheiro que lhe faleçese em a dita villa de synes pera comprýmento dos cemto e trynta mill reis levamdo certydão do noso comtador de beja da comtya que quebrou nas ditas sysas de synes. Ao quall mamdamos que tanto que elas forem arremdadas e souber o que asy nelas ha de quebra lhe dee logo a dita certidão e o dito rreçebedor cobrará sseus conhecimentos e os dará em comta ao nosso almoxarife ou rreçebedor da dita villa de beja, ao qual mandamos per esta que lhos rreçeba. E quamto he aos setemta mill reis que faleçem pera comprimento dos ditos trezentos mill reis lhe mandámos logo dar e asemtar asy de juro e derdade em a casa do paço da madeira desta cydade de lixboa, e ouve dello nosa carta patemte. E per esta mandamos aos ditos nosso allmoxarife e comtador de beja que ho metão logo em pose da dita dizima do pescado de synes e lha leixem ther lograr e pesuir e rremdar e arrecadar como lhe prouuer e asy lhe leixem auer rreceber e arrecadar pera sy em cada huum anno a elle e a todos seus herdeiros desçemdentes deste janeyro que ora passou da era de mill e quynhemtos em dyante pollas ditas sysas de synes hos ditos cemto e trynta mill reis na maneyra que dito he per esta soo carta sem mais tyrar outra de nosa fazemda, e por ho trelado della que fyeará rregistado no liuro do dito allmoxarifado lhe seram levados em despesa os ditos çemto e trimta mill reis de synes e asy hos coremta mill reis que ha dauer em samtyaguo. Outro sy ho fazemos almiramte da dita Imdya com todalas homrras priminemcias liberdádes

poder jurdyçam rremdas foros e direytos que com ho dito almiramtado per direito deue auer e as tem ho nosso almiramte destes rregnos segumdo mais compridamente se contem em seu rregymento, as quaees rremdas e direitos se emtemderâm dos lugares e terras que a nosso senhor aprouver della vyrem e estarem a nosa obydyencya. Outro sy nos praz e lhe outorgamos e lhe fazemos doaçam e merçê de juro e derdade deste dia pera todo sempre que numca em tempo alguum posa seer rreuogado que ho dito vasco da gama e todos seus desçemdentes que herdarem e ouuerem hos ditos trezemtos mill rreis de rrenda em cada vyagem que emvyarmos nauyos á dita Imdya, emtemdendose cada anno huma vez, posam mamdar nelles duzemtos cruzados e trazellos nas mercadorias que lhe aprouuer sem delas nos pagar outro direito nem tributo alguum saluo pagar a vymtenna ha hordem de christo. E mandamos aos nossos capytãaes e feitores que lá forem que lhe leuem hos ditos duzemtos cruzados e os tragam empreguados nas ditas mercadoryas. E bem asy o ffazemos a ele dito vasco da gama de dom, e por seu respeito yso mesmo queremos e nos praz que ayres da guama e tareyja da gama seus irmãaos sejam de dom e se posam todos daquy em dyante chamar de dom e asy seus fylhos e netos e todos aquelles que deles descemderem. A qual doaçam lhe asy fazemos deste dya pera todo sempre de juro e derdade como dito he sem embarguo de quaeesquer leix hordenações direitos canonycos e cyues grosas foros custumes opynyões de doutores capytollos de cortes e cousas que comtra esto sejam ou ao dyamte posam seer feytas, as quaees todas e cada huma dellas aquy avemos por expresas e decraradas e por de nenhum efeyto e vygor. E queremos e manda-

mos que esta nosa carta de doaçam tenha e valha asy e tam comprydamente como nella he comtheudo e prometemos por nós e nossos soçesores que após nós ham de viir de numca hyrmos comtra ella em parte nem em todo amtes ha fazermos sémpre compryr e mamter como nella he contheudo; e asy rrogamos ee mcomendamos aos nossos sobcessores por nosa bemçam que numca comtra ella vaão em parte nem em todo amtes ha façam asy compryr e manter como nella he decrarado por quamto asy he nosa merçe. Outro sy queremos e mandamos que os herdeiros do dito vasco da guama que esta mercê ouuerem derdar se chamem da gama por lembramça e memorya do dito vasco da gama e em testemunho e por fyrmeza de todo lhe mandamos dar esta nosa carta per nós asynada e aselada de nosso selo pemdemte. Dada em a nosa cydade de lixbooa a dez dias do mes de janeiro: guaspar rrodrigues a fez anno de nosso senhor Jhesu Christo de mill e quynhemtos e dous.

Liv. III *de D. João III, fol.* 166.

Dom manuell etc. A quantos esta nossa carta vyrem fazemos saber que por parte do almirante dom vasco da gama nos foy apresemtada huma carta de que o teor tal he como sse segue. Dom manuel etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que asy como pela deuinall justiça justamente no outro mundo ssão dados premeos e galardoes eternaes aaqueles que neste

mundo vivendo no conhiçimento da nossa santa fee catolica boas obras fezerão e segundo os mereçimentos de cada huum asy rrecebe o galardão, asy per este enxenplo aos Rex e prinçepes temporaes e postos da mão de deus pera justiça e gouernança daqueles lhe são emcomendados, he coussa muito devyda e justa premiarem e galardoarem aqueles que os bem seruem, não ssomente pera os taes sseus seruiços serem rremunerados e satisfeitos mas aynda porque aos outros sseja emxenplo de bem obrarem e niso com virtuosa emveja sse entenderem: notoria coussa he a estes nossos senhorios e ainda fora deles o muy grande e asynado seruiço que a nós e a eles tem feito vasco da gama almirante da India no descobrimento da dita India que fez na primeira vyagem que a yso o envyamos donde a nós se seguyo tão grande e asynado seruiço e aos ditos nossos rreinos e naturaes se rrecrecerão tantas riquezas e proueitos como louuores a nosso senhor são vystos e com sua ajuda mays esperamos, porque àquello que pelos rromaos e per muitos enperadores rrex e princepes e por nossos antecesores per muitos tenpos foy desejado e com muitos trabalhos despesas mortes e periguos de gente mandado buscar esta prymeira veez per nosso mandado achou e descobrio o dito almirante comseguymdo aquelle fym per que todos trabalharão de que o proueito cobyçado de tantas gentes rrecreçeo a nós e aos ditos nosos rreinos com muito trabalho e rrysco de sua vyda e pesoa e mortes daqueles que consyguo então leuou, porque mais dametade da gente nesta primeira vyagem lhe faleçeo antre os quaes entrou paulo da gama sseu irmãao que com ele emvyámos. E por este primeiro seruiço e a sua tornada lhe fizemos merçe e o acrecentamos ssegundo que emtão de nós o rreçe-